

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCO AURÉLIO GHISLANDI

**ENTRE CARISMA E PODER: O TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES DA
ORDEM CAPUCHINHA EM CURITIBA A PARTIR DE SÃO FRANCISCO DE
ASSIS**

CURITIBA

2008

MARCO AURÉLIO GHISLANDI

**ENTRE CARISMA E PODER: O TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES DA
ORDEM CAPUCHINHA EM CURITIBA A PARTIR DE SÃO FRANCISCO DE
ASSIS**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho

CURITIBA

2008



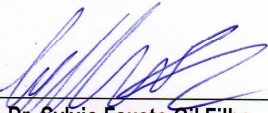
PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia, reuniram-se para realizar a argüição da Dissertação de Mestrado, apresentada pelo candidato **MARCO AURÉLIO GHISLANDI**, intitulada: **“ENTRE CARISMA E PODER: O TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES DA ORDEM CAPUCHINHA EM CURITIBA A PARTIR DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS”**, para obtenção do grau de **Mestre** em Geografia, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Área de Concentração Espaço, Sociedade e Ambiente, Linha de pesquisa Território, cultura e representação.

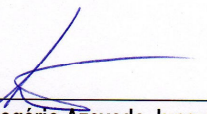
Após haver analisado o referido trabalho e argüido o candidato, são de parecer pela **APROVAÇÃO** da Dissertação com menção **DISTINÇÃO**.

Curitiba, 18 de junho de 2008.

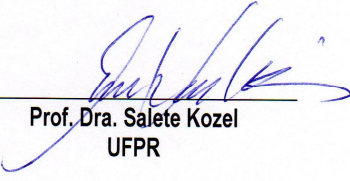
Nome e assinatura da Banca Examinadora:



Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho
(Orientador e Presidente da Banca)



Prof. Dr. Sérgio Rogério Azevedo Junqueira
PUCPR



Prof. Dra. Saete Kozel
UFPR

Dedico este trabalho aos meus pais Jaime e Mara, a meus irmãos Carlos Eduardo e Francine, que junto a mim compõem o sonho de Deus na Terra, que é viver em família.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo imenso amor, carinho e constante apoio, incentivo e confiança em mim e em meu trabalho, bem como aos meus irmãos, Carlos Eduardo e Francine que sempre me incentivaram na busca da realização meus sonhos.

Aos meus avós Geraldo e Francisca, Laudelino e Iracema, que me proporcionaram sempre momentos de sabedoria e fé muito grandes.

Aos meus tios e primos, pelos momentos de convivência e aprendizagem.

Aos meus saudosos amigos de Nova Veneza, dos quais não me esqueço jamais, e que fazem parte importante de minha história: Celton, Dano, Berti, Fernando, André, Daniel, Túlio, Magenis, Jéferson, Igor, Israel, Cau, Jonathan, Dudu Gamba, Carla, Graciela, Camila, os quais recordo neste momento.

A todos os meus professores, e meu orientador Sylvio Gil que me conduziram até aqui nas tramas do conhecimento.

Aos grandes amigos que fiz nas trilhas da Geografia, pelas discussões, confraternizações e incentivos: Marcelo Rakssa e Kalina, Carla Holanda, Diogo Labiak Neves, Fabiano Feuldaus, Juliano Geraldi, Leandro 'Mineiro', Rosa Moura, pelo permanente apoio e companhia, incluindo o grande Luis Carlos Zem, secretário do Programa de Pós-graduação, pela amizade e disponibilidade em colaborar.

Aos frades capuchinhos que colaboraram com muita alegria com meu trabalho, e a Dom Moacyr, bispo de Curitiba, pela disposição e atenção.

Ao meu amigo e companheiro Kleberon Massaro Rodrigues (Chita) bem como aos demais que compartilham e compartilharam comigo um ideal de educação Marista: Ana Zugno, Leila, Carmen, Lourdes, Sandra, José Roberto (Zero), Mafalda, Maurícia, Madame Beth, Any Souza, Adriana, Andréia Rabello, Thais Bueno, Eliane, José Manoel, Karin, Elemar, Valentin, Ir Frank, Ir. Brolo, Ir. Cecatto, Ir. Alvanei e Ir. Balestro.

A Nayellen que nos últimos meses, trouxe novo sentido a minha vida e me apoiou muito nas horas de cansaço.

A todos os meus alunos do colégio Marista Paranaense, pela atenção quanto ao meu mestrado e pelo seu intenso incentivo.

Enfim a todos aqueles que, nesta reta final, me faltarem nos pensamentos, idéias e palavras; e que porventura não tenha aqui mencionado, agradeço e dedico de coração este trabalho.

“Como Saudação, revelou-me o Senhor que disséssemos: O Senhor te dê a paz”.

Francisco de Assis
Testamento Espiritual



RESUMO

Explorar o conceito de carisma a partir da pessoa de São Francisco de Assis, traduzindo-o como poder, e como estrutura estruturante, bem como compreendê-lo como elemento constitutivo dos territórios e territorialidades da Ordem Capuchinha em Curitiba-PR é o objeto central deste trabalho. Assim, buscando esta compreensão, serão aqui utilizados e trabalhados os conceitos de carisma e poder, território e territorialidade e *habitus*, os quais favorecerão a idéia de articulação entre estrutura estruturante (carisma de São Francisco de Assis), e as ditas estruturas estruturadas, da Igreja, da Ordem Capuchinha e da própria cidade de Curitiba, revelando as relações de poder que dali surge. Deste modo, apontadas estas relações, poderá se ter um melhor entendimento dos territórios e territorialidades dos capuchinhos. Portanto pensar e analisar estas relações é buscar identificar a presença do poder e, por conseqüência seus efeitos. Assim, ao passo que se determinam tais situações, e se promove uma análise desses fatos, elabora-se também uma análise de um determinado território e suas possíveis territorialidades. Quando se defini o que seja território, e em sentido geral entende-se que seja a definição e delimitação do espaço, encontram-se ali as marcas do poder; e por que não dizer do carisma? Pensando desta maneira, a partir da análise da relação entre estrutura estruturante e estruturas estruturadas que estarão relacionadas à Igreja Católica Romana, a cidade como entidade pública, e por fim, com a própria Ordem Capuchinha, eis o desejo do presente projeto.

Palavras Chaves: Carisma. Poder. Território e territorialidade.

ABSTRACT

To explore the concept of charisma from the person of Saint Francis of Assisi, translating it as power, and as a structural structure, in the same way that it is understood as a constitutive element of the territories and territoriality of the Capuchin Order in Curitiba-Pr, is the essence of this present study. Therefore, searching for perception, the concepts of charisma and power, along with the concepts of territory and territoriality and habitus, will be used and elaborated here, allowing the idea of articulation between the structural structure (Saint Francis of Assisi charisma) and the so said structured structures of the Church, of the Capuchin Order, and of the city of Curitiba, revealing the relations of power that emerge from there. In such a manner, punctuating these relations, the territories and territorialities of the Capuchin will be better comprehended. In such way, thinking and analyzing these relations is trying to identify the presence of power, and consequently, its effects. And so, while punctuating these situations and promoting an analysis of these facts, another analysis of a specific territory and its possible territorialities is created. When one defines what a territory is, and in a global sense it is understood that a territory is the definition and delimitation of space, the signs of power will be found there, and why not say, the signs of charisma. When thinking in such a manner, from the analysis of the relation between structural structure and structured structures related to the Roman Catholic Church, the city as a public entity, and thus the proper Capuchin Order, is the yearning of the present project.

Key words: Charisma. Power. Territory and territoriality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - O PAPA INOCÊNCIO III APROVA A REGRA FRANCISCANA.....	42
FIGURA 2 - SÃO FRANCISCO RENUNCIA AOS BENS DE SEU PAI E A RIQUEZA TEMPORAL.....	44
FIGURA 3 - SÃO FRANCISCO SUSTENTA A IGREJA QUE VACILA	45
FOTOGRAFIA 1 - SANTA MARIA DOS ANJOS.....	46
FOTOGRAFIA 2 - PORCIUNCULA.....	46
FIGURA 4 - O CORAÇÃO DO FRANCISCANISMO	49
FIGURA 5 - REPRESENTAÇÃO DE ASSIS	52
FIGURA 6 - REPRESENTAÇÃO DE ASSIS	52
FOTOGRAFIA 3 - ASSIS ATUALMENTE	53
FIGURA 7 - PAÍSES COM PRESENÇA DA ORDEM CAPUCHINHA.....	63
FIGURA 8 - PAÍSES COM PRESENÇA DA ORDEM CAPUCHINHA – AMÉRICA DO SUL	66
FIGURA 9 - CONFERÊNCIA DO BRASIL – PROVÍNCIAS E VICE-PROVÍNCIAS CAPUCHINHAS	67
FIGURA 10 - PROVÍNCIA CAPUCHINHA SÃO LOURENÇO DE BRINDES.....	68
FOTOGRAFIA 4 - CASA PROVINCIAL	71
FOTOGRAFIA 5 - VISTA AÉREA DE FRENTE DA IGREJA DAS MERCÊS.....	72
FOTOGRAFIA 6 - VISTA AÉREA DE FUNDOS E LATERAL ESQUERDA DA IGREJA DAS MERCÊS.....	72
FOTOGRAFIA 7 - CASA DE ORAÇÃO.....	73
FOTOGRAFIA 8 - MATRIZ NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS.....	73
FOTOGRAFIA 9 - CENTRO SOCIAL NOSSA SENHORA DA LUZ.....	73
FOTOGRAFIA 10 - CRECHE FREI MIGUEL.....	74
FOTOGRAFIA 11 - CAPELA SÃO LEOPOLDO MANDIC	74
FIGURA 11 - PRESENÇA CAPUCHINHA EM CURITIBA	75
FIGURA 12 - REPRESENTAÇÃO DAS PRINCIPAIS RELAÇÕES DESENVOLVIDAS A PARTIR DO CARISMA DE SÃO FRANCISCO.....	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: GEOGRAFIA E RELIGIÃO	16
1.1 UMA GÊNESE CONTÍNUA.....	16
CAPÍTULO II: CARISMA E PODER: UMA RELAÇÃO SIMÉTRICA	25
2.1 CARISMA: UM DOM SAGRADO PARA CONCRETIZAR-SE NA TERRA.....	25
2.2 CARISMA: UMA FORÇA MOTRIZ.....	29
2.3 <i>HABITUS</i> : UM PRINCÍPIO DE LIGAÇÃO	34
2.4 TERRITÓRIO: O PALCO DAS MARCAS DO PODER.....	36
2.5 FRANCISCO E O SEU PODER CARISMÁTICO	40
2.5.1 Francisco e a Igreja: Um discurso de apropriação cristalizado no território .	43
2.5.2 São Francisco e a ordem franciscana: O vigor de um carisma	47
2.5.3 De Francisco Bernardone a Francisco de Assis: A representação de uma cidade	50
2.6 TERRITÓRIO, <i>HABITUS</i> , CARISMA E PODER: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL.....	54
CAPÍTULO III: FRANCISCANISMO: A FORÇA E MULTIPLICIDADE DE UM CARISMA E SUAS TERRITORIALIDADES	60
3.1 OS FRADES MENORES CAPUCHINHOS: A NOVA FRANCISCANIDADE... 61	
3.2 AS ESTRUTURAS DA ORDEM CAPUCHINHA: TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE.....	63
3.3 SÃO LOURENÇO DE BRINDES: DA ITÁLIA AO BRASIL	69
3.4 OS CAPUCHINHOS E SEUS ESPAÇOS EM CURITIBA	70
CAPÍTULO IV: DISCURSO E VIVÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DE UM IDEAL 76	
4.1 CAPUCHINHOS: OS FILHOS DE FRANCISCO	77
4.2 PARÓQUIAS: UMA RELAÇÃO ENTRE IGREJA, CARISMA E FATOR SOCIAL	79
4.3 CONVENTO E CASA DE ORAÇÃO: A PROMOÇÃO DO <i>HABITUS</i>	91
4.4 A CASA PROVINCIAL: ORGANIZAR É PRECISO.....	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
FONTES	104
REFERÊNCIAS	105

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	109
SITES CONSULTADOS	111
ANEXO	112

INTRODUÇÃO

Promover um trabalho acadêmico que esteja ligado à questão religiosa realmente não é novidade dentro da Geografia. Porém, percebendo ser possível buscar novos meios de estudar geografia, sem deixar de atentar para o que já se realizou anteriormente, este trabalho tem como objetivo principal desenvolver a análise das relações que constituem um território a partir do carisma de São Francisco de Assis.

Personagem historicamente solidificada, e inspirador de vários estudos científicos em diferentes áreas do conhecimento, tais como história, sociologia e psicologia, Francisco de Assis, a partir da proposta deste trabalho, passará a fazer parte dos estudos da geografia, tendo como elemento articulador o carisma de São Francisco. É por meio do entendimento do carisma de Francisco que se efetivará o presente trabalho.

Porém, para que isto ocorresse foi necessário desenvolver uma concatenação dos conceitos de carisma/poder, *habitus* e do conceito de território. Focado neste tripé, carisma/poder, *habitus* e território, todo o trabalho visou compreender e demonstrar as relações possíveis, que surgem a partir do território de origem franciscana, revelando em determinado ponto a presença de determinada territorialidade capuchinha.

Para tanto o estudo teve como recorte espacial a cidade de Curitiba, especificadamente os locais que pertencem à Ordem dos Capuchinhos. No caso de Curitiba, congregam o trabalho a Paróquia Nossa Senhora das Mercês, o Convento Nossa Senhora das Mercês e a Sede Provincial no bairro Mercês. No bairro CIC se encontram a Paróquia Nossa Senhora da Luz dos Pinhais e a Capela São Leopoldo Mandic e, por fim, a Casa de Oração Nossa Senhora do Anjos em Lamenha Pequena.

Foi por meio do estudo destes locais que se efetivou o desenvolvimento do trabalho e se trouxe à tona as relações que o carisma de São Francisco ali desenvolve.

Desta forma, toda problemática foi desenvolvida a partir das seguintes hipóteses.

- a) Francisco de Assis, inspirador da formação de uma ordem religiosa, é portador de força carismática reconhecida como estrutura estruturante.

- b) O carisma promove e mantém relações de poder, e pode ser traduzido como tal.
- c) O carisma de Francisco, incorporado pelos seus seguidores, determinaria uma institucionalização do carisma, gerando a promoção e manutenção de um determinado *habitus*.
- d) A Ordem Franciscana dos Menores Capuchinhos (OFM Cap.) como mantenedora e propagadora deste carisma, promove e constitui territórios e territorialidades desenvolvendo relações específicas com determinadas estruturas estruturadas em cada um deles.

A partir dessas hipóteses, o trabalho teve como intuito, antes de tudo, trazer a baila uma reconstituição histórica de algumas abordagens propostas pelos geógrafos quanto ao tema religião. Este aspecto, que é o tema central do primeiro capítulo, visou demonstrar como a geografia desenvolveu, ao longo do tempo, métodos e técnicas de fazer geografia, tendo, como elemento central ou não, a religião. Tal reconhecimento, é certo, proporcionará uma caminhada mais tranqüila para o entendimento do trabalho, visto que, de algum modo, toda idéia que ali seguir não poderá deixar de clarear o entendimento daquilo que se propõe.

Uma idéia, que é destaque e de grande importância, é a proveniente do pensamento de Gil Filho sobre as espacialidades do Sagrado. Sua compreensão sobre as dimensões desta espacialidade sugere a existência de uma dimensão institucional do Sagrado, passível de análise. Tal dimensão, que se constitui ao nível das relações sociais, oriundas das relações de poder, remete perfeitamente ao objeto de estudo deste trabalho, caso a Ordem dos Capuchinhos. Portanto esta idéia colabora muito ao apontar um caminho possível de investigação geográfica dos locais de presença e atuação da Ordem Capuchinha.

Na seqüência, após a realização deste resgate histórico-metodológico, o próximo objetivo foi desenvolver uma abordagem teórica sobre os conceitos pertinentes ao estudo, passando pelo conceito de carisma/poder, *habitus* e território, bem como a identificação de suas relações a partir de situações já historicamente constituídas, tendo no final um pequeno desfecho relacional entre os conceitos. Esta etapa, que aparecerá no segundo capítulo, será capaz de produzir as condições necessárias para o estudo das hipóteses propostas.

Para tanto, desde o discurso eclesiástico proposto pela Igreja Católica, até ao entendimento sociológico do carisma fazem parte do estudo. Porém, especificadamente neste trabalho, o conceito de carisma que serve de base do estudo é o desenvolvido por Max Weber e Leonardo Boff. Weber, com seu ideal de carisma como forma de dominação pura e Boff com a idéia de ser o carisma uma estrutura estruturante, capaz de instaurar e manter determinadas instituições, reforça o argumento destaque deste estudo. Por meio destes dois autores o carisma será observado como poder e, conseqüentemente, dará sustentação às visualizações das relações que se desenvolvem em determinado espaço traduzido aqui em território, relacionado à Ordem dos Capuchinhos.

No término desta abordagem conceitual mais específica do carisma/poder encaminha-se o passo seguinte, visando demonstrar os demais conceitos: *habitus* e território. Para o entendimento do conceito de *habitus* a literatura utilizada é a desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu. É por meio deste conceito que o carisma poderá ser visto como elemento capaz de originar e manter um modo de vida, o qual se faz presente em determinados sujeitos; neste caso, no modo de vida dos frades capuchinhos, seguidores e imitadores de São Francisco. Quando se identifica este *habitus*, se identifica a presença contínua do carisma, porém institucionalizado. Este será, de algum modo, exteriorizado pelo sujeito portador de *habitus*, pois o carisma incorporado pelo sujeito acaba por refletir no mundo das suas escolhas e maneiras de viver. Assim, passará sempre a criar determinadas relações sociais, relações que demonstram a presença do poder.

Por fim, considera-se o conceito de território, que fecha o tripé teórico-conceitual deste estudo. Para este conceito é utilizada com destaque a idéia do geógrafo francês Claude Raffestin. Para ele, o território é visto e entendido como campo das relações de poder; relações estas que se fazem presentes em vários focos, até mesmo na religião e especialmente na Igreja.

Como o presente trabalho tem por base uma instituição religiosa que se origina a partir de um carisma/poder, crê-se que a visão de Raffestin cabe de modo muito peculiar para o desenvolvimento este conceito. Neste mesmo momento, também haverá abordagem do que seja territorialidade, uma vez que, como se está tratando de território neste trabalho, este tenciona-se também em territorialidade, faz-se oportuno apresentar seu entendimento. Na mesma perspectiva da

territorialidade daqueles autores utilizados nesta abordagem são basicamente os mesmos do conceito de território.

Juntamente a esses conceitos, buscar-se-á de modo particular, demonstrar, a partir de alguns elementos representativos, a identificação de relações entre o carisma/poder e o território, tendo como base pinturas de Giotto sobre a vida de São Francisco, a imagem atual da Basílica Santa Maria dos Anjos e da Porciúncula, local de início da vida religiosa de Francisco de Assis e de duas figuras representativas da cidade de Assis.

Por meio destes elementos se trará em primeiro momento de algumas relações de poder que se manifestam a partir do carisma de São Francisco e a Igreja, a Ordem Franciscana e com o Estado, podendo ser elas identificadas também nos locais determinados neste trabalho.

Dentro deste aspecto, se demonstrará como o carisma ao se tornar uma estrutura estruturante, de caráter subjetivo, se relaciona com determinadas estruturas estruturadas, (Igreja, Ordem Capuchinha e a cidade), gerando conseqüentemente relações sociais/poder com cada uma delas, determinando territórios e também possíveis territorialidades.

Na seqüência, o terceiro capítulo traz, de maneira pontual, um pouco da história correspondente da Ordem dos Capuchinhos, a partir de sua origem, passando pelo seu modo de organização atual, sua base demográfica que se constitui em Curitiba. É um capítulo onde figuram os locais referenciais deste trabalho. Importa apontar que no caso específico de Curitiba, a Ordem dos Capuchinhos está ligada à Província São Lourenço de Brindes e compreende outras unidades espalhadas pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e no Paraguai.

Vale lembrar que os capuchinhos fazem parte da 1ª Ordem Franciscana, que é composta por três ramos diferentes: os Frades Menores, os Menores Conventuais e os Capuchinhos, os quais historicamente só surgem no século XVI.

Neste capítulo, se fará também a apresentação formal dos locais, através de imagens e de um mapa que demonstre sua localização, a partir da determinação dos bairros onde eles se encontram.

No quarto e último capítulo, se faz exposição e análise de trechos das entrevistas realizadas com os frades capuchinhos, o Bispo de Curitiba e a coordenadora da obra social Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, conjuntamente a trechos da Constituição dos frades capuchinhos, no tocante a visão e orientação de

questões formativas capuchinhas e da constituição de determinados locais institucionais.

Conjunto este capítulo, antes das análises, fará uma abordagem da questão metodológica utilizada em relação às entrevistas e as constituições capuchinhas.

Destas entrevistas e das constituições surgiram as análises, a partir dos conceitos anteriormente explorados no trabalho, revelando como se dão as relações de poder que se originam a partir do carisma de São Francisco e que estão relacionadas a cada local estudado especificadamente, favorecendo a compreensão do território e das territorialidades da Ordem Capuchinha.

Por fim, após realizar o trajeto de pesquisa, desde o resgate histórico dos trabalhos geográficos sobre a religião, da abordagem teórica dos conceitos chaves, da exposição organizacional da Ordem Capuchinha e da análise das entrevistas e das constituições capuchinhas, se abrirá o caminho para as conclusões finais que giram em torno dos desdobramentos que articulam o carisma de São Francisco e a compreensão das relações de poder que se manifestam prioritariamente em cada um dos locais por ele promovido, bem como de uma avaliação de sua utilização como elemento conceitual para novos estudos geográficos e de como tais estudos podem servir à Igreja e à Ordem Capuchinha, ou para outras ordens, a fim de melhorarem seus entendimentos quanto aos seus projetos de manutenção e expansão territoriais.

CAPÍTULO I - GEOGRAFIA E RELIGIÃO

As pesquisas e reflexões até hoje realizadas no campo da Geografia certamente remetem a um grande campo de possibilidades. Promover uma pesquisa dentro desta área do conhecimento é muitas vezes um ato semelhante ao de lançar redes, dentro de um imenso mar. Desta maneira, todo aquele que visa efetuar um trabalho de caráter geográfico, deve saber em que ramo desta área do conhecimento quer realizá-lo, bem como saber como este ramo se originou e se transformou até aqui. Isto concederá ao pesquisador um porto seguro sempre que se sentir perdido.

No que tange à Geografia Humana, onde o homem surge como anfitrião, ou melhor, se faz elemento primordial de análises, de pronto se percebe uma grande multiplicidade de modos de vida deste homem no mundo. Assim, surgem as diversas maneiras de classificá-los.

Em caso específico, este trabalho tem como elemento principal a observação da geografia pelo ótica da religião. Não é de hoje que a religião se encontra no centro de interesse dos estudiosos. Muitas áreas do conhecimento humano tiveram e encontraram nela, razões de trabalho.

A partir deste pensamento, é importante que antes de tudo se gaste certo tempo pontuando e alguns momentos que ocorreram à utilização da religião pela Geografia. É bom que se reconstituam, mesmo que breve, os caminhos até aqui trilhados pelo que se pode denominar Geografia da Religião. A partir disto, demonstrar-se-á quanto este ramo da Geografia se vem transformando ao longo do tempo e de como vem promovendo uma gênese sempre contínua de seus trabalhos. É pensando nesta gênese contínua que se poderá sem receios, efetivar-se novo trabalho tendo como base a religião, como elemento capaz de proporcionar uma melhor leitura do espaço.

1.1 UMA GÊNESE CONTÍNUA

Tendo como base o âmbito da Geografia Cultural, que estuda vários temas, entre os quais se encontram as festas, a memória, a literatura, o cinema e a música. Especificamente para se trabalhar a temática religião, de início, é bom lembrar que a partir dos mais recentes registros históricos, se diz- que há milhares de anos a

humanidade convive com as mais variadas formas de expressão religiosa. Talvez, se possa até afirmar que estas expressões formem o primeiro ato de representação humana e que a religião é a primeira educadora do homem. Fora desta discussão, o que se pode afirmar é que a religião se propagou por todos os cantos do planeta, atingindo plenamente a vida da humanidade. A isto se pode chamar: Fenômeno Religioso.

É a partir deste fenômeno e suas mais variadas formas de expressão, que muitas áreas do conhecimento decidiram eleger a religião como objeto de seus estudos. Sejam historiadores, sociólogos, psicólogos ou geógrafos, todos buscam através de seus meios entender melhor esta manifestação, compreendendo conseqüentemente a realidade humana.

O geógrafo italiano Gastone Imbrighi (1961) comenta a importância da geografia religiosa nos estudos do homem, dando como base o seguinte relato:

Não por falta de razão, se diz que a geografia religiosa mexe na atividade humana material e espiritualmente, em quase todos os seus elementos. Ela é ramo da antropogeografia, diretamente fundada sobre o homem, desde a sua aparição sobre a face da terra até hoje e é seguimento diretamente conexo com o mundo físico, com o transformar dos primeiros núcleos estatais, com a expansão máxima das civilizações, das doutrinas e das ideologias fundamentais [...]. Portanto, não é inteiramente exagerada a alegação de que a geografia religiosa torna a olhar o homem e o universo. (IMBRIGHI, 1961, p9/10).

No dizer de Imbrighi, encontra-se uma grande valorização da relação homem e religião, demonstrando quão extensa é a área de pesquisa da geografia religiosa; conforme o autor, a área está relacionada diretamente ao homem e o universo. Em relação a esta escala, pode-se supor que o estudo das religiões pela geografia se torna facilmente possível.

No que tange especificamente à Geografia Cultural, o ramo chamado geografia da religião passa, a ter condições de realizar trabalhos que compõem a relação homem e religião, dentro do espaço.

Não é de hoje que se operam trabalhos em geografia da religião; como registramos acima, pode-se fazer registrar que o que se modifica com o tempo são os métodos e aportes teóricos de seu estudo. Sendo assim, apontar ordenadamente as fases de desenvolvimento da Geografia das Religiões pode produzir melhor compreensão das reflexões que aqui seguirão.

Para tanto, vê-se o ordenamento histórico que Rinschede (1999) *apud* Gil Filho (2007), constrói da Geografia das Religiões, como se explicita em seguida.

- Geografia Religiosa desenvolvida no âmbito de uma Geografia Cristã (Antiguidade).
- Geografia Eclesiástica alinhada a Teologia e à Igreja Cristã (Idade Média e Início da Idade Moderna).
- Geografia Bíblica (séculos XVI e XVII).
- Abordagem Cosmológica (Hegel) séculos XVIII e XIX.
- Geodeterminismo (a religião marcada pelo ambiente) séculos XIX a XX Huntington (1907) e Semple (1911) influenciados pelo darwinismo.
- Ecologia da Religião de Hultkrantz (1966).
- Ambientalismo (Fickeler, Troll, Deffontaines) primeira metade do século XX.
- Abordagem da Geografia Social (Francesa 1930 e Alemã 1950).
- Abordagem Interdisciplinar da Geografia da Religião (Fickeler, Sopher, Büttner, Levine) 1960.
- Abordagem da Geografia das Atitudes e Valores (Büttner, Galluser, Leitner, Nach Holzner) 1980.

É lógico que o ordenamento acima trata de uma simples constatação temporal dos trabalhos. Porém ele permite uma visão geral dos trabalhos já realizados e quais métodos e teorias neles foram empregados. Através deste ponto, é importante e oportuno apontar algumas reflexões sobre alguns destes ordenamentos propostos ao longo da história geográfica.

Por longo tempo, os geógrafos procuraram atribuir em seus estudos um lugar satisfatório aos fatos religiosos. Eles eram sensíveis à coloração que a moral confere aos estilos de vida, aos símbolos que a fé inscreve na paisagem aos ritmos que a religião outorga à existência, mas não sabiam como levar em consideração as convicções íntimas, pois elas não existem senão no espírito dos povos. A disciplina era concebida conforme o modelo das ciências sociais, e aqueles que a praticavam desejavam ser homens positivos. A dimensão religiosa era abordada apenas de passagem, nas análises religiosas. (CLAVAL, 1999, p.37).

A questão desencadeia importante reflexão. Ela aponta novo paradigma dentro da geografia da religião. É preciso mudar o modo de estudá-la. A religião possui outros aspectos importantes a serem estudados e não podem ser deixados de lado.

As religiões e sua distribuição vêm sendo citadas há bastante tempo em trabalhos geográficos, livros, textos e Atlas, mas a maioria destes dificilmente ultrapassa a descrição factual, mais ou menos detalhada, e raramente oferece alguma indicação ou explicação dos impactos geográficos. (FICKELER (1999) [1947], p.7).

Percebe-se que até então a geografia da religião era somente uma descrição “superficial” das religiões em seus aspectos comuns da realidade. Ao definir os setores da população católicos ou protestantes, classificar os templos faz-se da paisagem o grande enfoque dos geógrafos deste período. É neste período que muitos geógrafos da religião optam por ter como meio de estudo os gêneros de vida.

Tal posição demonstra que “os trabalhos que abordam a dimensão geográfica dos fatos religiosos com base na geografia clássica são muitas vezes apaixonantes: eles buscam indicar as marcas do religioso na paisagem, eles assinalam como os calendários religiosos se adaptam aos gêneros de vida”. (CLAVAL, 1999, p. 57)

É lógico que para a história da geografia da religião, os trabalhos baseados neste prisma não devem ser desprezados. Porém importa que se entenda a crítica feita a eles.

mas também paralisando-os;[...]. Os resultados são, portanto, consideráveis, mas as obras que abordam a geografia da religião curiosamente não satisfazem os seus leitores [...] tem-se a impressão de que os geógrafos giram em torno do tema, que eles o abordam a partir de uma série de facetas úteis que entretanto, por não irem ao âmago da questão mostram-se díspares sem visão global, sem um fundamento teórico.(CLAVAL 1999, p. 42).

Esta “reclamação” de não se estar indo ao âmago da questão, força o geógrafo a buscar um novo fundamento para seus trabalhos. Ainda deste período, porém com uma maior abertura na utilização dos métodos até então utilizados, surgem novos nomes que dão início a novos estudos sobre a religião. Entre eles Siegfried e Gourou despontam como precursores. Em seus trabalhos, a religião é apreciada como elemento da cultura. Porém, a religião não toma lugar no centro das investigações; ela fica relegada a ser parte da cultura. Sente-se aqui um sensível avanço do pensar a religião dentro da geografia.

No final dos anos 60¹, os estudos geográficos da religião eram fortemente inspirados pela Geografia Cultural da Escola de Berkeley, sendo David

¹ A autora refere-se ao ano de 1960.

Sopher o geógrafo de maior expressão [...]. Sopher analisa os fenômenos religiosos, abordando a interação espacial destes com uma dada cultura e seu ambiente terrestre complexo entre diferentes culturas. (ROSENDHAL, 2004).

Percebe-se que a geografia da religião abre novas possibilidades de ser vista, porém como apêndice da cultura. Com o tempo ocorreram evoluções nos trabalhos da sociologia da religião e das ciências da religião. Em virtude desta evolução, a geografia da religião também evoluiu. Desta evolução abre-se espaço para uma abordagem de caráter fenomenológico, surgem com força os conceitos de sagrado e profano. Um novo universo se edifica por meio do estudo das representações mentais e das análises das experiências religiosas, que servirão como chave para a compreensão da organização dos espaços. Para tanto a colaboração de Eliade na elaboração dos conceitos de sagrado e profano e da visão de sagrado de Otto são de fundamental importância para uma abordagem da geografia da religião atual. Deste modo, se inicia uma nova proposta, proposta de uma geografia com base no espaço sagrado, que compreende basicamente uma dimensão do homem em sua natureza individual, uma dimensão social e dimensão institucional.

No decorrer das últimas décadas, a geografia da religião aposta nos conceitos de sagrado e profano para realizar seus trabalhos. A religião, na perspectiva da geografia cultural, possui como foco central os conceitos de sagrado e profano, conceitos tornados fundamentais com Eliade (1962) e considerados numa abordagem geográfica por Tuan (1979) e Rosendahl (1996, 1997, 1999 e 2001).

Porém, neste ponto da história, pode-se afirmar que se inicia nova etapa dos estudos geográficos a partir da religião. O que passa a acontecer, não é mais uma geografia das religiões em si, ligada a uma descrição pura a partir das paisagens ou de simplesmente ligar a religião à cultura, mas sim, uma geografia da religião buscando seu aspecto mais essencial, o fenômeno religioso. A experiência do vivido e as representações sociais dos sujeitos passam a vigorar como meios de entender e explicar a religião no espaço.

A religião deixa de ter seu aspecto meramente objetivo e ganha análises de seus aspectos subjetivos. A contribuição da fenomenologia para os futuros trabalhos e novos entendimentos será de extrema importância, pois permite que as razões mais essenciais da experiência dos indivíduos sejam colocadas como objeto de estudo. Neste aspecto é favorável referenciar que a fenomenologia que ganha

destaque na França, quando Eric Dardel publica *“l’homme et la terre – nature de la réalité géographique”* (com base fenomenológica), em busca do “sentido de vida” dos seres humanos em sua existência no mundo, dá mais tarde um suporte a Relph e Tuan nos anos de 1970 para a elaboração de suas obras. A fenomenologia ganha destaque, e o conceito de lugar surge com grande força, percebe que os lugares, vistos através dessa abordagem, são diferentes, carregados de signos e símbolos humanos, de sentimentos e de ações humanas, tanto objetivas quanto subjetivas. A literatura e as representações passam a ter importância nos trabalhos dos geógrafos.

Assim, a descrição, agora retorna. A Geografia que aqui emerge, emerge, porque o homem está desiludido, há um desencanto do homem com a sociedade, uma crise que abala a instituição familiar, o homem se desencanta com o mundo. Passa a buscar respostas no abstrato, no transcendental.

Essa Geografia reinaugura o sentimento, o valor do simbólico e o valor do místico. Julga-se que a ciência não deu certo, ela é a responsável pela desgraça, pelo desamor. O homem volta a buscar a si mesmo, a compreender seus sentidos, aquilo que o faz viver. Busca o entendimento do mundo a partir da vivência.

Juntamente com este foco, as representações sociais ganham também espaço e destaque nos trabalhos geográficos. Tendo sua origem numa postura epistemológica desenvolvida dentro da psicologia social de Moscovici, ela se funda no abandono da oposição sujeito/objeto e na hipótese da construção da realidade pelo sujeito.

Toda problemática das representações em geografia repousa, portanto, na ideia de que o espaço dos homens não é somente objetivo, nem só racional. Ele é também uma reconstrução mental e, por consequência, uma representação espacial.

constituem-se em criações individuais ou sociais de esquemas mentais estabelecidos a partir da realidade espacial inerente a uma situação ideológica, abrangendo um campo que vai além da leitura aparente do espaço realizada pela observação, descrição e localização das paisagens e fluxos, classificados e hierarquizados (KOZEL 2002, P.216).

Deste modo, pode-se dizer que tanto a fenomenologia quanto as representações sociais permitiram gerar novas perspectivas também dentro dos estudos que estivessem relacionados ao tema religioso.

Assim, a geografia da religião poderia lançar novos olhares aos seus trabalhos.

Ao analisar as produções geográficas da religião e as suas abordagens, Gil Filho (2002, p.254) nos expõe “que a visão hegemônica é de considerar a religião como sendo uma instituição humana. Esta possibilidade acaba por classificar a religião como sistema simbólico ou ideologia”. É por isso que se faz a crítica:

Reconhecer a religião apenas como sistema simbólico ou como ideologia é subestimá-la no seu aspecto mais legítimo e essencial – a sua sacralidade. Concordamos que nas circunstâncias mais abrangentes de análise para as ciências humanas “Religião é a experiência do Sagrado”. (GIL FILHO, 2002, p.254/255).

Vê-se que a tomada do sagrado como ponto fundamental para análise tenta gerar um avanço nos estudos da geografia da religião. Neste entendimento é que surge o ponto sobre o sagrado e o profano.

O sagrado e profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana”. (ELIADE, 2001, p. 20).

Ao colocar o sagrado e o profano como modalidades essenciais para se estudar o homem e seus modos de ser no mundo, Eliade (2001) propõe a idéia de que o espaço passa a ser constituído qualitativamente por meio da identificação destas duas modalidades.

No intuito de melhor operacionalizar estes conceitos, importa observar o que nos diz Gil Filho (2002) sobre categorias universais de análise do sagrado e suas dimensões possíveis.

1 - dimensão do homem em sua natureza individual, como primeira dimensão da prática espacial, corresponde à phisis social realizada no âmbito religioso...

2 - dimensão social ou da organização...

3 - terceira dimensão é a da instituição propriamente dita, a qual se realiza como ator da própria história por excelência e submete as pluralidades da dimensão anterior e expressa-se na fluidez vertical do poder hierárquico. O espaço de representação constituído ao nível das relações sociais e de organização é diverso e plural em sua gênese. É subvertido pelas relações de poder e dos atores que a exercem. A instituição é o reino do controle do

grupo, do indivíduo e do dizer. Constitui, assim, uma territorialidade na qual o agente principal é a própria instituição religiosa. (GIL FILHO, 2002, p. 263/264).

Mais recentemente, Gil Filho (2007) aprofunda esta reflexão do homem em face do fenômeno religioso, por meio da retomada dos escritos de Cassirer. Esta nova leitura propõe um novo modo de compreender o homem como sendo ser simbólico. Por conseqüência, são as atividades humanas que remetem ao que se pode denominar “*círculo de humanidades*”. Dentro deste círculo está a religião.

Desta forma, o espaço sagrado está regulado por determinadas espacialidades que se relacionam com a concretude das expressões religiosas, a espacialidade do pensamento religioso e, por fim, a espacialidade das representações simbólicas.

Segundo Gil Filho (2007), “explicitadas as espacialidades do espaço sagrado, observamos a articulação estrutural, entre o espaço expressão concreta, e o das representações”.

Quanto ao espaço sintético concebido pelo pensamento religioso, ele guarda os contornos da idealidade narrativa próprias das tradições religiosas. A natureza do espaço sagrado torna possível a verificação de suas condicionantes estruturais e de apropriação. A ação social de apropriação abarca, em tese relações de poder, territorializando o espaço sagrado.

Percebe-se que, desta forma, o espaço sagrado passa a ser operacionalizado dentro do contexto geográfico, desencadeando uma possibilidade de estudo das religiões.

Em caso específico, este estudo se realizará a partir da terceira dimensão apontada por Gil Filho (2002), a qual se relaciona diretamente com a instituição e suas relações de poder. É certamente a dimensão que melhor cabe neste estudo, pois, se efetiva em torno de uma instituição e de seus territórios específicos.

Deste modo, ao se optar pela dimensão institucional do sagrado na realização deste trabalho, colocando o carisma como conceito chave para a sua realização do mesmo, lança-se a vista às relações de poder que se desenvolvem a partir do carisma de São Francisco, por meio da Ordem do Frades Menores Capuchinhos.

Assim, a abordagem da dimensão institucional em suas relações com o carisma, (elemento subjetivo) passa a ser o centro deste estudo, buscando

desenvolver uma análise das relações de poder que neste encontro ocorrem. Se cristalizando nos locais em que está presente a Ordem Capuchinha na cidade de Curitiba.

Desta forma, realizar uma abordagem do conceito de carisma será o passo seguinte para o progresso do trabalho e do desenvolvimento das problemáticas anteriormente levantadas: é por meio dele que se poderá entender melhor a constituição dos locais de presença capuchinha, bem como classificá-los como território ou territorialidades capuchinhas.

CAPÍTULO II - CARISMA E PODER: UMA RELAÇÃO SIMÉTRICA

Dentro da história da humanidade, nunca foi tão pontual o surgimento de indivíduos que tivessem a capacidade de aglutinar em torno de si milhares de seguidores e modificar as estruturas de seu tempo. A estes indivíduos foi dado o pressuposto de serem eles mesmos reconhecidos como sujeitos carismáticos, ou melhor, sujeitos portadores de carisma.

Por esta razão, tal adjetivo já provocou discussões das mais diversas dentro do mundo acadêmico, principalmente quanto a sua natureza, porém sem negar a sua existência. Logicamente, não se fará neste trabalho uma discussão da natureza do carisma ou da força carismática. Aqui, particularmente, se farão reflexões que demonstrarão ser o carisma algo relacionado diretamente ao poder, ou como elemento suporte para o exercício do poder.

Vale lembrar que, para os fins deste trabalho, a base de discussão está centrada no carisma como elemento vinculado ao campo religioso, apesar de se fazer presente no campo político e artístico. Porém, como este trabalho não se vincula diretamente a idéia do gênio criativo, encontrado nos artistas, e, nem no líder político, que surge por meio da capacidade de articular forças dos sujeitos ao seu redor, para esta proposta, se define o carisma a partir do sujeito que expressa o dom da graça, que exala a força do que é sagrado.

Assim, uma articulação do conceito de carisma em diferentes autores, poderá proporcionar uma ligação direta ao que se denomina poder. Por meio de relação carisma e poder, poderá ser projetado conjuntamente o conceito de território, proporcionando assim uma análise geográfica dos domínios territoriais da Ordem Capuchinha em Curitiba.

Neste sentido, a exposição teórica do conceito de Carisma será composta a partir de diferentes autores e de diferentes áreas do conhecimento. Aqui, filósofos, sociólogos, antropólogos e teólogos se farão necessários. A partir do entendimento deste conceito, se projetarão as devidas condições a uma análise de caráter geográfico. As explicações de alguns autores servirão para elucidar melhor o conceito; porém, para a operacionalização do estudo, nem todos serão utilizados.

2.1 O CARISMA: UM DOM SAGRADO PARA CONCRETIZAR-SE NA TERRA

Após uma revisão da literatura sobre o que se pode denominar Carisma, faz-se necessário, antes de tudo, retomar a etimologia da palavra Carisma. Este fato torna-se importante, pois toda a palavra tem em si uma carga de informação anteriormente refletida.

Vejamos a etimologia da palavra portuguesa carisma. O étimo inicial é **háris**, grego, com o significado de **graça**. Deste deriva a palavra **hárisma**, **harísmatos**, que forjou o nosso, mas passando pelo latim clássico e medieval **chárisma**, **charísmatis**, valendo “dom da natureza”, sobretudo em São Jerônimo. Depois a palavra ingressa na modernidade, distendendo o “semantema”, ora valendo *epilepsia*, na medicina; ou o talento sociométrico da liderança política, ou qualquer unção demagógica de chefia ou condução humana, nos mais diversos estratos sociais.

É lógico, que quando se voltam os olhos para o conceito de carisma, o mesmo será encontrado pela primeira vez nos textos de São Paulo, onde o termo ganha uma condição de “amor de Deus”, ou melhor, carisma é a demonstração do amor de Deus e que pode ser dado a cada um quando necessário. (CORÍNTIOS I, 12: 4-11). Neste texto, fica clara a idéia de que estes “dons” ou “carisma” são de ordem diversa, mas que servem a um mesmo propósito.

Dentro deste enfoque, carisma passa a ser traduzido como uma graça concedida por Deus a uma determinada pessoa, mas em favor da Igreja. Tanto, que a Igreja Católica deixa bem clara esta questão quando coloca em seu discurso oficial este fato. Não é por menos que o Catecismo da Igreja Católica (1993, p.198) esclarece que “Sejam extraordinários e, sejam simples e humildes, os carismas são graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, tem uma utilidade eclesial, ordenados que são à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo”.

É importante notar, que o discurso proposto estabelece uma ordem objetiva e funcional do Carisma, fica claro que o sujeito que os recebe, recebe em primeiro plano com o objetivo de edificar da Igreja. Aqui se demonstra o quanto a Igreja se posiciona como representante de Cristo entre os homens e que é por ela que a imagem de Cristo se revela.

Identifica-se deste modo, uma intenção de trazer para o concreto o imaterial, os carismas tornam-se elementos de constituição, edificação da Igreja no mundo.

Complementando este raciocínio, leia-se o que diz o Catecismo da Igreja Católica:

Com efeito, é à própria Igreja que foi confiada o Dom de Deus. É nela que foi depositada a comunhão com Cristo, isto é, o Espírito Santo, penhor da incorruptibilidade, confirmação da nossa fé e medida da nossa ascensão para Deus. Pois lá onde está a Igreja, ali também está o Espírito de Deus; e lá onde está o Espírito de Deus, ali está a Igreja e toda a Graça. (CATECISMO DA IGRAJA CATÓLICA, 1993, p. 197).

Todo este preparo discursivo acaba por garantir ao carisma um grau de relevância muito grande, dentro dos projetos da Igreja. Ele acaba por ser elemento importante na manutenção e expansão da Igreja. Cumpre dizer que a Igreja também reafirma sua necessidade de expansão pelo mundo, uma vez, que em tese, o carisma deveria se manifestar em todo lugar, portanto a Igreja lá deve estar.

De outro modo, porém em um caráter mais pessoal, o carisma visto como algo de natureza transcendente é encontrado também em Rudolf Otto, que acaba relacionando o momento carismático com a experiência *numinosa*. Esta idéia fica clara no texto sobre carisma:

O contato com uma realidade transcendente é geralmente entendido como participação da natureza humana na natureza divina. Outras vezes é explicado como um encontro com o mais íntimo e verdadeiro dentro de cada um. Seria o contato com o *si-mesmo*, com o próprio cerne do ser, o “chão da alma” de onde emana toda a ação. A unidade profunda da alma constituiria assim seu princípio vitalizador, gerando poder e atividades irrefreáveis. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987, p.2077).

Essa experiência que se relaciona ao que Otto (1992) descreve como “sentimento *numinoso*”, no livro “O Sagrado”, e que de algum modo acaba por escapar de uma possível conceituação, tende a ser percebida, quando o efeito desta experiência se materializa ou, melhor dizendo, quando observamos as reações por ela desenvolvidas. No caso do carisma, a mudança ocorrida internamente no sujeito, acabaria por provocar outra reação, para fora, para os outros sujeitos que o circundam desta forma estaria ali o que seria apreendido de modo racional.

Seguindo esta ótica, de cotejar o carisma como elemento relacionado a uma questão transcendental, mas com maior ênfase nas relações materiais da religião e em caso mais específico, da Igreja Católica Apostólica Romana, surge a reflexão do que seja o significado de carisma na obra do teólogo e filósofo Leonardo Boff. Nesta obra, encontra-se a idéia de ser o carisma uma força estruturante, ou melhor, uma estrutura estruturante.

Importa lembrar que a obra que servirá de base para a devida argumentação desta idéia foi, em que pese a obra que acabou por desencadear um processo doutrinário em relação ao autor, marcando sua vida e afetando diretamente o movimento da Igreja Católica Latino-Americana conhecido como Teologia da Libertação. Registre-se que não se fará aqui nenhuma tentativa de adentrar em questões de ordem doutrinária da obra, mas apreender do autor uma conceituação por ele utilizada do que seja carisma.

No capítulo XIII do livro Igreja: Carisma e Poder, cujo título é: Uma Estruturação Alternativa: O Carisma como Princípio de Organização, encontra-se no título uma função mais do que material para o carisma. É lógico que esta função está relacionada diretamente à Igreja.

O carisma constitui a estrutura estruturante da comunidade [...] o carisma não se inscreve mais no âmbito do extraordinário e inusitado, mas constitui o registro comum da estruturação comunitária. Destarte o carisma significa simplesmente a função concreta que cada qual desempenha dentro da comunidade a bem de todos. (BOFF, 2000, p. 255).

A idéia de Boff acaba por refletir quanto o carisma pode tornar-se concreto dentro do mundo, pois cada membro da comunidade que recebe o carisma, no mais amplo estrato social, deve transformá-lo em ação em favor da comunidade, no caso específico a Igreja.

A idéia de que o carisma provém de uma linha vertical e se materializa em uma linha horizontal demonstra que a comunidade deve crescer a partir do carisma concedido por Deus. Tem-se, desta forma, definida uma relação entre o homem e o sagrado, da qual deve resultar a melhor edificação da comunidade. (BOFF, 2000, p. 263)

Na parte cinco do capítulo XIII, escreve da seguinte forma:

Se carisma significa o modo concreto como o Espírito e o Ressuscitado se fazem presentes no mundo, então devemos dizer que o carisma pertence à estrutura da Igreja. Sem ele, ela não se constitui como realidade religiosa e teológica [...] o carisma é mais fundamental que o elemento institucional. O carisma é a força pneumática que instaura as instituições e as mantém vivas. (BOFF, 2000, p.259).

Esta perspectiva sublinha mais ainda a função concreta do carisma, a certo modo uma maior posição superior do carisma como elemento. Porém, quando se lê a reflexão promovida pelo autor, após dez anos do processo doutrinário promovido pelo Vaticano e que resultou na saída dele da estrutura hierárquica da Igreja,

Não queremos uma Igreja de poder sem carisma, como não queremos uma Igreja de carisma sem poder. Queremos uma Igreja: carisma e poder. Os cristãos devem se habituar a essa dialética de inclusão do carisma com o poder e do poder com o carisma, porque somente assim conservam e expandem a força libertadora do Evangelho". (BOFF, 2000, p.346).

Portanto, na opinião de Boff a relação carisma e poder faz parte da existência do cristianismo, sendo o efeito desta relação à condição principal para que o cristianismo mantenha e expanda suas bases pelo mundo. Assim, pode-se concluir que a Igreja Católica Romana faz-se também por esta relação; a relação do carisma como o poder. Esta relação é então institucionalizada.

Nesta situação, se faz registrar como último enfoque, ligado à experiência do carisma como advinda do sagrado, o que se entende por carisma institucional.

Para tanto será exposto o que se encontra na carta circular do superior geral do Instituto dos Irmãos Maristas:

Quando o carisma é usado para se referir a um Instituto religioso, assume sentido diferente daquele atribuído a uma pessoa. Há duas razões para essa distinção: o carisma de um Instituto tem longa permanência no tempo e é construído por muitas pessoas. Estes dois fatores – a permanência no tempo e a construção coletiva – transferem o carisma do domínio individual para o da Igreja como um todo". (SAMMON, 2006 p. 29).

Por este ponto de vista, o carisma que nasce a partir do indivíduo e que acaba por atingir outros, desenvolve um movimento de sua institucionalização. Fazendo isto, se torna algo estruturado; porém, como é responsável também pela manutenção e propagação da instituição, se torna estrutura estruturante. Deste modo, a permanência do carisma estará ligada à permanência da instituição que o captou e o utiliza para expandir e manter-se.

2.2 CARISMA: UMA FORÇA MOTRIZ

O esforço para desenvolver o conceito de carisma não foi e não é responsabilidade só dos homens que possuem uma ligação direta com a religião. É importante identificar outros que também se aventuraram nesta tarefa. Deste fato surgiram vários pensadores que direta ou indiretamente trataram do carisma.

Sabe-se que tal tentativa teve origem não faz muito tempo, tendo suas bases iniciais nos séculos XVIII e XIX, a partir da idéia de "gênio". Esta idéia que a

princípio estava relacionada aos trabalhos artísticos, aos poucos vai fundamentar a noção moderna de carisma.

Na relação de pensadores que discorram sobre o gênio, se encontram Kant, Schopenhauer, Fichte, Hegel, Kierkegaard, Mill e Nietzsche. (ABBAGNANO, 2000 e LINDHOLM, 1993).

A idéia romântica do homem, que concebe a existência de o próprio homem ser um gênio, acaba por distinguir um entre todos. Isto ocorre por ser o gênio portador de características superiores, tais como a capacidade criativa revelada na arte, ser ativo, rígido, portador de uma vontade de poder; enfim, como dizia Nietzsche um “super-homem”.

O antropólogo Lindholm (2003) em seu livro intitulado Carisma: Êxtase e perda de identidade na veneração do líder, reproduz e comenta uma das falas de Nietzsche:

*O que é bom? – Tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de poder, e o próprio poder no homem. O que é mau? – tudo o que provém da fraqueza. O que é felicidade? – o sentimento de que o poder aumenta – de que uma resistência foi superada”. Nietzsche diz que é exatamente na explosão do fluxo de sensações intensas provocadas na orgia que a vontade de poder do *Übermensch* é liberada e revelada. Seus sentimentos são mais fortes do que o dos outros; é exatamente sua vitalidade emocional que faz dele o *Übermensch* – o homem superior o super-homem. (LINDHOLM, 1993. p. 34).*

Todo o discurso elaborado por estes autores foi sendo retomado ao longo do tempo; a idéia de que poderia sempre existir um desigual entre os iguais acaba entrando no campo da sociologia. Surgem então reflexões que posicionam o carisma como elemento de análise.

O primeiro a efetivar esta tentativa dentro da sociologia foi Max Weber. É importante lembrar que, em sentido geral, toda sua obra está centrada na idéia de racionalizar os mistérios do mundo. Neste ponto, o carisma passa então a não ser de caráter transcendente, mas de caráter social. Não por menos, é em Weber que se encontrará com destaque a idéia de que o carisma é um elemento que com o tempo deve ser institucionalizado, gerando estruturas de poder organizadas.

A forte idéia econômica presente nos escritos de Weber é preponderante e contém grande preocupação em estudar os sistemas de dominação na sociedade. Esta relação de domínio que se materializava na sociedade acabou sendo dividida por Weber de três maneiras, determinada pelo próprio como legítimas e puras: a forma Tradicional, a forma Burocrática e a forma Carismática.

Para os determinados fins, neste trabalho será dada ênfase à última forma, a forma carismática de dominação. Para tanto é oportuno ler sobre o que é o carisma:

Denominamos “*carisma*” uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios, curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “*líder*”. O modo objetivamente “correto” como essa qualidade teria de ser avaliada, a partir de algum ponto de vista ético, estético ou outro qualquer, não tem importância alguma para o nosso conceito: o que importa é como de fato ela é avaliada pelos carismaticamente dominados – os “adeptos”. (WEBER, 2000, vol. I, p.158-159).

Em primeiro plano se percebe que o carisma weberiano se liga a uma questão mais pessoal, de caráter mais interno do que externo. O homem que compreende determinadas qualidades acaba por dominar ou encantar os outros homens, fazendo deles seguidores. É certo que não há preocupação em explicar de onde surge o carisma, o que se procura é avaliar seus efeitos dentro da sociedade.

A idéia de que aquele que detém um carisma deve demonstrá-lo, para pôr legitimidade em sua autoridade, torna-se uma responsabilidade própria do homem carismático.

O carisma pode ser, e decerto regularmente é qualitativamente particularizado. Trata-se mais de uma questão interna do que externa, e resulta na barreira qualitativa da missão de poder do portador do carisma... se quer ser profeta, deve realizar milagres; se quer ser senhor da guerra, deve realiza feitos heróicos. Acima de tudo, porém, sua missão divina deve ser “provada”, fazendo que todos os que se entregam fielmente a ele se saiam bem. Se isso não acontecer, ele evidentemente não será o mestre enviado pelos deuses. (WEBER *apud* RAMOS, 2006, p.56).

Ao apostar na potencialidade interna da pessoa carismática se percebe que, em um dado momento, este acaba por conseguir extrapolar as outras formas de dominação. Neste ponto, nem a tradição nem a burocracia poderiam suportar o efeito da dominação carismática. Porém, existe na seqüência um fato importante. Para Weber, o carisma tenderia a desaparecer ou, em outro sentido, o carisma para sobreviver teria de ser “rotinizado”, teria de ser modificado, acabando por ser o mesmo racionalizado. Esta racionalização do carisma caminharia ao encontro da forma tradicional, pois a autoridade do senhor carismático passaria a seus sucessores.

Vê-se aqui o surgimento do apostolado ou séquito carismaticamente qualificado, com o reconhecimento de uma comunidade que mantém, via “eleição” o sucessor do carisma. Em um caso bem específico, este carisma passaria a ser carisma institucional, que serviria de base para a sua manutenção e expansão.

Percebe-se por fim que o trabalho de Weber identificava o carisma como qualidade pessoal de um determinado sujeito e que se concretizava na relação deste sujeito com os outros indivíduos que o seguiam. Porém o maior destaque está na análise da rotinização deste carisma.

Por meio desta rotinização fica válida a idéia de o carisma fundamental determinado *habitus*, que será internalizado por seguidores e exteriorizado em algum momento.

Outro pensador que tratou do fato carismático, porém de maneira mais indireta, foi Emilie Durkheim, pois ele mesmo não se utiliza deste termo. A abordagem estava mais centrada na comunidade do que no indivíduo carismático. Para o autor a questão estava ligada a um efeito que se projetava de dentro de uma determinada comunidade e que, por razões simbólicas acabava por transferir esta experiência carismática comunitária a determinado sujeito. Deste modo, Durkheim tirava a noção de qualidade pessoal de Weber da origem do carisma e o creditava a um efeito gerado pela comunidade. Esta perspectiva faz pensar na existência de um carisma coletivo, o qual se projeta em algo que o torna simbólico. Este simbólico pode ser simplesmente determinado sujeito.

Se acontecer de a sociedade se apaixonar por um homem e pensar que encontrou nele as principais aspirações que a movem, assim como um meio de satisfazê-las, este homem será engrandecido como ser superior aos outros e, por assim dizer, deificado. (DURKHEIM *apud* LINDHOLM, 1993, p. 48)

Faz-se oportuno, diante desta afirmação acima citada, apontar que Durkheim tomou como referência a questão religiosa na construção de seu pensamento, tendo como base seus estudos realizados em povos primitivos.

Neste mesmo intento, como forma bastante válida de compreender o conceito de carisma, se fará uma retomada das análises promovidas por parte de Pierre Bourdieu, a partir de uma releitura sua de Weber. Seguindo de maneira próxima a Durkheim, Bourdieu (2000) aponta também uma relação entre comunidade e o líder carismático. Entretanto, em vez de considerá-lo escolhido pela comunidade, como se este fosse “eleito”, no dizer de Durkheim, escolhido como

símbolo, igualando-se a um totem, Bourdieu propõe outro entendimento para o surgimento do líder carismático e para o desenvolvimento do carisma dentro da sociedade.

Este entendimento está centralizado na idéia de que o líder carismático não se mantém pela sua força simbólica, mas sim no poder que exercem os grupos sociais que ele representa.

Max Weber, inclusive em seus textos mais rigorosos, propõe apenas uma teoria psicossociológica do carisma como relação vivida do público com o personagem carismático: “Por ‘carisma’, deve –se entender uma qualidade considerada como extraordinária [...] que é atribuída a uma pessoa. Esta é considerada como dotada de força e de propriedades sobrenaturais ou sobre-humanas, ou, pelo menos excepcionais”. A legitimidade carismática tem então como fundamento apenas um ato de reconhecimento”. Para romper com esta definição, é preciso considerar a relação entre o profeta e os discípulos leigos como um caso particular da relação que se estabelece segundo Durkheim, entre um grupo e seus símbolos religiosos: o emblema não é apenas um simples signo que exprime “o sentimento que a sociedade tem de si mesma”; ele constitui este sentimento. (BOURDIEU, 2000. p. 92).

Através do que diz Bourdieu, pode-se confirmar sua idéia de como se deve entender o carisma ou o líder carismático. Neste ponto é que surgem com força, na análise de Bourdieu, o entrelaçamento dos conceitos de *Campo* e *Habitus*, que o autor defende em suas obras.

Em breves palavras pode-se dizer que *habitus* seria o seguinte:

O *Habitus* pode ser entendido como um sistema de esquemas de pensamento interiorizados e socialmente constituídos, que é capaz de originar todos os pensamentos, percepções e as ações características de uma cultura [...]. Sendo o *habitus* um princípio gerador das práticas de um indivíduo (sendo o *habitus original* o *habitus* de classe), deve-se, portanto, entender as práticas sociais conforme o campo de que o indivíduo participa e o *habitus* que possui. Ou seja, o *habitus* indica a ação dos agentes na inter-relação entre diversos campos e em um campo específico. (KULAITIS 2004, p. 12).

É salutar perceber-se que, na definição do que seria o *habitus*, surge conjuntamente o conceito de *campo*. Pontue-se que os dois conceitos podem proporcionar melhor definição e operacionalização do que seria o carisma para Bourdieu. Deste modo, importa lembrar que o *campo* de modo amplo seria um espaço simbólico, onde se estabeleceria uma série de classificações oriunda da luta entre os agentes envolvidos, os quais validam determinadas representações. Em caso específico, dentro deste trabalho é o *campo religioso*.

Dentro desta perspectiva, entende-se que há uma conceituação suficiente do que seja carisma e sua relação com o poder. Portanto, sendo o carisma um elemento concreto de discussões em outros campos do conhecimento, cria-se o aval para a tentativa de transportá-lo também à Geografia.

Porém, para que isto ocorra, se faz necessária a retomada do conceito de *habitus*, promovido pelo sociólogo Pierre Bourdieu, é por meio deste conceito que se fará um casamento entre carisma/poder e território, visto que, todo o território aqui estudado depende da visão dos agentes diretamente a ele relacionados, presentes na instituição religiosa. Neste trabalho, esses agentes são pontualmente os frades capuchinhos, portadores do carisma de São Francisco, o qual ao ser internalizado passa a ser compreendido como *habitus*.

2.3 *HABITUS*: UM PRINCÍPIO DE LIGAÇÃO

Continuando a idéia acima, pode-se dizer que *habitus*, segundo Bourdieu (1992, p. 191), é visto como “sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. Trata-se de um meio sistemático de pensamentos interiorizados e constituídos que, de certo modo, orientam as escolhas dos indivíduos a ele relacionados.

Sendo a Ordem dos Capuchinhos uma instituição organizada, com suas regras e hierarquias, são fundamentadas no carisma de São Francisco, se percebe que a idéia de *habitus* pode compreender muito bem esta estrutura.

Este *habitus*, ainda na reflexão de Bourdieu (1992, p. 201), é um “sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas”.

Pode-se pensar que o *habitus* seja responsável por uma produção de práticas e representações que permitem uma classificação, a qual está inteiramente relacionada às estruturas internalizadas pelos agentes. Portanto, ao interiorizar o carisma franciscano, proposto por uma instituição orgânica, no caso a Ordem dos Frades Capuchinhos, cada sujeito passa a orientar suas escolhas a partir deste

carisma. Assim, toda a forma de exteriorização, seja das práticas, seja das representações desses agentes, terá como fundamento particular o carisma por eles mesmo incorporado. Deste modo, a cada escolha realizada e relacionada a um determinado espaço, sempre suporá uma classificação, uma representação ideal.

Particularmente em relação a uma Ordem religiosa, pode-se então dizer que cada espaço, ligado a ela, sempre terá como fundamento central a presença do seu carisma; porém as relações de poder em cada espaço poderão ser distintas.

Aprofundando um pouco mais a idéia do *habitus* na obra de Bourdieu, pode-se ler a seguinte análise:

O *habitus* deve ser compreendido como uma gramática gerativa de práticas conforme as estruturas objetivas de que ele é produto: a circularidade que preside sua formação e seu funcionamento explica, por um lado, a produção de regularidades objetivas de comportamento; [...]. Juntando dois aspectos, um objetivo (estrutura) e outro subjetivo (percepção, classificação, avaliação), pode-se dizer que ele não só interioriza o exterior, mas também exterioriza o interior. (LOUIS PINTO, 2000 p. 38).

Esta capacidade de flexibilizar o interno e externo, encontrada no conceito de *habitus*, serve como elemento de ligação entre as estruturas institucionais da Ordem Capuchinha e o carisma de São Francisco incorporado pelos seus agentes. Percebe-se que tanto as estruturas objetivas como as subjetivas partem das escolhas, ganham entendimento relacional, na perspectiva do *habitus*.

Por fim, Miceli (2004, p. XLI) escreve na introdução da obra *A Economia das Trocas Simbólicas*: “O *habitus* vem a ser, portanto, um princípio operador que leva a cabo a interação entre dois sistemas de relações, as estruturas objetivas e as práticas. O *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas”.

Sendo assim, quando se percebe a incorporação do carisma franciscano por determinado agente, o qual ocorre devido à existência de uma estrutura institucional orgânica, objetiva-se fazer com que o carisma passe a orientar suas escolhas e suas representações.

Existem relações entre a vida e o cotidiano que se realizam em determinadas condições e na posição do sujeito na estrutura religiosa. A partir da identificação positiva destas relações, configura-se uma classificação objetiva das práticas. A caracterização das práticas, por sua vez, forma o *habitus* religioso estruturado e dialeticamente estruturando a estrutura. Trata-se de um conhecimento adquirido a partir de uma prática,

mas que também indica um capital simbólico incorporado pelo sujeito. (GIL FILHO, 2002, p. 40).

Desta forma, pode-se pensar que, para cada espaço determinado onde este sujeito age, sempre existirá a influência do carisma; porém sua representação poderá ser variada nas relações sociais que ali se desenvolvem.

Considerado o acima exposto, dar-se-á seqüência à linha de pensamento deste trabalho, passando à explanação do conceito de território.

2.4 TERRITÓRIO: O PALCO DAS MARCAS DO PODER

Quando se verificam os caminhos trilhados pela Geografia no que tange aos estudos do que se denomina território, se percebe muito que tal fato esteve estreitamente relacionado com o Estado. A idéia de que o território era um elemento de caráter estatal relegou ao território um estado de certa imobilidade teórica. É lógico que este fato se concretizou, porque junto ao conceito de território sempre esteve o conceito de poder, o qual de certo modo, demonstrou ser o alicerce do Estado.

Entretanto, como relembra Souza (2001, p.83), “ventos de renovação” são sentidos dentro da geografia, e esses ventos despertam novos olhares sobre o que se pensava ser o território.

Desta maneira, tentar acompanhar estas novas transformações faz com que exista na mente do pesquisador uma vontade de buscar novos elementos para realizar seus trabalhos e análises geográficas do território.

Pensando desse modo, o que se desdobrará na seqüência será essencialmente uma abordagem do conceito de território que servirá para o desenvolvimento deste trabalho.

Assim, de início, pode-se buscar em Raffeistin (1993, p.143/144) esta idéia: “O território [...] é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si”.

Esta definição pontual, onde aponta o território como sendo o espaço das relações de poder, é certamente importante. Não é por menos que em sua obra: *Por uma Geografia do Poder*, é natural encontrarmos este pensamento: “o poder visa ao controle e à dominação sobre os homens e sobre as coisas [...]. O território não é

menos indispensável, uma vez que é a cena do poder e o lugar de todas as relações”. (RAFFESTIN, 1993, p. 58)

Lê-se; deste modo, que o território passa a ser o cenário de uma constante manifestação de produção do espaço, tendo como facetas as questões de apropriação, controle, domínio, usos de energia e informação.

Logicamente, é importante buscar identificar melhor o que seriam estas relações. Para tanto tais relações seriam assim apontadas:

[...] é fundamental compreender e redimensionar as relações de poder. Relações de poder que estão nas famílias, nas universidades, no Estado em suas diferentes e complementares instâncias, nas fabricas, na igreja [...] enfim, em nossa vida cotidiana. Relações que são vividas, sentidas e, às vezes, percebidas e compreendidas diferentemente. Assim são os territórios e as territorialidades: vividos, percebidos e compreendidos de formas distintas; são substantivados por relações, homogeneidades e heterogeneidades, integração e conflito, localização e movimento, identidades, línguas e religiões, mercadorias, instituições, natureza exterior ao homem; por diversidade e unidade; (i)materialidade. (SAQUET, 2007, p. 25).

Toda esta ênfase dada às relações de poder acaba por fazer do território um trunfo particular do poder (RAFFESTIN, 1993, P.59). Assim, a formação de um território passa a ser o resultado de uma ação orientada por um ator sintagmático (RAFFESTIN, 1993, P 143).

Sintagmático, segundo o Novo Dicionário de Língua Portuguesa (1986, p.1592) se “define como sendo aquilo que é ‘relativo a sintagma’ que, por sua vez, tem sua origem do grego, remetendo-se a uma ‘divisão da falange constituída por 256 soldados’”. Dentro desta perspectiva, colocar a Igreja, bem como uma ordem religiosa, como um ator sintagmático é mais que possível, porquanto, como sintagma no grego remete à idéia de batalhão, algo organizado, hierarquizado, fica fácil relacioná-lo à Igreja. Portanto, capaz de apropriar-se de um espaço e fazê-lo território.

O ator sintagmático manifesta com precisão a idéia de processo e de articulações sucessivas no interior do processo. Assim, todas as organizações, da família, ao Estado, passando pelos partidos, pelas igrejas e as empresas são atores sintagmáticos [...]. Isso significa que o ator sintagmático articula momentos diferentes da realização do seu programa pela integração de capacidades múltiplas e vaiadas. Esses atores sintagmáticos são, portanto, constituídos por atores-indivíduos que se integram ou são integrados num processo programado. (RAFFESTIN 1993, p.40).

Ao analisar a explicação de Raffestin (1993) sobre o ator sintagmático, e encaixá-la na Ordem dos Capuchinhos, pode-se entender que a ordem em si é um ator sintagmático, a partir de sua organização institucional, e que ela é resultado da existência de indivíduos que nas suas intenções estão inseridos. Deste modo, os frades capuchinhos seriam estes indivíduos que quando ligados por um carisma, no caso no carisma de São Francisco, acabam por continuarem sendo indivíduos múltiplos, com atitudes múltiplas agindo em espaços variados. Porém, como possuem determinado *habitus*, proposto pela instituição em si, suas escolhas, acabam no final tendo relação ao que está no processo programado pelo ator sintagmático maior.

Num caso específico, ao constatar-se, que pode também existir uma relação de poder entre dois ou mais atores sintagmáticos, a qual se dará em um território, como aqui se demonstrou, o território é o palco destas relações, pode-se visualizar as relações que existem entre a Ordem Capuchinha e a Igreja, a Ordem Capuchinha e o Estado, bem como as relações internas da própria ordem, na busca de manter e expandir sua própria existência.

Desta forma, buscar articular uma análise prévia dessas relações pode tornar-se de grande valia às conclusões futuras deste trabalho. Por isso, antes de mais nada, será necessário efetivar um resgate da pessoa de Francisco de Assis e de seu carisma, criando posteriormente articulações, onde apareçam as relações entre carisma/poder, Igreja, Estado e a Ordem Franciscana, como instituição portadora, mantenedora e propagadora do carisma de Francisco de Assis. Tal tentativa visa demonstrar como estas relações podem ser cristalizadas no território e podem seguramente desenvolver determinadas territorialidades.

Porém, antes de demonstrar tais relações, se deve projetar de um modo particular, aqui, a noção de territorialidade, que pode acompanhar o conceito de território.

Uma vez que se está trabalhando com determinadas estruturas institucionais, entendidas neste trabalho como estruturas estruturadas, e que elas mantêm relações diretas com o carisma de São Francisco, (estrutura estruturante) não resta dúvida de que destas relações se projetarão também territorialidades.

Assim, a territorialidade pode ser compreendida em primeiro plano pelo que diz Raffestin (1993, p. 161); “territorialidade resume, de algum modo, a maneira pela qual as sociedades satisfazem, num determinado momento, para um local, uma

carga demográfica e um conjunto de instrumentos também determinados, suas necessidades em energias e em informação”.

Percebe-se que a territorialidade é resultado de uma contínua relação de poder entre agentes específicos, que se relacionam a um território.

Estas relações podem ser caracterizadas por uma série de particularidades, a partir das relações de troca, energia, necessidades. Acabam por gerar, junções, rupturas e redes que podem agregar ou distanciar grupos ou indivíduos.

Cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma é a face vivida da face agida do poder. (RAFFESTIN,1993, p.161/162).

Este entendimento de que a territorialidade é multidimensional e relacionada ao vivido, permite pensar que a territorialidade está ligada aos aspectos do real, do sensorial e das representações.

O homem vive relações sociais, a construção do território, interações e relações de poder; diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de *malhas*, *nós* e *redes*, constituindo o território[...] em distintas escalas espaciais e sociais e varia no tempo. (RAFFESTIN *apud* SAQUET, 2007 p. 77).

Toda esta argumentação sobre a territorialidade, como atinente a um sistema territorial, permite pensar que, quando estruturas distintas se articulam em um determinado território, tem-se a origem de determinadas territorialidades. Percebe-se também que estas territorialidades, não dissolvem o território em si; o que há, na verdade, é um ajustamento, sejam ele pelo caráter de estabelecer ou não simetrias. No caso específico do carisma, ao estabelecer uma relação com uma estrutura estruturada, o mesmo trará à tona determinadas relações de poder que serão cristalizadas em um território e também produzir e manter territorialidades a partir de sua força representativa.

Dentro deste entendimento vale retomar o que segue.

A territorialidade é um fenômeno social, que envolve indivíduos que fazem parte de grupos interagidos entre si, mediados pelo território; mediações que mudam no tempo e no espaço. Ao mesmo tempo, a territorialidade não depende somente do sistema territorial local, mas também das relações intersubjetivas. (SAQUET, 2007 p.115).

Tendo a mesma consideração, porém de modo mais pontual, a idéia de que dentro do foco religioso a territorialidade é plena de atributos:

Cabe ressaltar que: a apreensão do território como categoria privilegiada de análise da religião encerra possibilidades de uma conexão pertinente entre as estruturas dos sistemas simbólicos e as estruturas do sistema territorial, o território é o objeto (restrição do espaço), o sistema territorial a lógica desse conjunto estrutural e a territorialidade o atributo de determinado fato social onde o poder é imanente. Define-se territorialidade do sagrado como sendo a percepção das limitações imperativas do controle e gestão de determinados espaços sagrados por parte de uma instituição religiosa. (GIL FILHO, 2003, p.96).

Deste modo apontado à relação entre território e territorialidade, pode-se passar ao desenvolvimento de uma primeira análise das relações entre carisma como estrutura estruturante e a Igreja, a Ordem Capuchinha e a cidade de Assis, como estruturas estruturadas.

2.5 FRANCISCO E O SEU PODER CARISMÁTICO

Durante o passar da vida e da história, é comum encontrarmos determinados sujeitos que, a partir de suas realizações, transformaram o seu mundo e em certo termo, o mundo de gerações posteriores.

Quando se fala particularmente do mundo de formação cristã, e se procura um imitador de Cristo na história, sem dúvida surge com grande força o nome de Francisco de Assis.

Nascido na região da Úmbria, em uma cultura medieval, e em meio ao período de uma mudança social e econômica, surge Francisco Bernardone. Filho de próspero comerciante e educado na vida cavaleiresca da época, durante a juventude tentou consagrar-se cavaleiro e fez-se prisioneiro em tempos de guerra. Apaixonado pela vida desregrada e aventureira, nunca teve apreço pelos pobres, muito menos pelos doentes. Porém, em determinado momento de sua vida, algo mudou. A vida proporcionou uma mudança interior em Francisco e assim deu-se o início da sua grande transformação: houve o despertar, o surgimento de novo homem, um novo Francisco.

É deste novo Francisco que surge um novo modo de seguir os ideais de Cristo durante o século XIII, e que acaba promovendo o aparecimento de uma nova ordem religiosa que, mais adiante, vai desdobrar-se em três, (incluindo uma

feminina) dentro da Igreja Católica Romana, a qual até então tinha como base de sua manutenção e expansão basicamente a idéia da vida monástica.

A atividade religiosa de Francisco deixa de lado a pratica estritamente regulada ao claustro e avança em direção ao povo, que se encontra em outros locais. Seja a cidade, ou campo, seja rico ou pobre, seja qualquer criatura, todos devem receber a mensagem de Cristo e serem considerados criaturas de Deus e assim amados profundamente.

Tudo isso, é bom lembrar, tem início de maneira solitária e, por que não dizer sofrida? A transformação interna de Francisco era de caráter pessoal. Tanto que, em seu testamento, ele diz claramente: depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer; mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo evangelho. (BOFF, 1999, p. 188). Tal afirmação expõe a mais profunda intenção de Francisco, e deixa claro que a principio, ele não tinha vontade de possuir seguidores.

Logicamente, a figura de Francisco que, no início de sua vida de *povertá*, havia sido desaprovada publicamente pelo pai em plena praça pública, e escandalizado a todos os moradores de Assis, com o tempo, foi atraindo uma multidão de seguidores, o modo de vida “segundo o evangelho” de Francisco passou a ser o modo de vida de muitos.

Não por menos, no ano de 1209, menos de três anos após sua “conversão”, se apresentava ao Papa Inocência III o grupo de *fratres Minores*, que solicitava uma permissão do Papa para viverem daquele modo.

Apesar de saber que a permissão nesta oportunidade só ocorreu somente de forma oral, percebe-se claramente que Francisco não cogitava criar uma fraternidade sem permissão da Igreja, e que estaria, a partir de então, confirmada para sempre uma relação de obediência em relação a ela. Portanto tudo o que o movimento originado, a partir da vida de Francisco viesse a conseguir, conseguiria em nome da Igreja.

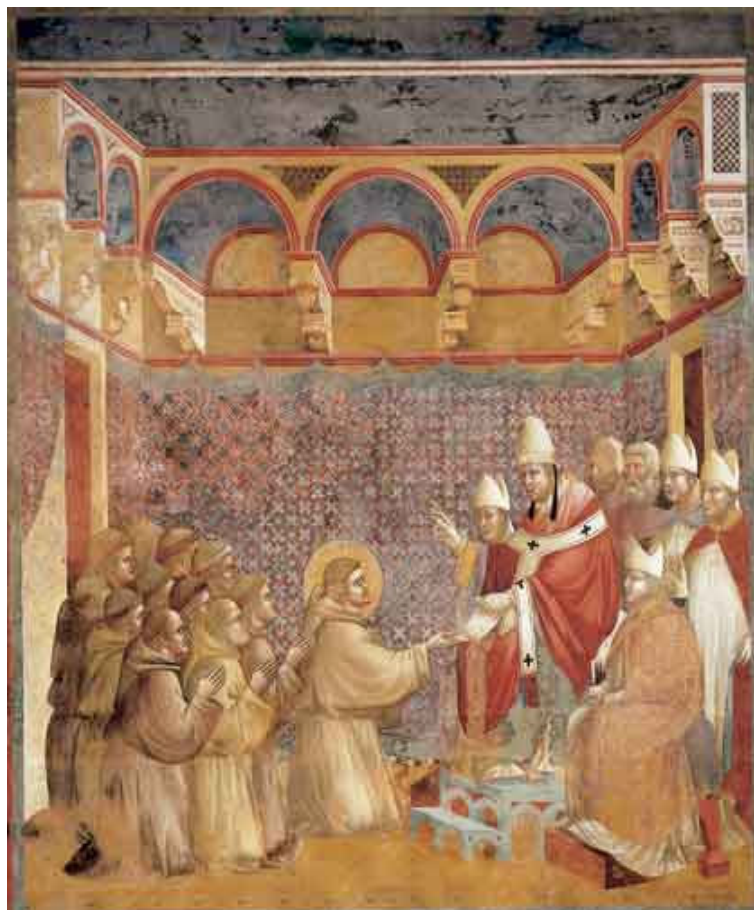


FIGURA 1 - O PAPA INOCÊNCIO III APROVA A REGRA FRANCISCANA
 FONTE: http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/giotto_francisco.htm

Tal relação, que sempre foi ratificada pelo próprio Francisco, acabou por trazer grande benefício às estruturas da Igreja. A força atrativa de Francisco motivava e ainda hoje motiva, muitos sujeitos a segui-lo e de certo modo, subordinar-se ao Papa.

A força da figura carismática de Francisco é tamanha que, no dizer de Merlo (2005, p.17) “[...] o arquétipo São Francisco não age apenas entre seus filhos; exerce uma fascinante atração difusa, como santo e como Francisco de Assis”. Esta afirmação de um dos maiores franciscanólogos da atualidade vem confirmar a força do carisma franciscano e sua capacidade de criar mudanças sociais e religiosas entre os homens.

Pensando desta forma, relata o historiador:

Modelo de um novo tipo de santidade centrado no Cristo a ponto de se identificar com ele como o primeiro homem a receber os estigmas, Francisco foi uma das personagens mais impressionante de seu tempo e, até hoje, da história medieval [...]. Francisco foi desde muito cedo o homem que, mais que qualquer outro, inspirou-me o desejo de fazer dele um objeto de história total [...] histórica e humanamente exemplar em relação ao passado e ao presente. (LE GOFF, 2001, p.9-10).

Percebe-se que a força carismática de Francisco é verdadeiramente promotora de atos humanos. Assim, verificada a potência do carisma de Francisco em inspirar atividades humanas, pode-se perceber sua presença nas relações e efeitos do poder e, a partir disto, percebê-lo cristalizado no espaço, permitindo enquadrá-lo dentro dos estudos também da Geografia.

Deste modo, mesmo que simplificadamente, o que acima foi apresentado demonstra a existência da força carismática de Francisco de Assis; ele pode permitir um passo adiante. Assim, a partir deste ponto, pode-se seguir a análise de outros aspectos que se relacionam ao discurso de apropriação, feito pela Igreja e pelo Estado e visualizar a cristalização dos ideais de Francisco em um território, demonstrando as transformações de sua vida.

Faz-se oportuno salientar que, dentro deste estudo, se entende que a questão carismática de Francisco está ligada ao campo religioso de modo central, e que todo este efeito tem ligação direta com uma experiência sagrada, pois sua origem ali se estabelece. Portanto relacionar o sagrado ao carisma, no caso de Francisco, oferece melhor sentido ao trabalho. Entretanto é bom antecipar que não se realizará neste trabalho uma análise entre sagrado e carisma, porém pretende-se fazer saber a existência desta relação pertinente.

2.5.1 Francisco e a Igreja: Um Discurso de Apropriação Cristalizado no Território

Ao ser verificada a história da vida de Francisco, é comum encontrarmos vários pontos de grande importância, e que demonstram quanto suas experiências pessoais construíram seu carisma, e o tornou tão atraente a tantos. Desde a sua dedicação tremenda em reconstruir igrejas abandonadas, até voltar-se aos leprosos que viviam fora dos muros da cidade, Francisco forjou em si um ideal que acabou por ultrapassar diversas fronteiras.

Tais fronteiras, que iam aos poucos sendo ultrapassadas, diziam muito à Igreja da época. E isso não poderia ser relegado ao acaso. Para tanto construir um discurso próprio que demonstrasse a total relação de Francisco com a Igreja seria muito importante.

Sabe-se de pronto que Francisco possuía internamente um respeito imenso pela Igreja e pelo Papa. Porém só isto não bastava. Eram necessários mais elementos que reforçassem e demonstrassem esta relação.

De modo simples, pode-se apontar alguns dos fatos que cristalizam esta intenção. Entre eles, pode-se citar o dia em que Francisco estava em praça pública e despede-se do pai, entregando todas as suas vestes, ficando nu diante da multidão. Quando isto acontece, a figura que o acolhe, cobrindo-o é a do bispo local. Os biógrafos que discorrem sobre esta cena apontam-na como o momento que marca o início do caminho de santidade de Francisco.



FIGURA 2 – SÃO FRANCISCO RENUNCIA AOS BENS DE SEU PAI E À RIQUEZA TEMPORAL
FONTE: FONTE: http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/giotto_francisco.htm

Desta forma, o nascimento da santificação, o qual ocorre por um ato aparentemente vulgar e condenável, deixa-o de ser: em vez de ser preso, Francisco é acolhido e coberto pelo representante da Igreja. Portanto, a Igreja dá a entender que reconhece e legitima o ato, pois ali está um homem santificado. E esta santificação servirá para os desígnios da Igreja.

Outro episódio, de grande importância na construção de um discurso legitimador da relação Igreja/Francisco, é o sonho em que o Papa Inocêncio III visualiza o “ruir” da igreja de Latrão, mas que acaba sendo sustentada, reerguida por um homem, que sugere relação à pessoa de Francisco. Quer dizer, o sonho como linguagem divina, sugere ao Papa o surgimento de um homem, fora da Igreja, (pois Francisco morre e não possui qualquer relação com o sacerdócio) que virá em seu socorro.

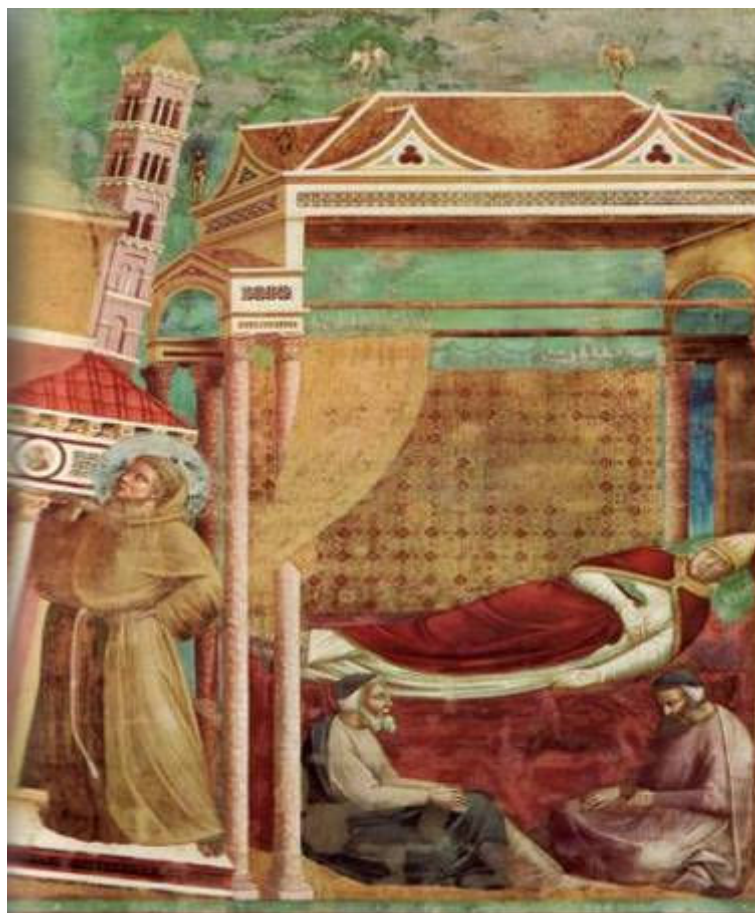


FIGURA 3 - SÃO FRANCISCO SUSTENTA A IGREJA QUE VACILA

FONTE: http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/giotto_francisco.htm

Todo este discurso, demonstrando a ligação de Francisco à Igreja, seja por qualquer dos motivos acima descritos, só vem a reforçar a idéia de que tudo o que o carisma franciscano viesse a conquistar, o estaria efetivando em nome da Igreja.

Tal incorporação e subordinação do carisma de Francisco à Igreja pode ser visualizado no espaço. Um exemplo desta cristalização do discurso incorporador de direito da Igreja é percebido, quando se procura na cidade de Assis o local onde a Ordem Franciscana teve início, ou melhor, onde Francisco vivenciou a maior parte das suas experiências religiosas. Neste local, existe uma capela de proporções

humildes (4x7 m) a qual Francisco reconstruiu para viver fora da cidade, conhecida como “Porciúncula”, e que até os dias atuais lá continua. Este local é considerado um local sagrado; porém todo o que lá chega se surpreende ao encontrar cobrindo a capelinha uma enorme catedral conhecida pelo nome de Santa Maria dos Anjos. Este fato demonstra uma real sobreposição de elementos, caracterizando verdadeira relação de poder que se manifesta no espaço. Assim, a capelinha que possui suas proporções relacionadas à atividade pessoal de Francisco, com suas experiências religiosas pessoais, assume uma nova proporção: existe uma re-dimensão na abrangência do local. A grandeza da catedral incorpora a grandeza simbólica da capelinha à instituição Igreja e demarca o local da experiência sagrada e pessoal de Francisco, com seu poder: demonstrando claramente a legitimidade que ela possui em incorporar para si tudo que se relaciona a Francisco.



FOTOGRAFIA 1 – SANTA MARIA DOS ANJOS

FONTE: <http://www.travelplan.it/img/assisi02.jpg>



FOTOGRAFIA 2 - PORCIUNCULA

FONTE: <http://neiva.passuello.com.br/wp-content/uploads/la-porziuncola.jpg>

Verifica-se, a partir do exemplo (que não é único) acima exposto, que todo o discurso de legitimação empregado pela instituição, pode cristalizar-se no território de algum modo. Logicamente, a Igreja não só demonstra materialmente, esta relação de poder, mas também, quando requisita os agentes franciscanos a assumirem suas paróquias, ela acaba por revelar seu poder com relação ao efetivo da Ordem. Outro aspecto muito importante seguirá na seqüência. Ele diz respeito ao carisma e a constituição da Ordem Franciscana, com seus ideais cristalizados também no espaço.

2.5.2 São Francisco e a Ordem Franciscana: O Vigor de um Carisma

Prestes a completar oitocentos anos do surgimento da primeira *fraternitas* em 2009, não restam dúvidas de que a Ordem Franciscana é uma das ordens religiosas mais importantes da Igreja Católica. O vigor da Ordem fundada por Francisco, em torno de seus primeiros companheiros, acabou por gerar vasta fraternidade de irmãos, não importando se de homens se mulheres, pois como legado, ele inspirou e instituiu o que atualmente se reconhece como a Ordem dos Frades Menores, Ordem de Santa Clara e a Ordem Franciscana Secular. Porém, para efeitos práticos nesta análise não se fará nenhuma distinção entre as mesmas, assim, todas serão percebidas como um todo.

Para tanto é oportuno dizer que agora será de suma importância a articulação do que se reconhece como *habitus* e a institucionalização do carisma, pois são ferramentas importantes para a idéia que se apresentará abaixo.

Sendo a Ordem Franciscana reconhecida como instituição, e naturalmente portadora e mantenedora e herdeira legítima do carisma franciscano, pode-se dizer que, a partir da Ordem constituída, surge o carisma institucionalizado. Por este ângulo, o carisma como ressalta Boff (1994, p. 255), “passa a ser considerado uma ‘estrutura estruturante’”. Sendo assim, o carisma preso à experiência pessoal de seu agente, e passa a organizar-se a partir da comunidade que dele compartilha.

Com este organizar, aparecem também as estruturas de manutenção deste carisma, que, de certo modo serão materializadas em estruturas fisicamente constituídas.

Deste modo, ao surgirem seguidores dispostos a viver segundo o jeito de Francisco, será também necessário organizá-los em determinados postos. Nasce

então a necessidade de formar locais específicos para aqueles que desejam adentrar a ordem.

Estes locais específicos devem, logicamente, traduzir, em grau máximo, determinada identidade, pois isso trará uma unidade em torno de seus membros. Em se tratando da Ordem Franciscana, seriam inúmeros os locais que expressariam esta identidade e que manteriam o carisma com vigor, capaz de atrair sempre novos adeptos.

Dentre estes, podem ser lembrados os seminários, as igrejas dedicadas a São Francisco, as igrejas comandadas por franciscanos, os educandários franciscanos, casas de formação e tantos outros, que estariam constituindo uma territorialidade específica da Ordem.

De outra maneira e por meio de outra relação, o que se percebe também, é que de algum modo, todos estes locais acabam por exteriorizar a presença do carisma de Francisco de Assis. Este ato, que demonstra possuir relação com o que é religioso, abre espaço para promover o *habitus* franciscano.

Por este entendimento, no momento em que determinado sujeito incorpora determinado *habitus*, e o incorpora, tem-se em mente que ele será exteriorizado novamente, projetando continuamente este *habitus*.

Pensando assim, em um caso particular de análise, quando se verifica a questão da expansão da capacidade demográfica da Ordem Franciscana, pode-se pensar, que ao passo que o carisma de Francisco funciona como estrutura de atração de novos sujeitos à Ordem, em sentido conjunto ela também cria estruturas que devem manter e promover a reprodução deste ciclo. Portanto, sem o carisma as estruturas criadas perdem sentido; mas, sem as estruturas, o carisma pode correr o risco de esvaziar-se. Neste sentido, tais estruturas compõem uma territorialidade própria, portanto uma territorialidade franciscana.

Esta territorialidade franciscana pode ser observada de maneira clara, quando nos reportamos ao passado do franciscanismo. Continuando a análise, um fato pode muito bem demonstrar com o Francisco cristaliza seu ideal de vida no território: este se realiza quando ele decide fazer de sua vida um espelho do Evangelho. Para realizar tal condição ele abandona o seu modo de vida de filho de comerciante rico e acaba por deixar a cidade, ou melhor, os muros da cidade. Tal abandono das muralhas da cidade reflete o que Francisco explicita em seu testamento, quando utiliza a expressão “abandonei o mundo”.

Esta expressão torna-se clara, quando se sabe que, na Idade Média, a vida só girava em torno da cidade fortificada. A vida social, econômica, política e religiosa lá estava em volta dos muros, que davam a sensação de segurança.

O que acontece é que Francisco faz então o contrário. Ele vai viver fora, quer viver próximo dos esquecidos. É ali que o carisma de Francisco se desenvolve. Isto é encontrado nas próprias palavras de Francisco, segundo Boff (1999, p.187) “e o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia para com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo”. Deste encontro com o que estava fora dos parâmetros, a vida de Francisco transformou-se e, conseqüentemente sua visão de mundo também. Toda esta mudança se cristalizou de algum modo no espaço. As idéias de pobreza, obediência à Igreja, o respeito a todas as criaturas, e aos mais necessitados, acabou por representar-se no que se reconhece como o local de origem do franciscanismo, o coração da Ordem Franciscana.

Portanto, desde o local escolhido, as dimensões do local de oração, as celas dos *Fratelli*, seja pelo material de construção até pelo tamanho. Tudo isso se cristalizava dentro da representação de vida que Francisco internalizava.

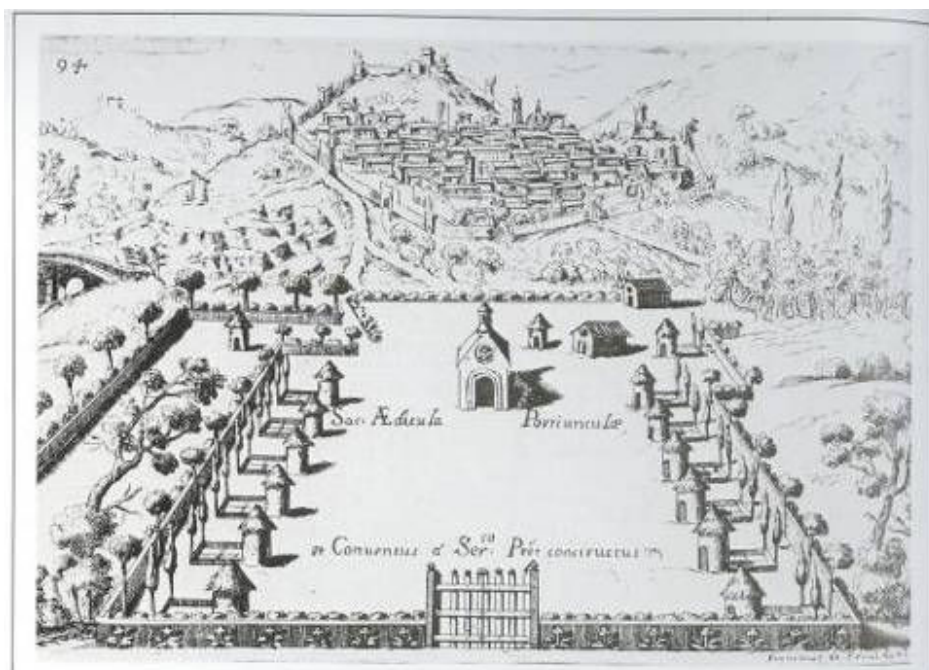


FIGURA 4 - O CORAÇÃO DO FRANCISCANISMO
FONTE: BOFF (1999)

Mais uma vez, vale relatar as palavras de Francisco sobre este modo de viver: Segundo Boff (1999, p188) “Evitem os irmãos de aceitar em qualquer caso,

igrejas, modestas habitações e tudo o que for construído para eles se não estiver conforme com a santa pobreza que prometemos pela Regra, demorando nelas sempre como forasteiros e peregrinos”.

Em uma análise pontual, todo este discurso acima se concretiza materialmente. Toda esta estrutura reforça o ideal itinerante do franciscano. O não ter nada grandioso me permite seguir avante mais facilmente sem receio de ter perdido demais. Todo este modo de viver é o centro do carisma franciscano e fundamenta o *habitus* proposto pela instituição franciscana como um todo, até mesmo a Ordem dos Capuchinhos.

Como último aspecto dos anteriormente levantados e que possuem uma relação direta com as origens do franciscanismo, resta fazer a análise das relações de poder entre a cidade de Assis e o carisma de São Francisco. Objetivamente, este aspecto trata da apropriação simbólica, na construção de uma nova representação dada à cidade de Assis.

2.5.3 De Francisco Bernardone a Francisco de Assis: A Representação de uma Cidade

Como se registra na história, é sabido que Francisco nasceu na idade média, em uma cidade que traduzia exatamente as características de seu tempo. Uma cidade rodeada por uma muralha, contendo portões de acesso, forte de guerra (Rocca, no em italiano para designar uma fortaleza) etc. É sabido também que, neste período, as cidades viviam em disputas de poder, onde o recurso mais utilizado era a guerra, a qual se resumia como forma de demonstração de poder. Dominar pela força era garantir o poder. Logicamente, tal tática também era utilizada pela cidade de Assis. Ter o status de cidade guerreira era deter, de algum modo o poder.

De qualquer forma, proteger a cidade pela forma bélica era, em resumo, proteger o território com seus costumes, a língua, as crenças dos que ali vivem sem interferência das outras cidades. Portanto garantir que este espaço não fosse tomado era garantir a autonomia dos sujeitos que ali vivem, era constituir um território próprio.

Ainda assim, esta estratégia de sistema fechado não era de fácil manutenção, principalmente para a cidade de Assis que, no tempo de Francisco não obtinha tanto sucesso nas guerras que enfrentava.

Acontece que, com o surgimento de Francisco e conseqüentemente da difusão de seu carisma por toda a Itália, as coisas mudam, e as estratégias da cidade de Assis em busca de status também.

Um exemplo destas estratégias está amplamente ligado ao nome pessoal de Francisco, o qual oficialmente é Francisco Bernardone. Tal nome relaciona-se a família de seu pai, o qual, dentro da sociedade assisiense, possuía forte respeito como grande comerciante. Mas, menos com um nome de prestígio, parece que a história relegou outro nome ao santo. Este nome, como se sabe, passou desde muito tempo atrás, a ser Francisco de Assis e não mais Francisco Bernardone.

Esta simples modificação de ordem nominal revela acima de tudo uma questão política, retrata enorme mudança na história de Assis. Pode-se dizer que o casamento entre Igreja e Estado neste fato se esclarece perfeitamente. Isto porque, ao “doar” o nome ao santo a cidade acaba ligando-se a ele.

Como o santo detinha força representativa muito grande, a qual, diga-se de passagem, foi crescendo para fora da Itália também, se verifica que Assis, de certo modo, se expande junto com a força do santo. Antes, uma pequena cidade protegida por muralhas e fechada em seus portões. Com o santo não. Agora ela é uma cidade de fronteiras abertas e o seu status superior a qualquer outra que a circunda.

A propagação da Ordem Franciscana por vários países leva também o nome de Assis. Ela é o local de inspiração dos que querem seguir os passos de São Francisco. Assis torna-se o lugar por excelência do franciscanismo. Queres sentir Francisco, venha para Assis.

A partir desta “doação” do nome Francisco, a cidade de Assis amplia seus domínios e ganha importância no cenário medieval. Mesmo que o santo oficial da cidade de Assis não seja São Francisco, mas São Rufino, este último perde espaço na constituição da cidade. Agora Assis é a Pátria de São Francisco. Tudo na cidade passa a ser associado a São Francisco, mesmo nos dias atuais; nos mapas representativos de Assis, desde o século XVI, se identifica claramente esta associação. Nomes como: Assis Pátria de São Francisco ou Assis cidade de São Francisco, acabam por ganhar destaque imenso.



FIGURA 5 – REPRESENTAÇÃO DE ASSIS
 FONTE: www.assisivirtual.com/storia.html



FIGURA 6 – REPRESENTAÇÃO DE ASSIS
 FONTE: www.assisimattonata.com/default

Desta forma, a força da representação, oriunda de Francisco, materializa-se no território, estabelecendo novas fronteiras da cidade de Assis, seja pelo seu alargamento ou pela sua imutabilidade. Pode-se dizer que o alargamento ocorreu no passado, atualmente visa-se à imutabilidade.

Logicamente todo este processo de imutabilidade ocorre para que os peregrinos e turistas estejam o mais próximo da realidade vivenciada pelo santo, criando uma aura de santificação da própria cidade, deixando com que ruas, praças, casas, enfim tudo tenha um caráter de santidade e paz.

Assim, quanto mais fiel ao passado, melhor para a cidade de Assis. Quanto mais ela representar o local de vivência do santo, mais inspiradora aos peregrinos ela se torna. Este processo pode ser percebido de melhor forma, quando se pensa no local em que o franciscanismo se desenvolveu e onde atualmente ocorre este processo.

Antes a porciúncula fora da cidade, era o centro, agora o convento e a Basílica de São Francisco onde repousam seus restos mortais assumem este papel; porém os dois estão ligados diretamente ao espaço urbano da cidade, que os atraiu para si, demonstrando um processo de apropriação simbólico mais que importante para seu desenvolvimento.



FOTOGRAFIA 3 – ASSIS ATUALMENTE

FONTE: http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Assisi_Panorama

Findada esta série de apontamentos a partir da análise de algumas relações possíveis entre o carisma de São Francisco e sua cristalização no território, passa-se a uma retomada final dos conceitos chaves pertinentes ao trabalho, buscando demonstrar o devido entrelaçamento e articulação entre eles.

2.6 TERRITÓRIO, *HABITUS*, CARISMA E PODER: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL

Buscando efetivar a relação entre carisma e poder, *habitus* e sua cristalização no território, de modo articulado, pode-se, de início, apontar que o território é aquilo que congrega significados e símbolos, sendo o espaço delimitado e pleno de relações de poder.

Este estar pleno leva a crer que o território pode ser compreendido intensamente de outros modos; mas, desde que se verifique uma relação de poder ou controle. Quando surge o poder, e se efetivam suas relações, surge também o território.

No caso do carisma que foi bem trabalhado pelo pensador Max Weber em suas obras, e que o trata como sendo uma forma pura de dominação legítima, o carisma pode ser traduzido como poder. Para tanto é oportuno ler o que diz o próprio Weber sobre o que seja o carisma, quando encarado em uma autoridade carismática:

A autoridade carismática baseia-se na “crença” no profeta ou no “reconhecimento” que encontram pessoalmente o herói guerreiro, o herói da rua e o demagogo, e com eles cai [...]. Sem dúvida, a autoridade carismática é uma das grandes forças da história, porém em sua forma totalmente pura tem caráter eminentemente autoritário e dominador. (WEBER, 1979, p.136).

Esta tradução do que seja a autoridade carismática e por conseqüência a forma de exercitar uma relação de poder pensada por Weber, dá condições de ler carisma como poder. Portanto reconhecer carisma como tal facilitará o entendimento da presente proposta.

Em caso particular, sobre a existência de uma determinada autoridade carismática relacionada à pessoa de Francisco de Assis, pode-se ler o que o próprio Weber (1999, vol.II, p.325) diz em uma de suas mais importantes obras: “Não é raro, sem dúvida, que o carisma condena conscientemente a posse de dinheiro e as receitas correspondentes, puramente como tais, como São Francisco e muitas figuras semelhantes”. Vale lembrar, que a citação aqui transcrita é meramente utilizada para reforçar a idéia de Francisco de Assis possuir o título de autoridade carismática, pois o contexto da qual ela é proveniente sem dúvida, está concatenada

a uma situação estritamente econômica, que é o campo por excelência da obra de Weber.

A força carismática encontrada em Francisco não é baseada na política ou economia, ela provém de outro campo, o campo religioso. Esta idéia de campo torna-se importante, porquanto ao associarmos carisma às análises que Pierre Bourdieu (2002) desenvolveu em sua obra, será operacionalizado de melhor forma o conceito de *habitus*, o qual irá colaborar na associação do carisma de Francisco em relação à Ordem Franciscana. Vale lembrar que Bourdieu trata da questão carismática, com base na releitura da obra de Weber.

Após este pequeno refletir, associando carisma e poder, pode-se continuar a trajetória, mais uma vez, em direção ao território e suas possíveis territorialidades. Para tanto, quem muito bem relacionou território ao poder foi Claude Raffestin (1993). Em sua obra, o autor dedica atenção a vários modos de mediação no exercício da manutenção do poder, incluindo a religião.

Ao dedicar atenção à religião como forma de exercício de poder, Raffestin (1993, p. 119) afirma que “o fenômeno religioso é caracterizado por relações de poder, o que acaba por permitir relacionar a questão do carisma de Francisco ao território”.

Quanto à relação entre o poder e o território:

O poder visa o controle e a dominação sobre os homens e sobre as coisas [...]. O território não é menos indispensável, uma vez que é a cena do poder e o lugar de todas as relações [...]. O território é um trunfo particular, recurso e entreve, continente e conteúdo, tudo ao mesmo tempo. (RAFFESTIN, 1993, p.58).

Percebe-se que território e poder são simetricamente relacionados; portanto o carisma, como forma de poder também o é.

Salientando ainda mais este vínculo do religioso com o território, é importante recordar que:

bem mais do que a língua. A religião é marcada por relações de poder cujos trunfos são exatamente o controle da energia e da informação, sob a forma de homens, de recursos e de espaços. Sendo uma organização, toda igreja se comporta da mesma maneira que qualquer outra organização: procura se expandir, reunir, controlar e gerenciar. (RAFFESTIN 1993, p. 127).

Indubitavelmente a religião, por ter em si aspectos das marcas do poder, não deixaria nunca de buscar cristalizar seus territórios. Quando se pensa na Igreja como instituição, mais facilmente este aspecto se demonstra.

Adentrando um pouco mais nesta questão, e fazendo uma ponte entre a idéia de religião e a dimensão de análise do sagrado em relação à existência do carisma de Francisco, pode-se retomar a dimensão geográfica já encontrada no pensamento de Gil Filho (2002) a qual aponta a possibilidade de realização da análise da instituição propriamente dita que se realiza como ator da própria história.

Esta concepção de uma dimensão institucional do sagrado permite que se construa uma relação entre o carisma pessoal de Francisco e a sua transposição à Ordem Franciscana, pois é por este ato que os seguidores de Francisco acabam por originar e reproduzir o *habitus* franciscano e, na seqüência, institucionalizá-lo, dando margem assim, a toda a análise dos espaços por esta ordem mantidos.

Reforçando esta transposição do pessoal para o institucional, é bem condizente o que diz Weber (2000, vol. I, p. 162): “- a dominação carismática, que, por assim dizer, somente *in statu nascendi* existiu em pureza típico-ideal, tem de modificar substancialmente seu caráter: tradicionaliza-se ou racionaliza-se (legaliza-se) ou ambas as coisas, em vários aspectos”. Esta modificação remete à idéia de que, sem o agente portador do carisma, o carisma só se manteria, caso fosse incorporado por uma das duas formas de dominação restantes apontadas por Weber a dominação tradicional e a legal (burocrática). Esta idéia, de certa institucionalização do carisma, corrobora, em muito, a idéia acima mencionada de Gil Filho.

A fim de explicitar melhor toda esta articulação entre os conceitos chaves e suas relações, abaixo segue um esquema e resumo que permitira uma percepção das possibilidades relacionais entre o carisma, elemento base presente em todos os níveis e os devidos fatores sintagmáticos. Este esquema pretende traduzir de forma clara, as relações entre o carisma e a Igreja, Ordem Capuchinha e a cidade como poder público e os seus devidos desdobramentos.

Ao lançar no centro o carisma como estrutura estruturante, a partir de sua subjetividade, criando determinadas relações com as estruturas estruturadas, têm-se uma série de resultados.

O caráter fluido do carisma permite que este se entrelace às estruturas estruturadas, de modo que consiga manter-se relacionado paralelamente a

diferentes estruturas, sem que ele se enfraqueça. Isto o torna um elemento amplamente forte e de certa forma de influência.

Assim, mesmo que o carisma seja subjetivo em sua essência, seus efeitos são concretos. Pode-se dizer que não há desgaste no ato de se relacionar paralelamente com diferentes estruturas, mas, há demonstração de vigor e capacidade de flexibilização.

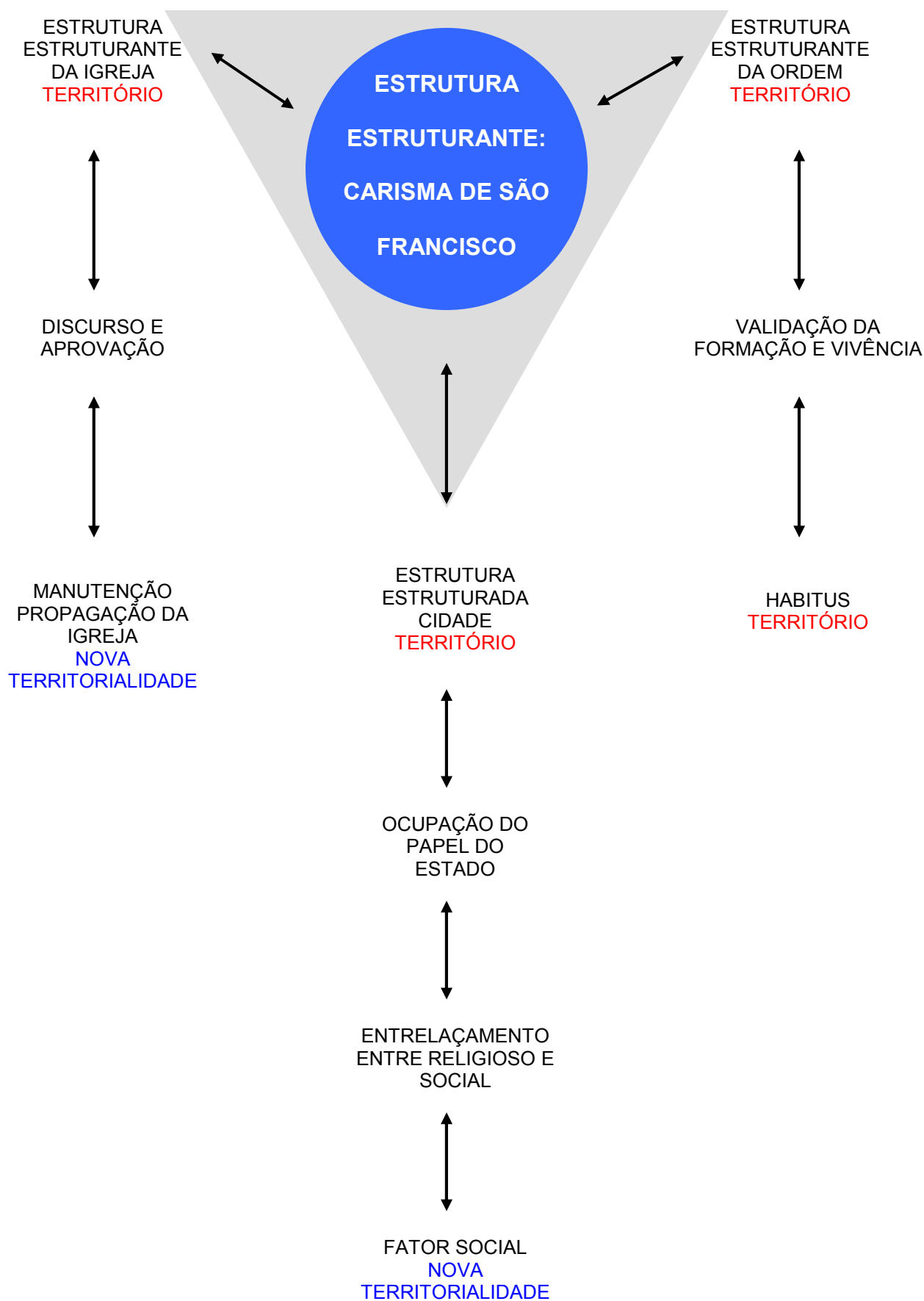
Toda esta fluidez potente, ao ser introduzida nas estruturas estruturadas, acaba por permanecer nelas e cristalizar-se de algum modo no espaço. Seja direta ou indiretamente, produz territórios ou territorialidades.

No esquema abaixo, o carisma de São Francisco promove relação com a Igreja, a qual acaba gerando um discurso de apropriação deste carisma, visando aproveitar a sua vitalidade, na expansão e manutenção dos seus territórios. Portanto tudo o que for produzido pelo carisma será em benefício da Igreja.

Quando o carisma se institucionaliza na Ordem Capuchinha, no tempo em que esta o mantém, sem ele ela não existiria, porque é uma relação de coexistência, apesar de se perceber que o carisma franciscano transcende a própria ordem.

Desta relação surge o aspecto formativo do agente que está relacionado diretamente à Ordem Capuchinha, o qual acaba incorporando o carisma, traduzindo-o em *habitus*. Para tanto este carisma para ser incorporado, necessita de locais específicos para ser apreendido: gera, portanto, territórios próprios do carisma dentro da ordem, ou melhor, territórios de promoção e manutenção do *habitus*, na sua essência.

Findando este esquema, há também a relação desenvolvida entre o carisma e a cidade, a qual se manifesta claramente como estrutura estruturada e que também se apropria do carisma, visando utilizá-lo o mesmo como elemento de representação e efetivação das suas funções próprias. Há, desta forma, uma relação em que o carisma acaba por assumir o papel do poder público, saindo do seu campo religioso para cristalizar-se no campo público, social.



Sendo assim, efetivado determinado levantamento teórico acerca dos conceitos envolvidos neste trabalho, pode-se passar à identificação da instituição central deste trabalho, a Ordem do Frades Menores Capuchinhos. Antes, porém, um breve apontamento do que seria o Franciscanismo e suas multiplicidades se faz importante, pois entender um pouco melhor este movimento, facilita a compreensão da Ordem Capuchinha.

CAPÍTULO III – FRANCISCANISMO: A FORÇA E MULTIPLICIDADE DE UM CARISMA E SUAS TERRITORIALIDADES

Como já exposto anteriormente, o carisma de São Francisco conseguiu, nos últimos oitocentos anos, propaga-se de modo vigoroso pelo mundo todo, de maneira surpreendente. Já atraiu milhares de seguidores e continua a fazê-lo.

Este vigor, que é constatado desde suas origens, se relaciona ao fato de ser o carisma de São Francisco incorporado a partir de seu surgimento de maneira diversa, porquanto, desde o surgimento da 1ª Ordem Franciscana, o carisma de Francisco não se restringiu unicamente àquele grupo especificadamente. A Ordem Primeira de São Francisco de Assis está dividida em três ramos: Frades Menores, Conventuais e Capuchinhos.

Posteriormente, o próprio Francisco viu este carisma ser incorporado pelas mulheres a partir de Santa Clara, gerando a 2ª Ordem Franciscana. E por fim, a Ordem Franciscana Secular reconhecida, como Terceira Ordem, da qual participam todos aqueles que se dispõem e vivenciar o carisma de São Francisco, sendo leigos ou consagrados.

Ao se observar toda esta capacidade de gênese, o carisma de São Francisco acaba por gerar não uma única Ordem, mas o que pode ser considerado um movimento franciscano, ou melhor, o franciscanismo, identificado como família franciscana.

Porém toda esta diversidade, muitas vezes, ocorreu devido a diferenças de interpretação dos ideais de Francisco entre seus próprios seguidores, principalmente, dentro do que se denomina 1ª Ordem Franciscana. Esta Ordem, que está atualmente dividida em três ramos, Frades Menores, Conventuais e Capuchinhos, demonstra que o carisma de Francisco pode sobrepor-se a rupturas a qualquer tempo. Tais rupturas não enfraquecem o carisma, elas simplesmente acabam por revigorá-lo.

Toda esta problemática, pode ser mais bem entendida sobre o movimento de rupturas dentro do franciscanismo:

De qualquer modo entre mudança presentes de futuras, algo permanecia constante e indelével: a memória do próprio passado. E mesmo aquele passado poderá ser (e será) manipulado, distorcido, instrumentalizado, mas continuará a ser referência imutável para homens e instituições que, como

Frades e Ordens “franciscanas, bem ou mal, fundamentavam e legitimavam a própria existência em nome de São Francisco”. (MERLO, 2005, p.282).

Nas palavras de Merlo, percebe-se claramente a idéia de que as rupturas sempre poderão acontecer, o que não vai ocorrer é a mudança da base geradora de todas elas, no caso, mudança do carisma de São Francisco.

Entretanto as rupturas ocorridas dentro da 1ª Ordem surgiram sempre devido a uma discórdia sobre qual seria o modo mais correto de vivenciar o carisma de São Francisco. Quer dizer, quem seria o mais fiel seguidor dos ideais de Pai Francisco.

Esta discussão sempre foi delicada, pois sempre que surge o novo, o mesmo se intitula o que quer resgatar a fidelidade ao passado. Este exemplo pode ser bem observado, quando se analisa o surgimento da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Todo o processo de surgimento dos capuchinhos ocorre devido às divisões entre Conventuais e Observantes. Portanto, a partir daqui dar-se-á ênfase à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, visando mostrá-la de modo geral, até chegar aos pontos específicos deste trabalho, localizado na cidade de Curitiba e ligado à Ordem Capuchinha.

3.1 OS FRADES MENORES CAPUCHINHOS: A NOVA FRANCISCANIDADE

Nas primeiras décadas do século XVI, a 1ª Ordem Franciscana, até então composta pelos Frades Menores Conventuais e Observantes, vinha passando por momentos de disputas internas pela liderança institucional da Ordem. Em meio a um clima de conflitos e divisões, assiste-se ao crescimento de um desejo por parte de alguns indivíduos de viver uma “mais estreita observância” dos ideais franciscanos. Dedicar-se a praticar a rigorosa pobreza e a contemplação era a busca de muitos.

Este ideal de isolamento e de uma vida itinerante faz surgir a experiência dos “Frades menores de vida eremítica”. Esta experiência vai receber um número expressivo de novos membros; dez anos depois, passa a contar com o nome de “Frades Menores Capuchinhos”.

Os Capuchinhos nascem na Península Italiana, na região das Marcas, no início do século XVI, um frade chamado Mateus de Bascio, sacerdote da Ordem dos Frades Menores, jovem de pouca cultura, mas, com jeito de pregador popular,

pertencia ao grupo que, na Província das Marcas, reclamava a liberdade de observar a Regra ao pé da letra.

Mateus dizia ter tido uma visão, em que o próprio São Francisco o confirmava em sua atitude, em que via também que o hábito do Seráfico Pai não era o mesmo que então se vestia, mas muito mais rude e com capuz pontiagudo costurado à túnica. Adotou esta veste, e deu-se à prática literal da Regra.

Foi a partir de uma autorização verbal de Clemente VII, no ano de 1525, que Mateus de Bascio pode dedicar-se a observação da regra, na qual ele poderia “pregar e ter um companheiro” e de “poder vestir o hábito que se lê e se sabe que certamente foi usado pelo Pai São Francisco”. (MERLO, 2005, p. 251) Deste modo de viver nasceu a terceira componente da ordem Franciscana.

Desde então, a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos vem difundindo sua presença pelos países, expandindo cada vez mais o carisma de São Francisco e os domínios da Ordem Franciscana.

A Ordem Capuchinha está atualmente localizada em 99 países em todo o mundo, com cerca de 11.000 frades que vivem em mais de 1.800 comunidades.

Evidente, que dentro do histórico da própria ordem capuchinha, ela passou por momentos de expansão e retração, e que os números atuais representam, de algum modo todo um movimento interno pelo qual as ordens religiosas vêm passando, no sentido de manterem seus contingentes humanos; é a partir do contingente de agentes que a própria ordem se reorganiza, interna e exteriormente: Modifica planos, reorganiza territórios, redefine ações, reordena sujeitos etc.

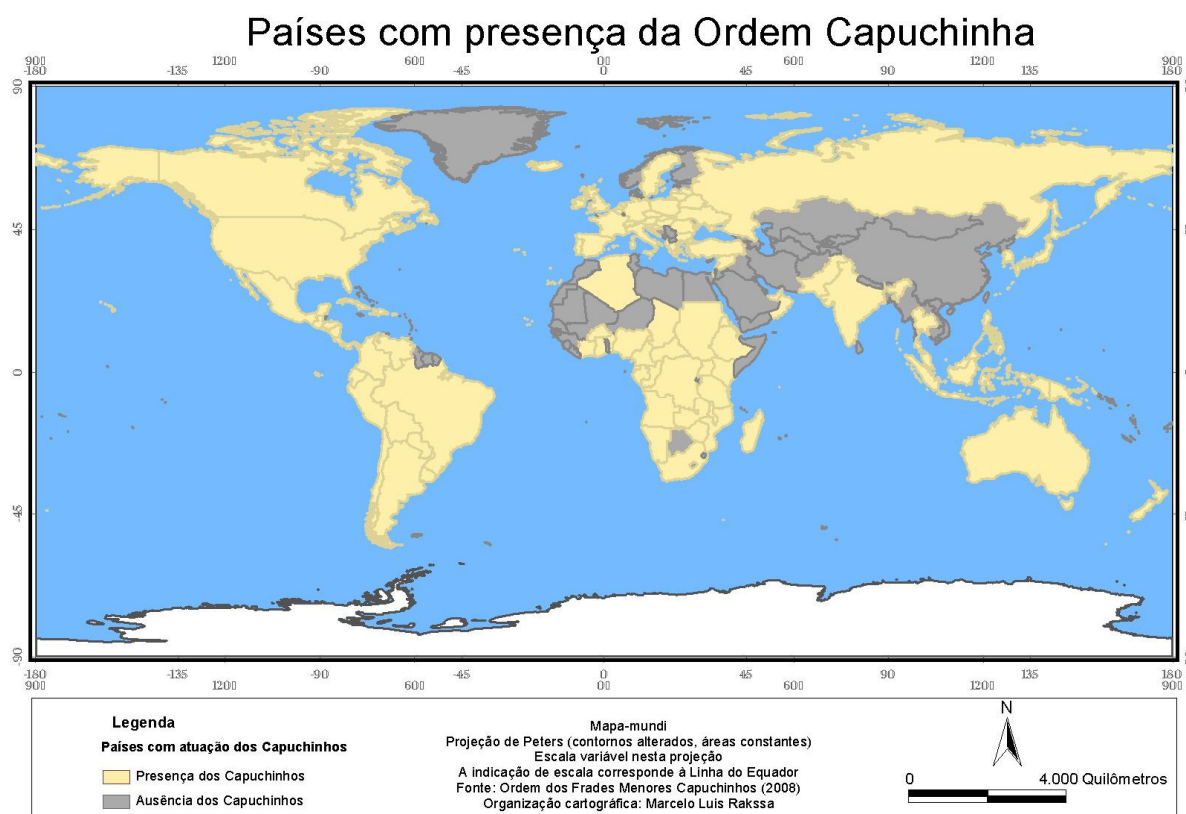


FIGURA 7 – PAÍSES COM PRESENÇA DA ORDEM CAPUCHINHA

3.2 AS ESTRUTURAS DA ORDEM CAPUCHINHA TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

Todo este contingente de membros e comunidades é estruturado de forma orgânica, a qual delimita de modo particular a territorialidade da Ordem.

Neste sentido, a ordem possui um governo central e está dividida em Conferências, Províncias, Vice-províncias, Custódias, Casas e Fraternidades locais, podendo ser acrescentadas as delegações e as Casas de presença.

Conforme as orientações da Ordem Capuchinha, a partir do livro de orientações “Conhecendo os Freis Capuchinhos” (2000, p.54/55), pode-se definir cada divisão da seguinte forma:

- a) Conferência é formada pelos ministros provinciais, vice-provinciais e pelos superiores regulares de qualquer região ou território, constituídas pelo ministro geral com o consentimento do definitivo.
- b) Província é constituída de um grupo de freis e de fraternidades locais; este tem um território próprio, com o seu ministro provincial.

- c) Vice-Província é uma parte de Ordem, constituída de um determinado território, ligada diretamente ao ministro geral (ou vice-provincial geral), ou confiada a qualquer província (vice-província provincial); esta é confiada a um ministro vice-provincial na qualidade de vigário do ministro geral ou provincial respectivamente.
- d) Custódia (ou Missão) é um grupo de freis que, pertencendo a uma província, atendem à obra missionária de um determinado território e são governados por um superior regular como vigário do ministro geral.
- e) Fraternidade local: é um grupo de, ao menos, três freis professos, que vivem numa casa legitimamente erigida, tendo um superior local ou guardião.
- f) Delegação: denominação não inserida nas Constituições, mas usada na prática para designar um grupo de freis e de fraternidades locais que iniciam a Ordem num determinado território e dependem diretamente do ministro geral (delegações gerais) ou de qualquer província (delegações provinciais).
- g) Casas de presença, residência ou presença: trata-se de uma realidade análoga à precedente, mas mais reduzida, que não preenche as condições para formar uma delegação e que permanece incorporada a uma província.

Fica clara em todas estas divisões a presença de um território determinado, e que sempre estará subordinado a uma das escalas de poder dentro da Ordem.

A partir desta constatação, pode-se propor que a Ordem Capuchinha estabeleça estruturas específicas dentro dos seus domínios, quanto a seu território.

Para entender estas estruturas, vale observar o que Gil Filho (2006) dispõem sobre a territorialidade católica e que pode servir também para o entendimento da Ordem Capuchinha.

Dois grupos de estruturas da territorialidade católica são discerníveis: 1. As estruturas da territorialidade de base caracterizadas pela interação social entre a população e a Igreja através do clero. 2. As estruturas da territorialidade católica derivadas, representadas por estruturas de hierarquia e/ou escala atinentes à macroestrutura administrativa da Igreja. (GIL FILHO, 2006).

Esta idéia de que a territorialidade num primeiro ponto, está centrada em base relacional entre o povo e a Igreja pode ser bem percebida na dimensão da paróquia, em primeiro lugar, depois nas escolas, hospitais e instituições beneficentes e nos locais sagrados de peregrinação.

Num segundo ponto, a territorialidade apresenta-se a partir de uma articulação hierárquica e política. As dioceses e arquidioceses, Conferência Nacional dos Bispos, Conselho Episcopal e Santa Sé.

Toda esta organização pode, de modo particular, ser retomada e relacionada também à Ordem Capuchinha.

Para tanto a divisão da Ordem Capuchinha, acima exposta, pode enquadrar-se perfeitamente na estruturação derivada, representada pela hierarquia: Governo Geral, Conferência, Província, Vice-Província, Custódia, Fraternidades, Delegações e casas de presença.

Por outro lado, as demais estruturas estariam relacionadas às estruturas de base da Ordem: paróquias, conventos, casa de retiros, centro sociais, leprosário, hospitais, entre outros.

Diante dessa divisão, antes de se chegar particularmente aos locais específicos deste estudo, pode-se criar uma melhor compreensão da territorialidade capuchinha, com uma aproximação, a partir da visualização decrescente dos países da América do Sul que possuem obras capuchinhas, passando pelo Brasil, a partir da localização das Províncias e vice-Províncias que aqui estão erigidas e que formam uma Conferência, Conferência do Brasil, chegando à Província São Lourenço de Brindes, que compreende a cidade de Curitiba, onde se encontram os locais objetos de estudo deste trabalho.

Dessa forma, na seqüência serão apresentados os mapas representativos das instâncias hierárquicas da Ordem Capuchinha, retomando a explicação quanto a Província São Lourenço de Brindes e sua história, para somente no momento oportuno fazer o mesmo com os locais específicos de estudo do presente trabalho.

Países com presença da Ordem Capuchinha - América do Sul



FIGURA 8 – PAÍSES COM PRESENÇA DA ORDEM CAPUCHINHA – AMÉRICA DO SUL

Conferência do Brasil - Províncias e vice-províncias capuchinhas



FIGURA 9 – CONFERÊNCIA DO BRASIL – PROVÍNCIAS E VICE-PROVÍNCIAS CAPUCHINHAS

Província Capuchinha São Lourenço de Brindes

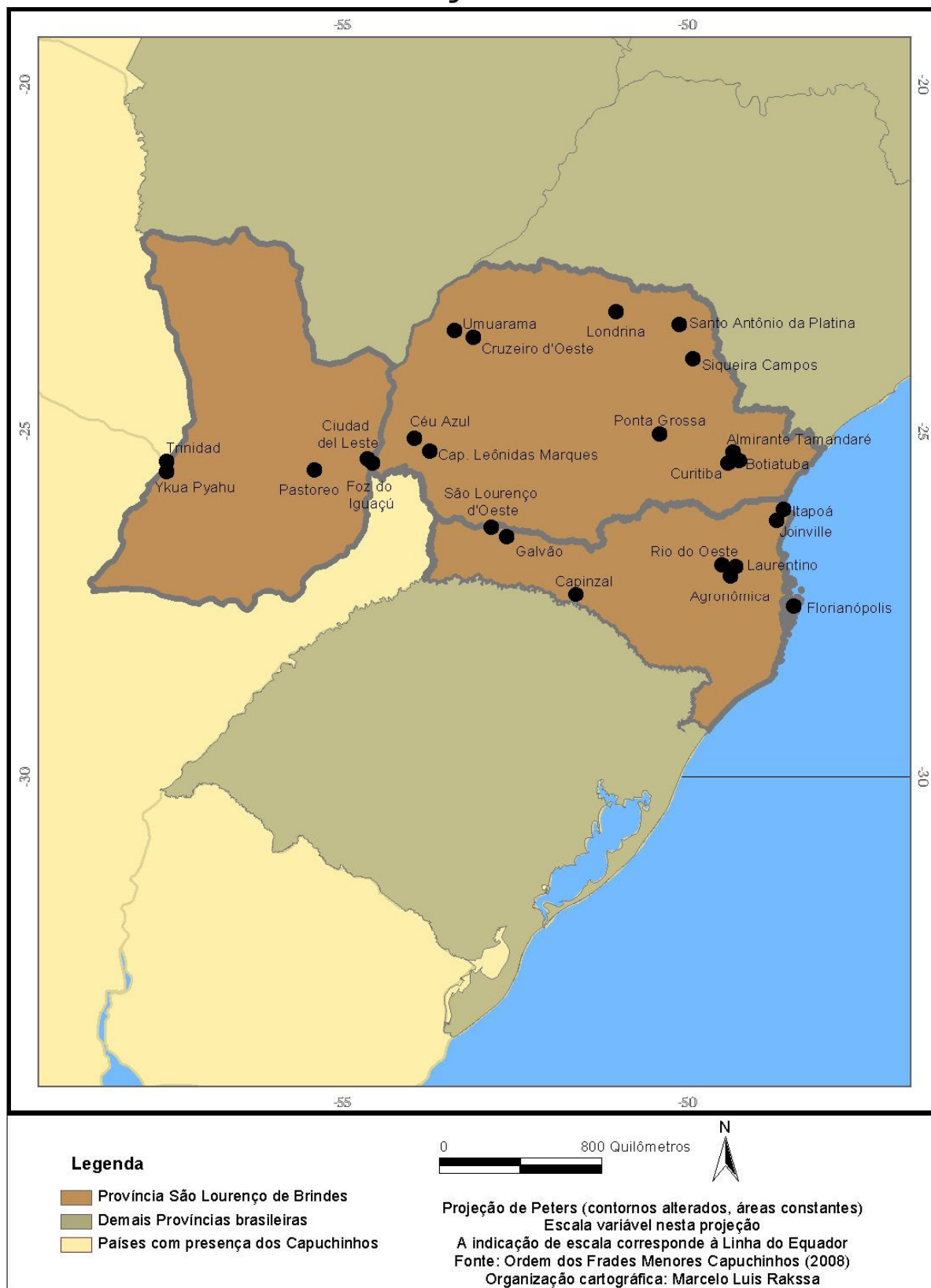


FIGURA 10 – PROVÍNCIA CAPUCHINHA SÃO LOURENÇO DE BRINDES

A Província São Lourenço de Brindes, que compreende os Estados do Paraná, Santa Catarina e o Paraguai, é a divisão mais próxima da realidade deste estudo. Isto se deve à cidade de Curitiba, que está situada em seus domínios. É bom relatar que a presença territorial de outro país nos domínios de uma Província ligada à Conferência do Brasil, demonstra que as divisões da Ordem, necessariamente, não precisam obedecer a divisão política reconhecida geograficamente. Existe uma divisão específica que se concretiza a partir de uma necessidade particular da Ordem.

No caso particular da Província São Lourenço de Brindes, isso ocorre, porque a presença capuchinha no Paraguai ainda é considerada uma Missão. Como exposto anteriormente, os seus negócios devem ser orientados por um delegado do superior geral. Certamente, a partir do momento em que esta Missão conseguir manter-se por suas próprias condições, haverá uma nova divisão e ela passará a vice-província ou província, conseqüentemente.

Entretanto isso é um processo de transição interna da Ordem. Para este trabalho o que vale agora é a questão particular dos locais ligados aos capuchinhos de Curitiba. Para tanto um oportuno resgate do histórico desta Província pode ajudar.

3.3 SÃO LOURENÇO DE BRINDES: DA ITÁLIA AO BRASIL

A presença capuchinha no Estado do Paraná e Santa Catarina, iniciou no final do século XIX. Porém, oficialmente, isto só veio ocorrer quando o Bispo de Curitiba Dom João Francisco Braga pediu ao papa Bento XV missionários para os lugares de sua Diocese que necessitavam de assistência religiosa.

Após receber orientação do pregador apostólico Frei Lucas de Pádua, em buscar recursos com o Ministro geral da Ordem, o qual o encaminhou ao provincial de Veneza, o bispo Dom João Francisco Braga enviou carta solicitando missionários. Desta carta resultou posteriormente o primeiro acordo entre a diocese e a Ordem Capuchinha da Província de Veneza Itália. No mesmo ano, no mês de maio, tudo estava decidido, seriam enviados ao Brasil, no Estado do Paraná, quatro sacerdotes. Tais sacerdotes partem da Itália em setembro de 1919, chegando definitivamente, em Curitiba em janeiro de 1920. Logo após foram encaminhados para outras localidades.

A partir disto, o trabalho se desenvolveu em planta progressiva. Em 1922, com a licença do bispo diocesano, os capuchinhos iniciaram seu projeto de construção do convento central em Curitiba. Este convento teve sua construção efetivada no bairro Mercês, tendo sido oficialmente abençoado em 1925. Assim, os capuchinhos continuaram expandindo seus trabalhos para outras cidades do Paraná e Santa Catarina, até chegarem atualmente a status de Província, chamada São Lourenço de Brindes. Desde o início se percebe uma relação entre a Ordem e a Igreja. Desde a solicitação da vinda até a autorização para realizar as suas construções, bem como o envio as paróquias, tudo passa pelo bispo. Porém a expansão da ordem vai ocorrendo e se cristalizando dentro da diocese de Curitiba e da cidade de Curitiba também.

3.4 OS CAPUCHINHOS E SEUS ESPAÇOS EM CURITIBA

Especificadamente este trabalho possui como objetivo principal analisar as relações de poder que acontecem nos espaços de presença capuchinha da cidade de Curitiba. De lado ficaram os locais que compõem a província e se fará a devida localização dos locais a serem estudados. Tais locais, como já se disse, estão todos situados na cidade de Curitiba.

Em meio a estes locais é que se estabelecem determinadas relações de poder, as quais se cristalizam no território.

No referente do estudo compõe este rol, o Convento Nossa Senhora das Mercês, a Igreja Nossa Senhora das Mercês, a casa Provincial, a casa de Oração Nossa Senhora dos Anjos, a Igreja Nossa Senhora da Luz dos Pinhais e a Capela São Leopoldo Mandic.

Cada um desses locais possui sua função e desenvolve suas relações de poder. Por meio deles a problemática deste projeto se desenvolve. Assim, na seqüência, cada um desses locais passará a ser apresentado formalmente, mas não necessariamente em uma ordem de origem.

Para que toda análise a ser realizada seja promovida da melhor forma possível, identifica-se como primeiro local da Ordem a Casa Provincial.



FOTOGRAFIA 4 – CASA PROVINCIAL

FONTE: http://www.capuchinhosprsc.org.br/provincia/curia_provincial.php

Segundo informação retirada do site oficial da Província, antes de tudo é importante expor qual a missão da fraternidade São Lourenço de Brindes da Sede Provincial, situada em Curitiba, PR, “é testemunhar evangelicamente Jesus Cristo, lutando por uma vivência dos valores franciscanos capuchinhos e que organize a administração dos serviços provinciais, acolha fraternalmente aos frades visitantes e empenhe em favorecer uma ação participativa, buscando inspirar confiança e paixão pela missão provincial”.

De modo conjugado, porém com distinção de objetivos, seguem o Convento e a Igreja Nossa Senhora das Mercês.

O objetivo do Convento é “ser testemunha de vida minorítica; Frades penitentes e orantes procuram viver à fraternidade, como anúncio profético do Reino de Deus, em comunhão eclesial e provincial, e com disponibilidade para atender o povo, serviço fraterno de acolhimento aos hóspedes e no atendimento aos Frades idosos e dos que vêm para consultas e exames médicos. Na fraternidade residem os Frades Missionários, os Frades que atendem à Paróquia Nossa Senhora das Mercês e os Frades que administram as bênçãos”.



FOTOGRAFIA 5 – VISTA AÉREA DE FRENTE DA IGREJA DAS MERCÊS
FONTE: FREI MOACYR



FOTOGRAFIA 6 – VISTA AÉREA FUNDOS E LATERAL ESQUERDA. DA IGREJA DAS MERCÊS
FONTE: FREI MOACYR

Quanto à Igreja, ou melhor, à Paróquia Nossa Senhora das Mercês, o ideal é servir ao povo com o atendimento espiritual, confissões, bênçãos, acolhimento psicológico e realizar o ato litúrgico da celebração da eucaristia.

Outro local a ser exposto é a Casa de Oração Nossa Senhora do Anjos. Tal local tem como objetivo principal servir de local de retiro espiritual para os frades. É um lugar destinado à oração e contemplação, está situado em meio à natureza, onde se pode ouvir o canto dos pássaros e sentir a paz que vem de Deus.



FOTOGRAFIA 7 – CASA DE ORAÇÃO

FONTE: http://www.capuchinhosprsc.org.br/fraternidades/casa_de_oracao.php

Por fim, resta apresentar a Paróquia Nossa Senhora da Luz dos Pinhais e a Capela São Leopoldo Mandic, situadas no bairro CIC.

Tanto a matriz quanto a capela atendem ao povo nas suas necessidades espirituais; porém, nestes espaços ocorre também o desenvolvimento de um trabalho social muito intenso; desde creche, até cursos de panificação e corte costura, para o desenvolvimento e promoção humana, como de cabeleireiro, por exemplo.



FOTOGRAFIA 8 – MATRIZ DA PARÓQUIA
NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS



FOTOGRAFIA 9 – CENTRO SOCIAL
NOSSA SENHORA DA LUZ

FONTE: FREI GONZAGA



FOTOGRAFIA 10 – CRECHE FREI MIGUEL
FONTE: FREI GONZAGA

FONTE: FREI GONZAGA



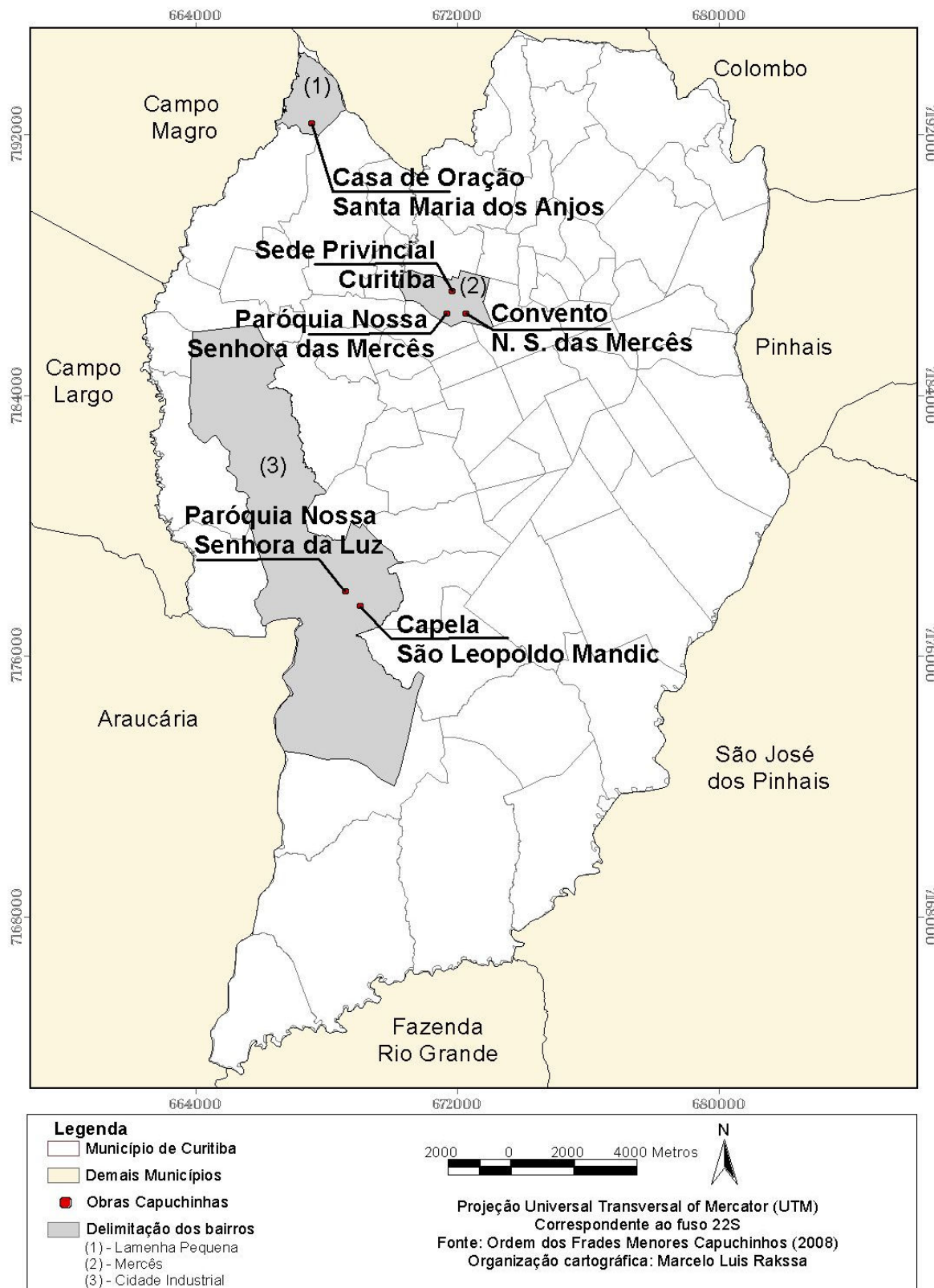
FOTOGRAFIA 11 – CAPELA SÃO LEOPOLDO
MANDIC
FONTE: FREI GONZAGA

Após a identificação dos locais e a exposição dos objetivos básicos quanto à sua existência, pode-se passar para a próxima etapa: analisar as entrevistas oriundas dos agentes atuantes nestes locais, das constituições capuchinhas, bem como relacioná-las aos conceitos básicos do trabalho, fazendo a devida ponte com as relações de poder que circundam o carisma de São Francisco.

Assim, no início do capítulo seguinte, será exposto o procedimento metodológico que serviu de base à efetivação das entrevistas e das respectivas análises em correlação as constituições capuchinhas e com os conceitos aqui explorados.

A partir de uma percepção simples, vê-se que as obras capuchinhas estão inseridas em contextos sociais distintos. Um primeiro contexto forma o conjunto Casa Provincial, Convento e Igreja das Mercês; um segundo, Paróquia Nossa Senhora da Luz e Capela São Leopoldo Mandic; o terceiro, Casa de Oração Nossa Senhora dos Anjos. Esta divisão em conjuntos é simplesmente para definir o recorte dos bairros onde elas se encontram.

Presença Capuchinha em Curitiba



MAPA 7 – PRESENÇA CAPUCHINHA EM CURITIBA

CAPÍTULO IV - DISCURSO E VIVÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DE UM IDEAL

Ao se falar de discurso e vivência, como modo de trabalhar uma análise de um determinado fato, neste caso das obras capuchinhas em Curitiba, tendo por fonte básica as entrevistas realizadas diretamente com os frades direta ou indiretamente ligados a estes locais e às constituições capuchinhas. Desde já, é necessário esclarecer que esta análise se dará pela ótica do entendimento do efeito do Carisma, aqui entendido como sistema que gera esquemas de percepção e de produção de determinadas práticas, estão diretamente relacionadas aos agentes e instituições. O discurso e a vivência, são frutos das escolhas que cada sujeito produz a partir de um *habitus* incorporado.

Assim, as entrevistas serão tidas resultado de um discurso e vivência de cada sujeito; de alguma forma elas se exteriorizam e se cristalizam na representação que cada um faz sobre cada tema e locais materiais constantes deste trabalho.

Optando por realizar entrevistas somente com agentes que estivessem relacionados, de algum modo a cada um dos locais, tais fossem hierarquicamente responsáveis destes locais, tais entrevistas foram efetivadas de modo que os agentes se expressassem livremente, a partir da do porque ser franciscano, seguindo com perguntas básicas quando fosse necessário retomar a ordem da temática proposta.

Assim, poderia observar-se como realmente o carisma se fazia incorporado nos sujeitos ligados à ordem e como isso interferiria nas suas escolhas.

Em termos práticos, foi selecionado depois sucessivamente para as entrevistas o maior representante da Igreja dentro da cidade de Curitiba; o arcebispo Dom Moacyr José Vitti, o ministro provincial da província São Lourenço de Brindes, o secretário geral da província, os párocos responsáveis pelas paróquias capuchinhas, os vigários que lá atuam. No caso específico uma das coordenadoras da obra social que a ordem desenvolve na paróquia Nossa Senhora da Luz. Ressalta-se que somente dois entrevistados não são capuchinhos de formação, o arcebispo e a coordenadora.

Por isso toda a investigação gira em torno da ordem qualitativa, debruçando-se sobre a fala livre dos agentes diretamente ou indiretamente envolvidos com a Ordem Capuchinha, tendo como objetivo extrair das entrevistas informações que

possam caracterizar as relações que prioritariamente se desenvolvem em cada espaço da Ordem.

Para tanto, antes de se trabalhar com os locais, faz-se necessário destacar o que os frades capuchinhos² disseram sobre o que seria um capuchinho. Isto será importante, pois é a partir desta identificação que se pode perceber a presença do carisma de São Francisco, ou não em cada sujeito, o qual produziria determinado habitus ou não.

Antes de tudo, registra-se que não será necessário destacar todas as falas de cada um dos freis cada tema explorado. Por uma questão de ordem, sempre se fará a utilização de um número (não de todos os entrevistados) de falas que permitam melhor reflexão para cada situação a ser trabalhada, e de um número maior, quando existirem casos de extrema divergência entre a fala dos agentes sobre assunto em voga, fazendo com que se descreva o maior número de falas para se efetivar melhor análise da situação.

4.1 CAPUCHINHOS: OS FILHOS DE FRANCISCOS

Durante todo o trabalho de entrevistas, após uma apresentação prévia, a pergunta inicial buscava saber o que era o que realiza um capuchinho.

Este indagar trazia a tona de início a presença da figura carismática de São Francisco. Em todas as entrevistas com os frades, São Francisco foi citado como inspirador dos capuchinhos com seus seguidores, tendo como objetivo seguir o Evangelho e servir a Igreja assim, como o próprio São Francisco.

Tal postura, forjada em cada um, acabou demonstrando o quanto a institucionalização de um ideal, permite que não ocorram variações muito extremas entre membros de um determinado grupo, neste caso a Ordem dos Capuchinhos.

Como exemplo, para favorecer o entendimento deste fato, pode-se citar em primeiro plano as Constituições dos Frades Capuchinhos que assim dizem.

² Frei Cláudio Sturm – Ministro Provincial

Frei Dionyio Destéfani – Secretário Provincial

Frei Alvadi Pedro Marmentini – Pároco da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Frei Nelson Martins dos Santo – Vigário paroquial da Igreja Nossa Senhora da Mercês

Frei Ovídio Zanini – Vigário paroquial da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Frei João Daniel Lovato – Ex- Ministro Provincial, hoje ecônomo e vigário da Cap. São Leopoldo Mandic

Frei Ivo Severiano Bonamigo – Guardião e vigário paroquial da Cap. São Leopoldo Mandic

Frei Carlos Gonzaga Vieira – Guardião e pároco da Paróquia Nossa Senhora da Luz dos Pinhas

1- O Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo é sempre, para a Igreja, a fonte de toda a sua vida, e uma mensagem de salvação para o mundo inteiro. 2- A Igreja, com efeito, por meio dele, guiada pelo Espírito Santo, escolhe a Cristo e acolhe com fé as suas obras e palavras que são, para todos os crentes, espírito e vida. 3- São Francisco, fundador da nossa Fraternidade, aceitou o Evangelho, desde o início da sua conversão, como razão de ser da sua vida e acção.[...] 8.1- A Igreja, instrumento de salvação e de união dos homens com Deus e entre si, apresenta-se como Povo de Deus peregrino no mundo, constituído por Cristo em comunhão de vida, de amor e de verdade, e dotado pelo Espírito Santo com abundância de dons e carismas aptos para a renovação e mais ampla edificação da mesma Igreja. 4- Amemos, portanto, com muita dedicação a Igreja, meditemos no seu mistério e participemos activamente na sua vida e nas suas iniciativas. (ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS, LISBOA, 1993).

Todo este discurso, que serve como elemento de formação dos frades, é o discurso que, interiorizado posteriormente, se manifesta nas escolhas que cada membro da Ordem Capuchinha faz. Estas escolhas se refletem diretamente nos espaços em que os capuchinhos se fazem presentes. Portanto vê-se aqui a presença daquilo que reconhecemos como *habitus*.

Este documento é uma forma de discurso oficial, e que aponta claramente o que um capuchinho deve guardar em si. Ao apontar a Igreja como acolhedora da proposta de Jesus, e sendo um capuchinho um seguidor de Jesus, nas regadas de São Francisco, não resta dúvida conforme o texto, a exemplo de Francisco, os capuchinhos devem obediência à Igreja e devem participar ativamente das iniciativas da Igreja. Tem-se, portanto, a presença de uma relação de poder no discurso formativo da Ordem Capuchinha.

Para tanto, vale registrar a fala do Frei Nelson, vigário na Paróquia Nossa Senhora das Mercês, quando fala sobre o que viria a ser um capuchinho:

O capuchinho é um seguidor de Jesus Cristo dentro da Igreja Católica, representa esta presença viva de Nosso Senhor Jesus Cristo dentro do século XXI e segue a orientação com a espiritualidade deste santo do século XIII, São Francisco de Assis³.

Lendo estas palavras, se identifica claramente o que falam também as Constituições Capuchinhas sobre o tema. A relação entre Igreja, Jesus e Francisco recebe neste discurso uma devida ordenação hierárquica, uma ordenação demonstrativa de poder. Francisco é portador de carisma que busca viver o

³ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Nelson em 25/09/2007 na paróquia Nossa Senhora das Mercês.

evangelho de Jesus, obediente à Igreja, a qual se manifesta como acolhedora da proposta verdadeira de Jesus.

Desta forma, o carisma de São Francisco é visivelmente um carisma de serviço e de amor à Igreja. O frei capuchinho se orienta por esta razão de viver.

Nas palavras do Ministro Provincial Frei Cláudio, a missão dos capuchinhos se projeta da seguinte forma:

*Nossa missão e nosso carisma é viver a simplicidade, viver a minoridade, viver a itinerância e formar comunidades. Nosso carisma é ajudar as pessoas a rezar. É um carisma que continua vivo na Igreja, é um carisma de toda a Igreja. Nós estamos cuidando, cultivando este carisma; passamos adiante este patrimônio às pessoas que nos procuram.*⁴

Basicamente, o resultado sobre o que é, e como deve agir um frei capuchinho fica bastante evidente, com o acima exposto. Desta forma, há condições de seguir na exploração das entrevistas, bem como das Constituições da Ordem Capuchinha, quanto à representação dos espaços capuchinhos localizados na cidade de Curitiba, definindo quais são as relações prioritárias que cada um deles desenvolve.

4.2 PARÓQUIAS: UMA RELAÇÃO ENTRE IGREJA, CARISMA E PROMOÇÃO SOCIAL

Dos locais onde os capuchinhos desenvolvem suas ações, os mais visíveis e externos ao público certamente são as paróquias que eles mantêm.

O meio destas paróquias muitas vezes os frades capuchinhos se instalam em uma determinada cidade, fazendo valer seu carisma e trabalhar em prol da Igreja.

Esta perspectiva de trabalho paroquial está ligada deste muito à vida apostólica dos capuchinhos em sua história no Estado do Paraná e conseqüentemente na Província São Lorenzo de Brindes. Receber determinada paróquia do bispo, nela trabalhar e após devolvê-la ao bispo, é um processo comum na vivência dos capuchinhos. Toda esta dinâmica não é preocupante, pois a itinerância é um requisito básico dentro do carisma Franciscano.

⁴ Trecho retirado da entrevista realizada com o Ministro Superior Frei Cláudio em 19/09/2007 na casa provincial em Curitiba.

Desta forma, viver e trabalhar em determinada paróquia para os capuchinhos é fundamental para sua missão; porém permanecer perenemente nela não é fundamental.

Apesar disso, todo o trabalho realizado pelos freis nas paróquias é tido pela Igreja como de grande importância.

No caso específico deste trabalho, os freis capuchinhos estão originalmente estabelecidos na cidade de Curitiba em suas paróquias. Nossa Senhora das Mercês no bairro Mercês, e Nossa Senhora da Luz, no bairro CIC.

De início é possível perceber que as paróquias estão situadas em realidades sociais totalmente contrárias. A paróquia Nossa Senhora das Mercês, hoje, está localizada em uma região privilegiada da cidade. Como identificam os próprios freis que lá trabalham, seus fiéis são de classe média, classe média alta.

Já a paróquia Nossa Senhora da Luz está localizada na periferia, em uma situação de maiores problemas sociais, como pobreza, violência, tráfico de drogas e outros.

Outro aspecto no tocante às duas paróquias é que no CIC a paróquia contém uma série de capelas, além da matriz. Para efeitos deste trabalho, somente a Capela São Leopoldo Mandic faz parte das análises, aqui desenvolvidas, pois é a única entre as treze capelas em que os freis estão residindo.

Deste modo, todo o desenvolvimento das análises abaixo será relacionado a estes três espaços específicos. Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora da Luz e Capela São Leopoldo Mandic.

De modo geral, a identificação da relação Igreja e Ordem Capuchinha se faz conjuntamente com a relação Igreja e Carisma de São Francisco.

Quando se promove a transcrição da fala do Bispo da Arquidiocese de Curitiba, Dom Moacir José Vitti, referindo-se à presença dos frades capuchinhos, se percebe claramente o entendimento do que a Igreja espera do trabalho dos capuchinhos:

Os capuchinhos têm espaço bastante grande na arquidiocese de Curitiba [...] *as atividades que os capuchinhos desenvolvem em nossa arquidiocese realmente vem prestar um serviço muito grande à missão da Igreja [...] a nossa Igreja deve*

*receber com gratidão este trabalho. O atendimento de confissões e orientações à disponibilidade nos atendimentos [...] os vejo com muita simpatia [...].*⁵

Em relação ao carisma de São Francisco, o bispo assim profere:

*Não há dúvida que a influência do carisma de São Francisco é muito grande na vida dos nossos freis capuchinhos. Primeiro pela simplicidade e espontaneidade que eles demonstram. É um carisma marcante o de São Francisco.*⁶

Vale lembrar que a fala do bispo é a fala oficial da Igreja. Ao referendar o trabalho e ratificar a influência do carisma de São Francisco na vida dos freis, o bispo reforça a relação carisma e Igreja e Ordem e Igreja.

Esta relação acaba traduzindo-se em forma de apropriação simbólica, pois, como os carismas são destinados ao benefício da Igreja e São Francisco foi obediente à Igreja, assim também os seus seguidores o serão.

Por meio desta relação, ao assumirem trabalhos em espaços dentro da arquidiocese, os capuchinhos passam logicamente a promover prioritariamente a expansão dos domínios da Igreja, da qual são obedientes em última instância.

Deste trabalho gratuito, que resulta em uma expansão dos domínios da Igreja Dom Moacyr assim ratifica:

*Não há dúvida. Quanto mais a gente dá campo para atividades, eles levam avante; de fato a colaboração é muito importante para essa expansão da missão da Igreja concretamente dentro da nossa arquidiocese.*⁷

Todo este discurso, que é proveniente da autoridade da Igreja, não é um discurso sem eco. Os próprios capuchinhos confirmam esta relação com a Igreja nos trabalhos realizados nas paróquias.

Nas palavras de Frei Gonzaga, pároco da Igreja Nossa Senhora da Luz, há a seguinte constatação:

*Nosso carisma é trabalhar na Igreja. Difundir a mensagem de Jesus através do carisma de São Francisco, de amor aos pobres e de fraternidade [...] nós freis nos encaixamos em uma vida paroquial.*⁸

⁵ Trecho retirado da entrevista realizada com o Bispo da Arquidiocese de Curitiba Dom Moacyr José Vitti, na Cúria Diocesana de Curitiba 28/11/2007.

⁶ Trecho retirado da entrevista realizada com o Bispo da Arquidiocese de Curitiba Dom Moacyr José Vitti, na Cúria Diocesana de Curitiba 28/11/2007.

⁷ Trecho retirado da entrevista realizada com o Bispo Da Arquidiocese de Curitiba Dom Moacyr José Vitti, na Cúria Diocesana de Curitiba 28/11/2007.

Acompanhando a mesma idéia, vale transcrever o que diz Frei Lovato, ex-Ministro Provincial, sobre esta relação de trabalho existente dos capuchinhos nas paróquias.

*A Igreja acolheu o carisma Franciscano oitocentos anos atrás... nós fazemos parte da grande família franciscana, inspirados em São Francisco, no seu modo de ser junto ao povo, junto à Igreja [...] nós não somos donos da paróquia, nós nos colocamos a serviço e procuramos trabalhar em sintonia com o projeto da Igreja. Nós temos de responder ao que está no convênio entre nós e a arquidiocese, mantendo nossas características.*⁹

Percebe-se, assim, que nas paróquias e capelas onde os capuchinhos realizam suas atividades, a relação de maior preponderância é a relação de servir a Igreja. Não é dar destaque à Ordem em si, mas colaborar diretamente com a manutenção e expansão da Igreja, tendo por base o carisma de São Francisco, na questão da obediência à Igreja.

Passando por esta questão, faz-se necessário buscarmos identificar outras relações também existentes nos espaços das paróquias dos capuchinhos.

Em primeiro plano, por questão de referência simbólica pelo tempo de existência, esta análise vai reportar-se à paróquia Nossa Senhora das Mercês, pois ela é reconhecidamente grande marca do trabalho desenvolvido pela Ordem dos Capuchinhos faz várias décadas em Curitiba.

Toda a história compreendida em torno da Igreja das Mercês se confunde com a história e organização do bairro, que recebe dela o próprio nome. No momento de sua origem, a Igreja das Mercês estava situada fora da cidade, era uma chácara. Ali os freis decidem construir o convento e posteriormente a igreja. Com os anos houve um processo de modificação e organização da cidade; assim, o bairro Mercês que no passado era local retirado, de moradias modestas de operários, passou a ser um bairro bem estruturado e de classe média e classe média alta.

Neste contexto, os freis capuchinhos foram realizando seu trabalho e imprimindo sua marca religiosa na vida das pessoas e da cidade.

⁸ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Gonzaga em 26/03/2008 na paróquia Nossa Senhora da Luz.

⁹ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Lovato em 02/02/2008 na capela São Leopoldo Mandic.

Esta marca é tão certa que, em seus estudos sobre o bairro Mercês, Paegle (2004, p. 51) afirma: “Além das novenas e das procissões, havia as festas de casamento e as festas da padroeira da igreja, comemorada no dia 24 de setembro, que fizeram o bairro conhecido por toda a cidade. Segundo relatos de moradores a festa da padroeira era mais esperada que o Natal”.

De fato, o tempo forjou um jeito de ser e de agir dos capuchinhos e fez com que a Igreja das Mercês se tornasse uma das paróquias de grande frequência de fiéis da cidade. É uma das poucas igrejas que consegue manter sete celebrações eucarísticas por domingo, devido ao grande número de pessoas que lá freqüentam.

Este apontamento é bem revelado pelas palavras do Ministro Provincial que assim comenta:

*Aqui nas Mercês não é só o espaço geográfico como igreja que chama as pessoas. As pessoas vêm porque existe algo de Francisco, de espiritualidade franciscana, do jeito capuchinho de ser. A nossa presença é marcada profundamente pela nossa acolhida, confissões, bênçãos, bênçãos de carros, orientação espiritual.*¹⁰

Esta afirmação, do Ministro Provincial, faz com que se pense quanto o *habitus* vem sendo exteriorizado pelos freis no dia-a-dia, na paróquia Nossa Senhora das Mercês, com ênfase muito grande no seu aspecto espiritual. Vê-se que a maior concentração de ações aponta para um atendimento espiritual das pessoas.

Nesta perspectiva, frei Alvadi Marmentini, pároco da Igreja das Mercês declara:

*Nossa Senhora das Mercês é o SOS de Curitiba, onde tanta gente busca uma palavra de consolo, de orientação e de bênção para sua vida [...] vejo as Mercês local aonde o povo busca, como uma fonte de água para matar sua sede espiritual em muitos aspectos da vida. Então vem muita gente aqui, com depressão, tristeza, desajuste familiar, usuário de drogas [...].*¹¹

Ao observar-se esta perspectiva, declarada pelo próprio pároco sobre o que vem a representar a Igreja das Mercês, visualiza-se claramente que ali outro ponto, ou melhor, uma outra relação estabelecida é a do desenvolvimento de um trabalho

¹⁰ Trecho retirado da entrevista realizada com o Ministro Superior Frei Cláudio em 19/09/2007 na casa provincial em Curitiba.

¹¹ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Alvadi em 25/09/2007 na paróquia Nossa Senhora das Mercês.

majoritariamente espiritual, aonde a espiritualidade franciscana, do acolher bem, aparece com grande destaque.

Este acolher bem permite pensar diretamente no carisma franciscano, no jeito do próprio Francisco de Assis viver sua espiritualidade.

Acerca do que representaria a Igreja das Mercês, frei Ovídio Zanini, vigário da paróquia, pronuncia:

*Na Igreja Nossa Senhora das Mercês existe um trabalho humano e obviamente, ele não pode olhar só o espírito isolado, seria uma alienação...eu me sinto profundamente um psicólogo.*¹²

Tem-se por meio desta fala mais uma razão para identificar quão intenso é o trabalho espiritual, realizado na paróquia Nossa Senhora das Mercês.

Com este trabalho, de caráter fortemente espiritual, há também outra relação que os frades desenvolvem na paróquia com as pessoas que a freqüentam.

É o trabalho de sensibilização social; trabalho de motivar os seus participantes a colaborarem com a promoção social dos que mais precisam. Para isso existe uma relação de troca econômica com a paróquia Nossa Senhora da Luz.

O fato é que nela a orientação dos freis, as pessoas que participam na Igreja das Mercês são levadas a refletir sobre a situação do mais pobre.

Este sentir os mais pobres e ir até eles é uma das bases do carisma franciscano, pois Francisco começou sua missão fazendo-se pobre e convivendo com eles. Apesar de não ser este o único aspecto do carisma franciscano, pois há também nele uma forte manifestação contemplativa da vida. Basta ver o cântico às criaturas elaborado por Francisco.

Leia-se o trecho da entrevista concedida por Frei Nelson, vigário na Igreja das Mercês:

Daria para dizer que é na periferia onde Jesus começou a missão e São Francisco também começou a missão. Com os leprosos do século XXI, aqueles que vivem à margem. Como freis capuchinhos, precisamos atingir o lascado, o pobre, o miserável, o esquecido da sociedade, de um modo especial pelos órgãos públicos. E

¹² Trecho retirado da entrevista realizada com frei Ovídio Zanini em 25/09/2007 na paróquia Nossa Senhora das Mercês.

*viemos no centro atingir também esta elite, porque se esta elite não for trabalhada, espiritualmente falando, a periferia sempre vai ser periferia.*¹³

Percebe-se que todo este trabalho de conscientização realizado entre os fieis na Igreja das Mercês busca criar uma cultura de solidariedade. Esta solidariedade ocorre concretamente através da relação Igreja Mercês e Paróquia Nossa Senhora da Luz, quando a Igreja das Mercês repassa dez por cento de seu dizimo àquela paróquia, para que ela o utilize em trabalhos que promovam o resgate social das pessoas necessitadas.

Todo este aspecto não fica só na colaboração financeira; existem outros meios de favorecer esta relação. Há o incentivo do voluntariado, buscando que pessoas doem um pouco do seu tempo em favor dos menos afortunados. Este voluntariado por meio de cursos, atendimentos de saúde, que profissionais liberais, incentivados pelos freis das Mercês, acabam realizando na paróquia Nossa Senhora da Luz e também nas Mercês. Assim, surge desta relação, uma troca de caráter econômico, humano e simbólico.

Nas palavras de Frei Lovato a situação fica assim compreendida:

*O nosso trabalho mais específico aqui e com mais consequência é o trabalho de evangelização, como é nas Mercês. Mas olhamos com muito carinho esta realidade (pobreza) e queremos ajudar a mudar isto aqui. E a nossa proposta é apresentar a proposta de Jesus [...] a evangelização com a ajuda dos leigos e mudar esta situação que está aqui.*¹⁴

Pelas palavras acima, torna-se possível entender que a paróquia Nossa Senhora da Luz se mantém com a ajuda externa, com o objetivo de realizar, outro aspecto do carisma franciscano: O resgate social, a valorização social dos indivíduos. Porém, ao concretizar e cristalizar, em seu espaço a promoção social das pessoas, Nossa Senhora da Luz acaba por colaborar no desenvolvimento de outra relação, voltada ao caráter simbólico do carisma de São Francisco entre os participantes da Igreja Nossa Senhora das Mercês, que é vivenciar, de algum modo a pobreza. Assim, temos o desenvolvimento de uma ótica do carisma franciscano,

¹³ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Nelson em 25/09/2007 na paróquia Nossa Senhora das Mercês.

¹⁴ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Lovato em 02/02/2008 na capela São Leopoldo Mandic.

sendo propagado simbolicamente em um espaço e materializado em outro; o qual é a paróquia Nossa Senhora da Luz.

A paróquia Nossa Senhora da Luz está em uma região da periferia, de população pobre, que vive em meio a tantas dificuldades, o trabalho dos freis capuchinhos de promoção social já existe ali há muitos anos.

Há mais de quarenta anos os frades vem auxiliando a diocese na manutenção da Igreja ali neste bairro, e também o trabalho voltado para o social.

Pontue-se que este trabalho social teve inicio com o trabalho do frei Miguel vem sendo aprimorado cada ano que passa.

No princípio (1968); o trabalho de frei Miguel, era de um aspecto assistencialista. Voltado a um trabalho de arrecadação e doação. Este trabalho, com o tempo, foi-se desenvolvendo e fez surgir a creche, que fica ao lado da capela São Leopoldo, a qual atende a cento e vinte (120) crianças, e o centro social localizado na Igreja Matriz Nossa Senhora da Luz.

Estes locais específicos, dentro do território pertencente à Matriz e à Capela, desenvolvem seus trabalhos atualmente de modo muito efetivo; muito bem mais otimizado. Esta otimização vem ocorrendo; desde o ano de 2006, todo o trabalho vem sendo acompanhado e se desenvolvendo com a ajuda de profissionais da área de atendimento social.

Também houve uma transformação jurídica, com uma entidade registrada que pode buscar novas fontes de recursos, para manter e melhorar os trabalhos ali realizados.

Obviamente, todo este trabalho é organizado pelos frades capuchinhos, mas as relações de troca entre a paróquia Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora da Luz ainda ocorrem significativamente, pois muito do que é ali é efetivado depende do auxilio econômico e humano motivado pela Paróquia Nossa Senhora das Mercês.

Segundo o pároco da Nossa Senhora da Luz, Frei Gonzaga, estas questões assim se realizam:

Quem mantém o centro social é uma Organização Não Governamental; quem mantém é a Igreja, ou seja, são os fiéis com o seu dízimo, tanto o dízimo da paróquia, como o dízimo das Mercês [...] então, como as Mercês é uma paróquia de um meio rico, de um nível de vida de classe média, eles não têm pobres. Portanto

*dez por cento do dízimo deles, é mandado para nós, porque nós temos o trabalho com os pobres.*¹⁵

Desta fala, pode-se, portanto, identificar que o trabalho vem ganhando aspecto mais profissional, através da criação da ONG, a qual pode formar maiores parcerias, com órgãos públicos e privados. Vê-se também que a relação Mercês e Nossa Senhora da Luz é muito concreta na questão material. Uma desenvolvendo o *habitus* franciscano de modo simbólico entre os fiéis através da conscientização e a outra materializando tudo em trabalho social.

Este fato se reforça quando se lê de frei Zanini a seguinte opinião sobre a paróquia Nossa Senhora da Luz:

*A paróquia Nossa Senhora da Luz, representa muito, porque sempre nós viemos discutindo como é que nossa congregação, ela esta atuando na história... nós temos que nos dedicar aos pobres. A paróquia Nossa Senhora da Luz, é a paróquia modelo, sonhada para nós, porque ali estão os pobres [...]então para nós a paróquia Nossa Senhora da Luz é uma benção.*¹⁶

Desta fala se percebe uma dimensão integral da concretização do carisma franciscano vivido pelos freis capuchinhos, e que pode ocorrer nesta paróquia. É um aspecto que liga trabalho religioso vinculado à Igreja e trabalho social vinculado a concretização do carisma de São Francisco.

Neste mesmo intento, o ministro provincial Frei Cláudio declara:

*Na paróquia Nossa Senhora da Luz temos um trabalho social muito grande de inclusão, trabalho de padaria comunitária, cozinha comunitária, serviço social organizado, além de todo o serviço religioso das comunidades ainda em construção [...] é a nossa característica ficar ali junto com o povo no meio do povo, participar com eles e celebrar com eles a fé.*¹⁷

Tal dinâmica de trabalho desdobra-se em um serviço à Igreja e um serviço ao social. O povo recebe duplo amparo por parte dos frades, amparo voltado ao lado espiritual do individuo e outro voltado ao lado material dele.

¹⁵ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Gonzaga em 26/03/2008 na paróquia Nossa Senhora da Luz.

¹⁶ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Ovídio Zanini em 25/09/2007 na paróquia Nossa Senhora das Mercês.

¹⁷ Trecho retirado da entrevista realizada com o Ministro Superior Frei Cláudio em 19/09/2007 na casa provincial em Curitiba.

Ao atentar-se para o que determina as constituições capuchinhas tais idéias se clarificam ainda mais: 59.7 Usemos, com gratidão, dos bens temporais, partilhando-os com os indigentes, dando ao mesmo tempo aos homens um testemunho do recto uso das coisas que eles tão àvidamente procuram.[...] 60.2 Nos Capítulos trate-se, de um modo particular, do uso social dos bens confiados às nossas fraternidades quer seja dinheiro, casas ou prédios que generosamente devemos colocar ao serviço dos homens. (ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS, LISBOA, 1993).

Ao observar as relações que se desdobram na paróquia Nossa Senhora da Luz, se percebe uma relação diferente da que ocorre na paróquia Nossa Senhora das Mercês. É a relação que se estabelece com o aspecto social. A ação promovida nesta paróquia faz existir uma relação diferenciada quanto ao fator social.

Esta relação, por sua vez, ocupa um espaço que seria de responsabilidade pública. Quer dizer, a paróquia assume uma função que deveria ser governamental de promover o desenvolvimento social das pessoas. Por esta razão, pode-se apontar uma dupla função no espaço capuchinho da paróquia Nossa Senhora da Luz.

Um questionamento muito forte surge diante desta situação. Qual seria a relação de maior importância estabelecida na paróquia? Ao se observar o número de pessoas que são beneficiadas pelos projetos sociais da paróquia, tem-se um resultado de aproximadamente trinta e quatro mil atendimentos ao ano. Todo este número identifica que não só as pessoas que fazem parte da comunidade religiosa católica são atendidas neste espaço, mas toda a comunidade em geral.

Nesta perspectiva de desenvolver um trabalho de caráter religioso e também social e sobre qual deles é o de maior destaque se reproduz o que diz uma das coordenadoras do centro social da paróquia Nossa Senhora da Luz, Elisabete Cristina Loureiro:

A linha de trabalho dos freis capuchinhos, é mais voltada a São Francisco que atendia aos pobres [...] os capuchinhos pensam muito nos pobres. São Francisco e Santo Antônio inspiram todo o trabalho [...] a comunidade depende muito destes trabalhos [...] sinceramente eu acho que tem um destaque maior o lado social. Acho que talvez dificulta um pouco. Muitas comunidades gostariam de que o

*atendimento espiritual fosse mais forte. Aqui o trabalho é aberto para qualquer pessoa que quiser vir.*¹⁸

Esta perspectiva de que há um destaque dado pelas pessoas ao trabalho social, segundo a coordenadora, suscita um pensar. Porém não é parte deste trabalho levantar conclusões sobre esta colocação, mas, registrá-la. O que fica explícito é que no espaço capuchinho da paróquia Nossa Senhora da Luz dos Pinhais; ocorrem duas relações predominantes: a relação serviço religioso e Igreja e serviço social e Estado.

Para fechar este pensamento, resta registrar o pensamento do pároco frei Gonzaga sobre o fato:

*Não ficar só numa pregação religiosa, mas atuar no social [...] nós temos de promover os pobres. Uma de nossas propostas como amor aos pobres é qualificar os pobres [...] acho que são duas facetas na mesma coisa, porque são muitas pessoas que vêm a igreja e nós trabalhamos com eles, mas trabalhamos também com pessoas que não freqüentam a igreja. Então são duas facetas que nós procuramos trabalhar. A catequese, o lado religioso da população e dentro desta população existem pessoas carentes que não estão empregadas, que não possuem qualificação. Precisamos também trabalhar com essas pessoas [...] trabalhamos com os pobres, mas nós damos uma mística ao trabalho com os pobres e essa mística é o carisma franciscano.*¹⁹

Por meio deste trecho da entrevista de frei Gonzaga, pode-se fechar a análise dos espaços paroquiais dos capuchinhos, onde se podem identificar os seguintes apontamentos.

Na paróquia Nossa Senhora das Mercês há o desenvolvimento da relação Carisma e Igreja, e Carisma e *Habitus*.

Também na paróquia Nossa Senhora da Luz, existe o desenvolvimento da relação Carisma e Igreja; porém, ao contrário das Mercês, ali o outro aspecto de destaque não é o fortalecimento e propagação do *habitus*, mas, concretizar um trabalho social em primeiro plano, para depois se projetar nitidamente o *habitus* franciscano.

¹⁸ Trecho retirado da entrevista realizada com a Sra. Elisabete Cristina Loureiro em 27/02/2008 no centro social Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

¹⁹ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Gonzaga em 26/03/2008 na paróquia Nossa Senhora da Luz.

Desta forma, nas Mercês, dá-se maior ênfase ao trabalho pastoral vinculado ao projeto da Igreja; mas fundamentado na figura dos frades, como seguidores de Francisco de Assis, pobres, humildes, acolhedores espirituais.

Em Nossa Senhora da Luz, também há um trabalho pastoral, vinculado à Igreja, e fundado na figura dos frades; porém o destaque é a ação social que em vez de atingir somente os fiéis da igreja, atingem a quaisquer que precisarem e que haja condições de atender.

Relacionando todo este contexto, se perceber a presença de uma territorialidade capuchinha distinta em cada uma das paróquias.

Diz-se territorialidade, pois as paróquias são territórios da Igreja, divisão estabelecida pela Igreja. Porém, a partir da prática dos frades nestes territórios, eles também imprimem suas características básicas, ou melhor dizendo, as marcas do seu carisma, que acabam determinando certa territorialidade franciscana. Portanto se estabelece uma relação clara de poder, onde a apropriação do trabalho capuchinho pela Igreja, visando manter e expandir seus domínios de base acaba permitindo também que o carisma franciscano possa ser propagado e mantido em práticas ali vivenciadas; espirituais ou sociais.

Deste modo, se verifica que na paróquia Nossa Senhora das Mercês a territorialidade remete ao *habitus*, pois, é um local de referência simbólica da presença capuchinha e se volta prioritariamente ao aspecto espiritual.

Por outro lado, a paróquia Nossa Senhora da Luz oscila de modo diverso da Paróquia Nossa Senhora das Mercês; pois além de referendar o território da Igreja e desenvolver uma territorialidade capuchinha demonstrada a partir da presença dos freis, existe a relação com a cidade, com o poder público.

Esta relação dá-se no momento em que os capuchinhos estabelecem como prioridade o atendimento social que, neste local, desenvolvem. Ao proporcionar a assistência social, o resgate humano das pessoas, independentemente da sua religiosidade, fica claro que a ordem quer assumir espaços que são responsabilidades do Estado, ocasionando certa ruptura no território especificadamente religioso. Portanto a conciliação entre espiritual e social, delimita novas territorialidades com escolhas efetivadas pelos agentes ali estabelecidos. No caso na paróquia Nossa Senhora da Luz, há então uma territorialidade que reproduz a relação carisma e Igreja e outra que se preocupa em estabelecer relações entre carisma e cidade.

Assim, analisadas as paróquias, agora passa a ser promovida a análise do Convento Nossa Senhora das Mercês e da Casa de Oração Santa Maria dos Anjos.

4.3 CONVENTO E CASA DE ORAÇÃO: A PROMOÇÃO DO *HABITUS*

Locais determinam relações distintas. As que acima foram expostas certamente são a Casa de Oração Santa Maria dos Anjos e o Convento Nossa Senhora das Mercês. O Convento, surgido anteriormente, é parte da história da instalação da Ordem Capuchinha na cidade de Curitiba. Sua construção teve início em 1922 e sua inauguração em 1925. É a partir dele que surge a construção da Igreja Nossa Senhora das Mercês.

Em contrapartida, a Casa de Oração é um espaço mais recente. Sua inauguração ocorre em abril de 1988, praticamente vinte anos.

Estes dois locais, logicamente com suas singularidades, formam certo conjunto, pois neles são vivenciadas relações semelhantes.

Neste propósito, a fim de identificar suas semelhanças, leia-se o que expõem as Constituições Capuchinhas sobre seus espaços, quanto a algumas de suas características importantes:

56.1 Toda a fraternidade deve ser verdadeiramente uma fraternidade de oração. Para o conseguir é de toda a vantagem promover, segundo a multifôrme graça de Deus, quer nas províncias quer nas regiões, fraternidades de retiro e de contemplação, nas quais os irmãos se poderão dedicar, por algum tempo, ao espírito e à vida de oração, conforme o dom que Deus lhes conceder. [...] 57.2 É incumbência do Capítulo local defender o ambiente de oração e de recolhimento nas nossas fraternidades, afastando tudo quanto o possa prejudicar.[...] 88.3 Ao facilitar a abertura das nossas casas e habitações, regule-se com prudência e discrição o acesso dos estranhos de tal modo que se garanta um ambiente propício à intimidade, à oração e ao estudo. 4. Para defender a vida religiosa, observe-se a clausura nas nossas casas, reservando um espaço só para os irmãos. (ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS, LISBOA, 1993).

Ao ler atentamente as orientações acima, se percebe de pronto que é sempre necessário existir, em cada fraternidade, espaços que sejam destinados ao convívio interno dos frades e que eles possam servir ao espírito de oração e contemplação. Tais espaços, naturalmente comportam maior restrição ao público geral.

Assim, estes espaços, que devem ser defendidos e cuidados pelos superiores da ordem, reforçam a vida religiosa dos frades, proporcionando-lhes uma melhor vivência do carisma de que são portadores.

Esta vivência se manifesta nas relações internas de vida fraternal dos frades, que ocorre mais profundamente nestes espaços.

Nas palavras de Frei Dionísio se encontra uma possível idéia da maneira de vida que deve existir entre os freis capuchinhos:

*Em todos os lugares onde nós vivemos a missão básica é viver bem e dar testemunho de vida fraternal.*²⁰

Este viver bem e fraternalmente está na base ideal do viver franciscano, que se materializa na constituição de uma fraternidade, a célula geradora da Ordem Franciscana. A comunidade de irmãos que Francisco instituiu se estabelece a partir de uma convivência comunitária de trocas humanas em um espaço humilde, retirado, e que se origina da porciúncula.

A porciúncula ficava afastada da cidade e as celas dos irmãos eram simples.

Os espaços internos da Ordem funcionam como locais de resgate real dos ideais franciscanos para os que dele vivem. São espaços que remetem a exercícios de convivência fraterna dos freis, de momentos de oração e contemplação.

Destes aspectos frei Alvadi assim discorre sobre o que representa o convento e a casa de oração na vida de um capuchinho:

*São como fontes de água, onde a gente vai abastecer a nossa fome e sede para reciclar a nossa espiritualidade. Estes locais me questionam: o profeta de hoje precisa de grande contato com Deus; então estes locais, só pelo fato de eles existirem já me questionam. Eu não posso jogar-me em um ativismo permanente. E se não abasteço meu coração?*²¹

Pelas palavras do frei se observa que o local de convivência interna é o espaço de preenchimento das forças simbólicas e ideais do religioso.

Assim, mesmo sendo o convento, um lugar de organização bem formalizada, com horários e tarefas bem definidos, não deixa de ser um espaço de formação e manutenção do *habitus* franciscano.

²⁰ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Dionísio em 29/09/2007 na casa provincial em Curitiba.

²¹ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Alvadi em 25/09/2007 na casa paróquia Nossa Senhora das Mercês.

No caso do Convento, pode-se perceber que a vivência ocorre tanto no aspecto comunitário quanto individual. Cada frades possui sua cela, mas também está obrigado a vivenciar as experiências coletivamente.

Por outro lado, a Casa de Oração também cumpre a missão de servir como um espaço de reavivamento da espiritualidade na vida do religioso. Ela é um local de caráter mais contemplativo e individual. A casa esta localizada em bairro muito distante; nem sequer existe um transporte público que leve até ela. É realmente um local para proporcionar o ato do retiro.

Sobre este espaço Frei Nelson assim pontua:

*A Casa de Oração é o lugar onde alimentamos a nossa espiritualidade através do retiro anual. É o nosso refugio.*²²

Complementando este pensamento, pode-se transcrever as palavras de Frei Zanini sobre a Casa de Oração:

*Outro sonho fantástico [...] foi feita para que os freis voltassem para lá pessoalmente [...] eu quero descansar minha alma meu espírito. Um local para que os frades rezassem mais, sentissem mais a necessidade de se aproximar melhor de Deus como Jesus retirando-se a um lugar tranqüilo. É aquele sonho de São Francisco que vivia nas montanhas, nas cavernas, em meio aos passarinhos.*²³

Deste modo, a Casa de Oração é também um espaço que realiza uma função bem profunda na formação dos freis. É local para promover o desenvolvimento do carisma franciscano, de reavivar o *habitus* que está incorporado pelos frades capuchinhos.

Assim, o espaço de conviver fraternamente, orar, reabastecer-se, contemplar e reavaliar a vida em busca de uma melhor realização da vocação dos frades é certamente fundamental para a manutenção e propagação do carisma.

Portanto, ao serem consideradas as funções objetivas acima descritas, manifestadas tanto no Convento Nossa Senhora das Mercês quanto na Casa de Oração Santa Maria dos Anjos, pode-se apontar que nestes espaços existe uma relação entre o carisma e o *habitus*, porquanto, ao passo que os freis vivenciam o ideal franciscano, tendo que reavivá-lo com determinadas práticas, relacionadas

²² Trecho retirado da entrevista realizada com frei Nelson em 25/09/2007 na paróquia Nossa Senhora das Mercês.

²³ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Ovídio Zanini em 25/09/2007 na paróquia Nossa Senhora das Mercês.

profundamente com os espaços do Convento e da Casa de Oração, não fica dúvida de estes espaços vivenciam relações bem específicas entre o Carisma e o *Habitus* dos freis capuchinhos.

Por esta razão, estes locais podem ser considerados territórios próprios da Ordem, quando relacionados à Igreja, e sendo territorialidades de base dentro da própria Ordem Capuchinha.

Esta territorialidade base, de condição interna, dá-se indubitavelmente pelo fato de os mesmos locais servirem exclusivamente à formação dos frades, favorecendo todo o desenvolvimento do seu carisma. Ao serem locais de acessibilidade interna menor, se percebe quanto eles são próprios dos objetivos da ordem, não sofrendo qualquer interferência de outra autoridade religiosa que não seja a própria autoridade capuchinha.

Referindo-se à autoridade, resta, por fim, analisar as relações que ocorrem quanto à casa provincial, da província São Lourenço de Brindes, morada do Ministro Superior e da secretária da ordem.

4.4 A CASA PROVINCIAL: ORGANIZAR É PRECISO

Como toda ordem religiosa, os Frades Menores Capuchinhos, se organizam como uma instituição. E ,como toda instituição, também possuem suas divisões setoriais.

Anteriormente já reconhecemos a divisão interna da Ordem, na questão territorial. E aqui neste trabalho nos limitamos a explorar espaços específicos que surgem dentro da Ordem Capuchinha, Província São Lourenço de Brindes, dentro da cidade de Curitiba.

Esses espaços específicos que formam a Ordem Capuchinha nem todos se materializam na cidade.

Ocorre que além das duas paróquias e do convento e da casa de oração, há um último espaço a ser identificado neste trabalho: é o que se reconhece como Casa ou Sede Provincial da Província São Lourenço de Brindes.

Esta sede, diga-se de passagem, nem sempre esteve em Curitiba; sua instalação aqui só veio a ocorrer em 1980. Hoje ela fica no bairro Mercês, próxima a Paróquia e ao Convento Nossa Senhora das Mercês.

Além de ser uma casa que abriga uma fraternidade, ela também é uma sede administrativa. Nela residem o ministro provincial, o ecônomo e o secretário provincial. Tais presenças já imprimem nela o caráter de ser um espaço gerenciador, organizador da província como um todo.

*Como diz frei Lovato, ex-ministro provincial: “a casa provincial é um centro administrativo e de coordenação da província. Ali se fazem as reuniões, é o centro pensante da provincial”.*²⁴

Este pensamento complementa a idéia de que a casa provincial seja o centro organizador da província, seja ele no caráter de orientação dos frades por parte do ministro superior, pela organização econômica ou pela organização funcional e histórica cumprida pela secretaria provincial.

Ratificando ainda mais este aspecto organizacional da Casa Provincial observe-se o que diz as Constituições Capuchinhas:

143.1 Na Cúria geral e provincial, na casa do Vice-Provincial e do Superior Regular, bem como em cada uma das nossas casas, deve existir um arquivo, no qual se conservem em ordem e em segredo todos os documentos necessários, e todas as coisas dignas de memória sejam cuidadosamente anotadas por aquele que disso tiver sido encarregado. 2. Haja, além disso, um inventário dos documentos contidos no arquivo. (ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS, LISBOA, 1993).

Percebe-se que concentrar os documentos que envolvem a Ordem, organizá-los e cuidá-los, é em primeiro plano, função da Casa Provincial.

Todo este aspecto organizacional e pensante torna a Casa Provincial, um espaço de acolhimento. Esta ótica de acolhimento ocorre, porque, como partem dali várias orientações e definições, os efeitos e resultados delas, acabam tendo de retornar ali também.

Por isso esta casa acaba por acolher diferentes situações e deve fazê-lo conforme o carisma de Francisco. Ela é a cabeça da Ordem dentro da Província e, coerentemente, deve ser o exemplo maior da vivência do jeito franciscano de ser.

A Casa Provincial, cumpre o seu papel de administração central, mas o faz baseada nos ideais franciscanos, como se fosse uma guardiã das vivências da província, bem como sua orientadora.

²⁴ Trecho retirado da entrevista realizada com frei Lovato em 02/02/2008 na capela São Leopoldo Mandic.

Assim, ela acaba por manter e propagar o carisma de Francisco ao conjunto institucional da Província São Lourenço de Brindes, estabelecendo uma relação entre o Carisma Franciscano e o *Habitus* presente na vida dos freis que a compõem.

Este propagar e manter vivo o carisma, a partir das decisões e orientações do ministro superior ou da secretaria ou do economato, faz da sede provincial, um local, um território hierárquico da ordem. Acaba por representar uma delimitação institucional da Ordem Capuchinha e centraliza as informações necessárias a vivência da mesma.

Portanto a relação entre o carisma e a Ordem se cristaliza também na sede provincial, apesar de estar ela mais relacionada ao aspecto funcional e administrativo da ordem e não da formação espiritual dos freis.

Mais uma vez percebe-se o quanto carisma pode ser fluido e articulado em suas relações.

Findada assim a articulação das entrevistas e das Constituições para a realização de uma análise sobre quais seriam as relações de poder que se mantêm nos espaços da Ordem Capuchinha em Curitiba, e que estão relacionadas ao Carisma de São Francisco, elas podem ser representadas no mapa abaixo.

Este mapa que busca representar, de forma simbólica, estas relações prioritárias é especificamente a identificação formal das relações que o carisma faz com a Igreja, com o *Habitus* e com a questão social.

Representação das principais relações desenvolvidas a partir do carisma de São Francisco

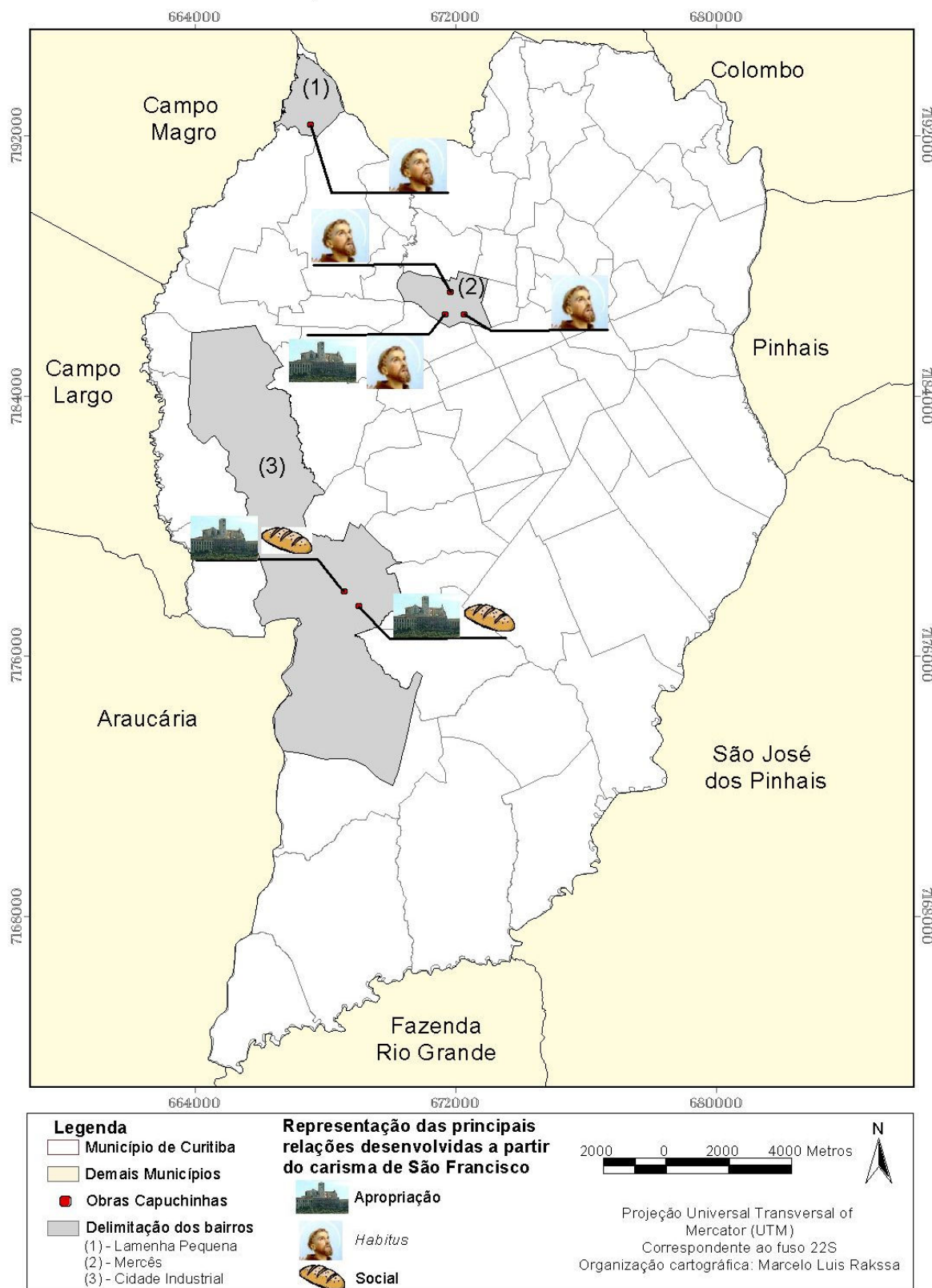


FIGURA 12 – REPRESENTAÇÃO DAS PRINCIPAIS RELAÇÕES DESENVOLVIDAS A PARTIR DO CARISMA DE SÃO FRANCISCO

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Orientado por questões pertinentes à idéia de que era possível traduzir carisma como poder e de que São Francisco de Assis, inspirador e fundador de uma ordem religiosa era reconhecidamente um indivíduo carismático e, portanto, exercia uma forma de poder em relação às situações que o circundavam, podendo ele ser identificado como uma estrutura estruturante que fomentava a vida dos seus seguidores, criando determinado *habitus*, incorporado por cada um dos que o seguem, fez-se, a partir da articulação teórica metodológica, uma investigação nas fontes de orientação capuchinha e dos membros da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, com análise dos locais que eles mantêm na cidade de Curitiba, buscando identificar quais as relações de poder eram desenvolvidas em cada um deles.

A partir deste pressuposto, o trabalho se desenvolveu voltando-se em primeiro plano a uma exploração histórica das origens dos estudos geográficos voltados ao tema religião, a fim de apontar uma idéia teórica que pudesse validar a execução do estudo.

Desta reconstituição histórica, surgiu a direção para se projetar o estudo. Com base na idéia de Gil Filho, de que as manifestações do sagrado podem ser apreciadas por meio de sua institucionalização, ele não deixou dúvidas que o caminho para a realização de um estudo geográfico que envolve o conceito de carisma fosse viável.

Por estar o trabalho objetivamente ligado a uma ordem religiosa, toda a articulação seguinte se desenvolveu a partir de uma exploração e articulação teórica dos conceitos de carisma, *habitus*, e território/territorialidade. Este tripé forjou firmemente os pilares de sustentação das hipóteses levantadas.

Por meio das idéias de autores como, Max Weber, com seu ideal de carisma, Pierre Bourdieu, com seu conceito de *habitus*, e Claude Raffestin sobre o território, o desenvolvimento das idéias iniciais se fortaleceram, permitindo um alcance mais sustentável das análises possíveis dos locais da Ordem Capuchinha em Curitiba.

Realizado de forma estruturada, o trabalho buscou explorar cada conceito, criando uma rede de situações onde eles se relacionassem ao carisma de São Francisco diretamente.

A explorar a história de Francisco, sua relação com a Igreja, com a Ordem e com a sua cidade Assis, pode-se demonstrar como o carisma poderia ser cristalizado em determinado território e gerar também certas territorialidades, quando relacionadas estas estruturas estruturadas, não deixando de perceber que o território se tornava por excelência o local específico relações de poder. E o carisma de Francisco, tido como estrutura estruturante, mantinha e desenvolvia tais relações.

Apontando estas cristalizações no território, que são fruto das relações promovidas pelo carisma, o trabalho rumou para a exploração da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, a fim de delimitar o objeto central do estudo: os locais capuchinhos da cidade de Curitiba.

Passando pelo entendimento de como surgiu a Ordem Capuchinha, de como ela se dispõe pelo mundo, identificando suas estruturas formais e suas localizações; até chegar à sua presença em Curitiba, tornou-se também um passo importante para a execução do trabalho.

Esta identificação acabou revelando a existência de territorialidades hierárquicas e de base dentro da Ordem Capuchinha, podendo traduzi-las como território ou territorialidade, quando relacionadas a outras estruturas.

Identificar cada obra capuchinha, apontar sua localização e defini-la estruturalmente proporcionou melhor efetivação e, posteriormente, avaliação das entrevistas realizadas com os freis capuchinhos sobre tais obras. Também facilitou o entrelaçamento da análise das entrevistas com o que dizem as Constituições Capuchinhas, permitindo que as relações presentes nestes espaços fossem mais bem delineadas.

Toda esta identificação só se tornou possível, quando cada um desses locais era entendido a partir do território próprio da Ordem, em que os agentes diretamente atuantes seriam os freis capuchinhos e que eles seriam considerados portadores do carisma franciscano que, incorporado, se tornaria *habitus*, e se faria cristalizado nas relações que a ordem desenvolve.

Assim, ao proporcionar uma investigação das paróquias capuchinhas, o convento, a casa provincial e a casa de oração, localizadas na cidade de Curitiba, o trabalho foi constatando as relações prioritárias que ocorrem em cada um destes, revelando se eram territórios ou territorialidades capuchinhas desenvolvidas a partir do carisma.

Sempre importa em cada análise, compreender a presença do carisma como força estruturante, como elemento justificador, para que as relações de poder, manifestadas a partir da relação com cada estrutura estruturada fossem mais bem expostas.

Seguindo inteiramente a idéia de que o carisma de Francisco se relacionava majoritariamente às três bases, Carisma e Igreja, Carisma e *Habitus* e Carisma e Fator Social, a pesquisa seguiu tentando identificar a presença, ou não, destas relações em cada um dos locais de presença capuchinha.

Buscou-se, demonstrar que todos os locais desenvolviam prioritariamente todas as relações bases, ou não, quer dizer, como cada um manifestava sua relação, a partir do carisma.

Todas as representações oriundas das entrevistas sobre cada um desses espaços, bem como das orientações encontradas nas Constituições Capuchinhas sobre tais locais, foram revelando quais as relações de poder se desenvolviam e eram ali mantidas.

Das duas paróquias estudadas, muito nítida ficou a relação de que ali o carisma fundamentava uma relação de obediência à Igreja em primeiro lugar. Era a cristalização de um ideal franciscano de servir sempre em primeiro lugar, à Igreja. Quero dizer, manter e expandir os projetos da Igreja, com o jeito de São Francisco.

Porém, passando adiante desta primeira relação de poder entre Igreja e Carisma, traduzidos como maneira de apropriação do carisma por parte de Igreja, era também necessário entender se existia em cada uma delas outra relação de poder possível.

No caso, restava entender como cada paróquia se relacionava com as outras relações básicas propostas teoricamente no trabalho.

Tratando-se da Paróquia Nossa Senhora das Mercês, a pesquisa revelou que, nesta paróquia, a relação parceira da Igreja é a do exercício e propagação do *habitus*; como ficou claro nas entrevistas, o trabalho dos frades nesta paróquia é fortemente um trabalho voltado à espiritualidade. Sendo assim, esta espiritualidade é uma espiritualidade franciscana: cada frades sendo um seguidor de Francisco. Assim, o seguidor de seu carisma incorpora-o e o exterioriza no seu modo de viver e orientar espiritualmente os outros. Então, todo o trabalho de caráter espiritual nas Mercês que se desenvolve vem permeado pelo carisma, manifestado no *habitus* de cada frades ali atuante.

Em contrapartida, na Paróquia Nossa Senhora da Luz e na Capela São Leopoldo Mandic, também a relação com a Igreja é imperativa; porém se configura com muita força a relação com o fator social, ao passo que se percebe que, nas entrevistas, há destaque muito grande ao trabalho de promoção social que lá é desenvolvido.

Neste aspecto, o carisma de Francisco se cristaliza na relação com os pobres, os necessitados, até mesmo assume responsabilidades que seriam do Poder Público.

Certamente, a presença do *habitus* se faz também nesses locais; porém não se constata nas entrevistas que os frades tenham somente uma preocupação em trabalhar com pessoas religiosas, ou adeptos do catolicismo. Há, sim, uma preocupação com o sujeito no seu lado material acima de tudo. Portanto, na Paróquia Nossa Senhora da Luz e na Capela São Leopoldo, as relações prioritárias são com a Igreja e com o Fator Social.

Seqüencialmente, o estudo deu margem à análise do Convento Nossa Senhora das Mercês e da Casa de Oração Santa Maria dos Anjos.

Após uma pequena exposição sobre cada um deles, fez-se uma busca nas constituições sobre orientações que estivessem voltadas a eles e também das entrevistas.

Nestes locais, ficou constatado, que possuíam pequenas diferenças quanto a sua funcionalidade; ficou claro que a relação prioritária neles era entre Carisma e *Habitus*.

Os dois espaços regulados pela orientação de que sejam esses somente locais internos da ordem, que sirvam para a vida dos freis, visando ao menor contato possível com pessoas externas à ordem, demonstra-se que, nesses locais, a vivência comunitária e individual de cada um é primordial.

Tais locais são como fontes que alimentam e fazem exercitar o *habitus* constituído em cada frei a partir do carisma de São Francisco. São lugares, onde se promove com maior força o desenvolvimento espiritual de cada um, seja ele no caráter coletivo da vida em fraternidade, seja ele na individualidade de cada um. São essencialmente territórios base da Ordem Capuchinha.

Por fim, como último local a ser analisado neste trabalho, restou a Casa Provincial. Reconhecidamente é um local de aspecto administrativo, orientador, pensante de toda a província; foi possível identificar que ali a relação que se

manifesta é uma relação também de Carisma e *Habitus*. Toda esta situação, ocorre devido ao fato de partirem dali todas as orientações que visam determinar as comunidades suas vivências espirituais, econômicas e sociais. Desta forma, tudo que é proveniente deste espaço determina o surgimento de relações de poder com as demais fraternidades. Porém percebe-se que todas as orientações são sempre baseadas no carisma de São Francisco. Portanto, ao passo que os líderes provinciais fazem suas escolhas, eles as fazem a partir de um *habitus* incorporado, e oriundo do carisma de Francisco. Deste modo, se reforça a relação Carisma e *Habitus*.

Por esta razão, ao final desta análise, demonstradas as relações de poder desenvolvidas e mantidas prioritariamente a partir do carisma como estrutura estruturante com as chamadas estruturas estruturadas, se constatou uma constituição de certas territorialidades e territórios específicos envolvidos a estas estruturas.

Todo este processo de relações acaba por revelar uma operacionalidade do conceito de carisma nos estudos geográficos, bem como das próprias estruturas a ele relacionadas. A potência articuladora do carisma, assim como sua capacidade fluida, faz dele um elemento facilitador na constituição de relações de poder. Portanto estudar e aprofundar estudos que o utilizem é adentrar mais ainda no mundo das relações de poder.

Não é só a geografia que se beneficia com um estudo cujo carisma é elemento fundamental. Outras áreas do conhecimento também ganhariam muito com o seu aprofundamento.

Vê-se também que a Igreja como instituição, bem como a própria Ordem Capuchinha, seriam beneficiadas com estudos desenvolvidos a partir do carisma por áreas do conhecimento, fora do aspecto teológico. Ajudaria muito a que estas elucidassem cada vez mais a força e aplicabilidade do poder carismático que possuem, desenvolvendo ainda mais a articulação do carisma em outros campos de ação.

A Igreja, por ser mantenedora de diversos carismas, teria nas mãos uma grande forma de manter e expandir seus domínios, sabendo entender a força de forma mais abrangente cada carisma. Saber a partir de ampla sistematização, dar-lhes oportunidade de e reorganizá-los a fim de permitir melhores condições de reforçar suas fronteiras e demografia.

Quanto às ordens religiosas em si, o fato de poder observar a ação do próprio carisma, interna e externamente, poderia dar às ordens melhor definição na construção do *habitus* dos seus agentes, ao passo que os agentes estariam bem articulados com o carisma; logicamente suas escolhas e vivência; também o estarão fazendo com que o carisma seja percebido externamente aos olhos de novos adeptos, que se sentiriam tocados por ele. Reforçaria a relação: estrutura estruturante / estruturada estruturada.

Percebe-se que a temática ainda pode ser explorada em vastos trabalhos, tanto dentro quanto fora da Geografia. Perceber que o carisma aponta em várias perspectivas como objeto a ser explorado nos meios científicos.

No caso específico da Geografia, com ênfase nos estudos sobre a religião pode-se pensar em aprofundar as relações, buscando atingir nos trabalhos vindouros a percepção dos leigos e leigas, os quais se utilizam desses territórios e territorialidades, dando maior capacidade relacional às análises que surgirem.

Assim, as análises poderiam sair do universo institucional e avançar para um meio mais consensual do cotidiano, abrindo caminho para uma percepção maior das reais dimensões do poder do carisma.

Como efeito, após as conclusões levantadas por meio deste trabalho, já se poderia pensar muito neste aspecto: como o carisma de São Francisco se mostrou muito bem incorporado nos frades capuchinhos, definindo territórios e territorialidades, pode-se pensar como ele age na vida das pessoas que o recebem indiretamente e se o mesmo ao estabelecer relações com essas pessoas, também pode produzir diferentes territórios ou territorialidades.

Eis, portanto uma nova frente a ser explorada pela geografia, dando mais uma oportunidade de operacionalização aos aspectos que circundam a dimensão do sagrado, nas questões científicas.

FONTES

Entrevista com Frei Cláudio Sturm, Ministro Provincial, em 19/07/2007.

Entrevista com Frei Alvadi Pedro Marmentini, Pároco da Igreja Nossa Senhora das Mercês, em 25/07/2007.

Entrevista com Frei Nelson Martins dos Santos, Vigário paroquial da Igreja Nossa Senhora das Mercês, em 25/07/2007.

Entrevista com Frei Ovídio Zanini, Vigário paroquial da Igreja Nossa Senhora das Mercês, em 25/07/2007.

Entrevista com Frei Dionynio Destéfani, Secretário Provincial, em 29/09/2007.

Entrevista com Arcebispo Da Arquidiocese de Curitiba Dom Moacyr José Vitti, em 28/11/2007.

Entrevista com Frei João Daniel Lovato, Ex- Ministro Provincial, hoje ecônomo e vigário da Capela São Leopoldo Mandic em 02/02/2008.

Entrevista com Frei Ivo Severiano Bonamigo, Guardião e vigário paroquial da Cap. São Leopoldo Mandic, em 02/02/2008.

Entrevista com Sra. Elisabete Cristina Loureiro, coordenadora do Centro Social Nossa Senhora da Luz dos Pinhas em 27/02/2008.

Entrevista com Frei Carlos Gonzaga Vieira, Guardião e pároco da Paróquia Nossa Senhora da Luz dos Pinhas em 26/03/2008.

Constituições Capuchinhas, Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, Lisboa, 1993.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

BOFF, Leonardo & PORTO, Nelson. **Francisco de Assis: O homem do paraíso**. 4 ed. Editora Vozes. Petrópolis. 1999.

BOFF, Leonardo. **Igreja: Carisma e Poder: Ensaio de Eclesiologia Militante**. Editora Ática, São Paulo. 1994.

_____. **São Francisco de Assis: Ternura e Vigor**. 7 ed. Editora Vozes. Petrópolis. 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **O Poder Simbólico**. 6ª edição. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.
CATÓLICA, Igreja. **Catecismo da Igreja Católica**. Editora Vozes, Edições Paulinas, Edições Loyola, Editora Ave-Maria. 1993.

CARISMA. In: Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1987, v. 3 - p.2077,

CLAVAL, Paul. O Tema da Religião nos Estudos Geográficos. In: **Revista Espaço e Cultura**, N.7, UFRJ, 1999.

_____. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

FICKELER, P. **Questões Fundamentais na Geografia da Religião**. In: Revista Espaço e Cultura, N.7, UFRJ, 1999.

GIL FILHO, S. F. Geografia Cultural: Estrutura e Primado das Representações. In: **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n 3. 1996 (dez).

GIL FILHO, S. F. **Geografia da Religião**: Reconstruções teóricas sob o Idealismo Crítico. 2007 In KOZEL, S., SILVA, J.C., GIL FILHO, S. (org.) Da Percepção e Cognição Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.p. 207-222.

_____. **Igreja Católica Romana**: Fronteiras do Discurso & Territorialidade do Sagrado. Tese (Doutor em História) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

GIL FILHO, S. F. Estruturas da territorialidade católica no Brasil. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de enero de 2006, vol. X, núm. 205. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-205.htm>> [ISSN: 1138-9788]. Acesso em 02/05/2008.

GIL FILHO, S. F. Por uma geografia do Sagrado. In: MENDONÇA, F, & KOEZEL, S. (ORG) **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**, Curitiba: Editora UFPR, 2002.

IMBRIGUI, G. **Elementos de Geografia Religiosa**. Editora Studium – Roma, 1961.

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (ORG.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 215-232.

KULAITIS, Leticia F. M. **A Trajetória social da Irmã Araújo**: Serviço e Contemplação. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letra e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**, tradução Marcos de Castro, 5ª ed. Rio de Janeiro: Record. 2001.

LINDHOLM. Charles. **Carisma**: Êxtase e perda de identidade na veneração ao líder. Tradução Carlos Augusto Costa Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

MERLO, Grado G. **Em nome de São Francisco**: história dos Frades Menores e do Franciscanismo até início do século XVI; tradução Ary E. Pinterelly. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OTTO, R. **O Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1992.

PAEGLE, Leilane de Moura. Espaços Femininos no Bairro das Mercês/Curitiba. Dissertação (Mestrado em Geografia) Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução Maria Cecília França. Editora Ática S.A., São Paulo, 1993.

RAMOS, David F. & AMBRÓSIO, Aldo. Max Weber e Michel Foucault: Uma Análise Sobre Poder. **Revista Universo Administração**, v 1, ano 1, p. 54-64, jun/dez 2006.

ROSENDAHL, Z. Território e territorialidade: Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. 2004.
Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/12.shtml>. Acesso em 15/06/2007.

SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**; tradução Frei Orlando A. Bernardi; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: Instituto Franciscano de Antropologia. 2006.

SAMMON. Seán D. SG. **Tornar Jesus Cristo conhecido e amado**; a Vida Apostólica Marista hoje. Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas. Volume XXXI – N ° 3 – Roma. 2006.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia**; conceitos e temas/ organizado por Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. 3 ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2001.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 1 Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. téc. de Gabriel Cohn, 3 edição- Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

_____, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 2 Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. téc. de Gabriel Cohn, 3 edição- Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

WEBER, M. **Max Weber**: Sociologia. Org. Gabriel Cohn; São Paulo: Ática, 1979.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

AMBRÓZIO, A; RAMOS. D.F. Max Weber e Michel Foucault: Uma análise sobre poder. **Revista Universo Administração**, v.1, Ano 1, p.54-64, jun./dez.2006.

BOBBIO, Norberto. **Estado,Governo,Sociedade: Para uma teoria geral da política**. São Paulo: Paz e Terra. 12ª edição. 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRÜSEKE, Franz Josef. **O Sagrado na modernidade Técnica**. Cadernos em pesquisa interdisciplinar em ciências humanas. n 70, Florianópolis, maio de 2005. ISSN 1678 7730

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Macarini, Tatiani. Manual do Voluntário. **Centro Social Nossa Senhora da Luz dos Pinhais**. Ed. 1. Junho/2006.

DERRIDA, Jacques. VATTIMO, Gianni. Organizadores. **A religião: o seminário de Capri**. São Paulo. Estação Liberdade, 2000.

LEBRUN, Gerard. **O que é o poder**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1992.

HEINZEN, Frei Daniel, FRIGO, Frei Luiz Antônio. **Conhecendo os Freis Capuchinhos**, Ponta Grossa-PR, 2000.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: Uma Revisão. **Espaço e Cultura**, n. 3. Rio de Janeiro, jan, 1997, p. 8-18.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Editora Paz e Terra S/A, São Paulo, 2006.

_____, Michel. **O nascimento da Clínica**. Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1998.

MONBEIG, P. **Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira**, São Paulo: Difel, 1957.

MORAES, A.C.R.(org) Ratzel, São Paulo: Ática, 1990.

ROSENDAHL, Z. CORREIA, Lobato. Organizadores. **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

SANTOS, M. (1999) **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 3ª edição. São Paulo: Hucitec.

SORRE, M. **Fundamentos da Geografia Humana**. São Paulo, Ática, 1984.

STURM. Frei Cláudio N. Atos. **Boletim da Província Capuchinha** de São Lourenço de Brindes do Paraná e Santa Catarina. Ano 38 – número especial: 2007.

SUÁREZ, Hugo José. Pierre Bourdieu y la religión. Sección Temática. **Relaciones** 108. otoño 2006. vol. XXVII

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

SITES CONSULTADOS

SITE DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

<<http://www.ocapuchinho.com.br/Links.php>> Acessado em: 13/03/2008.

SITE <<http://www.db.ofmcap.org/ofmcap/s2magazine/index1.jsp?idPagina=1280>>

SITE OFICIAL DA ORDEM DOS FRADES MENORES < <http://www.ofm.org/>>

Acessado em 25/5/2007.

SITE OFICIAL DA ORDEM DOS FRADES MENORES CONVENTUAIS

<<http://www.ofmconv.org/>> Acessado em 25/05/2007.

SITE OFICIAL DA PROVINCIA CAPUCHINHA SÃO LOURENÇO DE BRINDES

<<http://www.capuchinhosprsc.org.br>> Acessado em 20/05/2007.

FIGURAS 1, 2 e 3 < http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/giotto_francisco.htm>

Acessado em 19/05/2008.

FOTOGRAFIA 1 <<http://www.travelplan.it/img/assisi02.jpg>> Acessado em 19/05/2008.

FOTOGRAFIA 2 <<http://neiva.passuello.com.br/wp-content/uploads/la-porziuncola.jpg>>

Acessado em 19/05/2008.

FIGURA 5 < http://images.google.it/imgres?imgurl=http://www.assisivirtual.com/immagini/mappa_assisi.jpg&imgrefurl=http://www.assisivirtual.com/storia.html&h=300&w=450&sz=62&hl=pt-BR&start=21&um=1&tbnid=mlXySwYtcp0drM:&tbnh=85&tbnw=127&prev=/images%3Fq%3Dcitt%25C3%25A0%2Bde%2Bassisi%252Bantica%26start%3D20%26ndsp%3D20%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN > Acessado em 19/05/2008.

FIGURA 6 <<http://images.google.it/imgres?imgurl=http://www.assisimattonata.com/fig04.jpg&imgrefurl=http://www.assisimattonata.com/default.asp%3Faction%3Dstory&h=1154&w=800&sz=261&hl=pt-BR&start=49&um=1&tbnid=SC2I6yNVdByWjM:&tbnh=150&tbnw=104&prev=/images%3Fq%3Dcitt%25C3%25A0%2Bde%2Bassisi%252Bantica%26start%3D40%26ndsp%3D20%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN>> Acessado em 19/05/2008.

FOTOGRAFIA 3 <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d3/Assisi_Panorama.JPG/800px-Assisi_Panorama.JPG&imgrefurl=http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Assisi_Panorama.JPG&h=217&w=800&sz=39&hl=pt-BR&start=2&um=1&tbnid=6ZLObyKywnCHM:&tbnh=39&tbnw=143&prev=/images%3Fq%3Dassisi%252Bpanorama%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26lr%3Dlang_pt > Acessado em 20/05/2008.

FIGURA DE SÃO FRANCISCO

< <http://www.ciadaescola.com.br/zoom/imgs/311/image013.jpg>> Acessado em 22/05/2008.

ANEXO



Provincia Capuchinha São Lourenço de Brindes do Paraná-Santa Catarina (e Paraguai)
 Rua Alcides Manhães, 196 / Caixa postal 18.833 / 80410-968 CURITIBA-PR / Brasil / Tel. (041) 3335.2322 Fax (041) 3335.1687

AUTORIZAÇÃO

Eu, frei Claudio Nori Sturm, OFMCap, portador do documento RG 1.580.448-3 SSP-PR, declaro que autorizo a divulgação da entrevista que lhe concedi e a veiculação de sua reprodução em materiais gráficos, em sua dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias que, porventura, venham a ser utilizados, como forma de apresentação do seu trabalho de pesquisa. Se, casualmente, o material for usado para outros estudos, será necessária nova autorização.

Curitiba, 27 de setembro de 2007.

Frei Claudio Nori Sturm
 Frei Claudio Nori Sturm, OFMCap



 Ao Sr. MARCO AURÉLIO Ghislandi
 Rua Tamoios, 235
 CURITIBA-PR

AUTORIZAÇÃO

Eu, frei Alvadi Pedro Marmentini, OFMCap, portador do documento RG 713697-8 SSP-PR, declaro que autorizo a divulgação da entrevista que lhe concedi e a veiculação de sua reprodução em materiais gráficos, em sua dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias que, porventura, venham a ser utilizados, como forma de apresentação do seu trabalho de pesquisa. Se, casualmente, o material for usado para outros estudos, será necessária nova autorização.

Curitiba, 25 de setembro de 2007.


Frei Alvadi Pedro Marmentini, OFMCap

Ao Sr. MARCO AURÉLIO Ghislandi
Rua Tamoios, 235
CURITIBA-PR

AUTORIZAÇÃO

Eu, frei Nelson Martins dos Santos, OFMCap, portador do documento RG 3364.090.0 declaro que autorizo a divulgação da entrevista que lhe concedi e a veiculação de sua reprodução em materiais gráficos, em sua dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias que, porventura, venham a ser utilizados como forma de apresentação do seu trabalho de pesquisa. Se, casualmente, o material for usado para outros estudos, será necessária nova autorização.

Curitiba, 25 de setembro de 2007.

Frei Nelson Martins dos Santos, OFMCap

Ao Sr. MARCO AURÉLIO Ghislandi
Rua Tambois, 235
CURITIBA-PR

AUTORIZAÇÃO

Eu, frei Ovidio Zanini,
OFMCap, portador do documento RG 288.412-PR, declaro
que autorizo a divulgação da entrevista que lhe concedi e a
veiculação de sua reprodução em materiais gráficos, em sua
dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias
que, porventura, venham a ser utilizados, como forma de
apresentação do seu trabalho de pesquisa. Se, casualmente, o
material for usado para outros estudos, será necessária nova
autorização.

Curitiba, 25 de setembro de 2007.

Frei Ovidio Zanini, OFMCap

Ao Sr. MARCO AURÉLIO Ghislandi
Rua Tamoios, 235
CURITIBA-PR



Provincia Capuchinha São Lourenço de Brindes do Paraná-Santa Catarina (e Paraguai)
Rua Alcides Munhoz, 190 / Cx postal 18.833 / 80410-980 CURITIBA-PR / Brasil / Tel. (041)3335.2323 Fax(041) 3335.1087

AUTORIZAÇÃO

Eu, frei Dionysio Destéfani, OFMCap, portador do documento RG 272.380 SSP-PR, declaro que autorizo a divulgação da entrevista que lhe concedi e a veiculação de sua reprodução em materiais gráficos, em sua dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias que, porventura, venham a ser utilizados, como forma de apresentação do seu trabalho de pesquisa. Se, casualmente, o material for usado para outros estudos, será necessária nova autorização.

Curitiba, 29 de setembro de 2007.


Frei Dionysio Destéfani, OFMCap



Ao Sr. MARCO AURÉLIO Ghislandi
Rua Tamoios, 235
CURITIBA-PR

AUTORIZAÇÃO

Eu, + MOACYR JOSÉ VILLI
_____, portador do documento RG.
no. 3.900-582-7 declaro que autorizo a
divulgação da entrevista que lhe concedi e a veiculação de sua reprodução em materiais
gráficos, em sua dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias que,
porventura, venham a ser utilizadas, como forma de apresentação do seu trabalho de
pesquisa.

Curitiba 28/11/2007
Local e data

Assinatura + Moacyr José Villi



AUTORIZAÇÃO

Eu, Sei João Daniel Lavro, OF U cap
_____, portador do documento RG.
no. 987 153-8 declaro que autorizo a
divulgação da entrevista que lhe concedi e a veiculação de sua reprodução em materiais
gráficos, em sua dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias que,
porventura, venham a ser utilizadas, como forma de apresentação do seu trabalho de
pesquisa.

Cunitiba, 2 de fevereiro de 2008
Local e data

João Daniel Lavro
Assinatura

AUTORIZAÇÃO

Eu, Severino Bonamico
(Frei Pro), portador do documento RG.
no. 281.781 declaro que autorizo a
divulgação da entrevista que lhe concedi e a veiculação de sua reprodução em materiais
gráficos, em sua dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias que,
porventura, venham a ser utilizadas, como forma de apresentação do seu trabalho de
pesquisa.


Curitiba, Santuário 01.02.2008
Local e data

Frei Pro Severino Bonamico
Assinatura

AUTORIZAÇÃO

Eu, Elisabete Cristina Loureiro, assistente administrativo, portador do documento RG nº 1.766.784 SC, declaro que autorizo a divulgação da entrevista que lhe concedi e a veiculação de sua reprodução em materiais gráficos, em sua dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias que, porventura, venham a ser utilizados, como forma de apresentação do seu trabalho de pesquisa. Se, casualmente, o material for usado para outros estudos, será necessária nova autorização.

Curitiba, 27 de fevereiro de 2008.

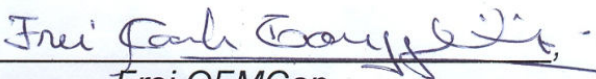

Assistente Administrativo

Ao Sr. MARCO AURÉLIO Ghislandi
Rua Tamoios, 235
CURITIBA-PR

AUTORIZAÇÃO

Eu, Frei Carlos Gonzaga Vieira, OFMCap, portador do documento RG nº 00001378799/SC, declaro que autorizo a divulgação da entrevista que lhe concedi e a veiculação de sua reprodução em materiais gráficos, em sua dissertação de Mestrado da Geografia da UFPR, e demais mídias que, porventura, venham a ser utilizados, como forma de apresentação do seu trabalho de pesquisa. Se, casualmente, o material for usado para outros estudos, será necessária nova autorização.

Curitiba, 26 de março de 2008.


Frei OFMCap

Ao Sr. MARCO AURÉLIO Ghislandi
Rua Tamoios, 235
CURITIBA-PR